

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
MESTRADO**

**AS APROPRIAÇÕES E OBJETIVAÇÕES DO CONTEÚDO JUDÔ
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

MARCO ANTONIO LIMA RIZZO

MARINGÁ
2011

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**AS APROPRIAÇÕES E OBJETIVAÇÕES DO CONTEÚDO JUDÔ NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Dissertação apresentada por MARCO ANTONIO LIMA RIZZO, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:
Prof. Dr.: JOÃO LUIZ GASPARIN

MARINGÁ
2011

MARCO ANTONIO LIMA RIZZO

**AS APROPRIAÇÕES E OBJETIVAÇÕES DO CONTEÚDO JUDÔ NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Luiz Gasparin (Orientador) – UEM

Prof. Dra. Nerli Nonato Ribeiro Mori – UEM

Prof. Dra. Elza Margarida de Mendonça Peixoto – UEL

Abril/2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

R627a Rizzo, Marco Antonio Lima
As apropriações e objetivações do conteúdo Judô nas aulas de Educação Física Escolar/ Marco Antonio Lima Rizzo. -- Maringá, 2011.

204 f

Orientadora: Prof. Dr. João Luiz Gasparin.

Dissertação (Mestrado em Educação - Área de concentração - Educação, Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.

1. Educação Física Escolar - Judô 2. Sistematização do conteúdo Judô 3. Pedagogia do ensino escolar de Judô 4. Cultura corporal - Judô I. Gasparin, João Luiz, orient. II. Universidade Estadual de Maringá... III. Título.

CDD. 21.ed.: 796.8152

Dedico este trabalho aos meus avós: Clotilde Pereira (*in memorian*), João Lima (*in memorian*), Angela Rossi Rizzo (*in memorian*), Onofre Rizzo; aos meus pais: Antonio Constante Rizzo, Isete Marina Lima Rizzo; aos meus irmãos: Márcia Regina Lima Rizzo, Mario Antonio Lima Rizzo e Marcel Antonio Lima Rizzo.

AGRADECIMENTOS

A Carlos Henrique Ferreira Magalhães, que muito contribuiu para meu ingresso no Programa de Mestrado e debateu comigo algumas ideias, pensamentos e sentimentos no decorrer desta obra;

Ao Colégio Municipal de Joinville, SC, à Secretaria Municipal de Educação e ao professor regente da turma, pelo espaço cedido para a realização desta pesquisa;

Aos alunos participantes da pesquisa e aos não-participantes, que no decorrer das aulas estiveram sempre dispostos a participar, recebendo-me com muito carinho e ternura;

Ao Instituto Federal Catarinense, *campus* de Araquari, que possibilitou-me grande experiência profissional e pessoal com o cargo a mim oferecido;

Aos alunos do Instituto Federal Catarinense, *campus* de Araquari, que mesmo com desavenças e conflitos, respeitaram-me e confiaram em minhas decisões;

Ao professor e músico Luis Gonzaga da Silva (vulgo Garga Groove), que trabalhou comigo no ano em que morei em Joinville e sempre se mostrou uma pessoa de um grande espírito e muito parceiro;

A João Luiz Gasparin e ao corpo docente e funcionários do Programa de Mestrado, que buscaram ministrar as aulas e realizar suas atividades da melhor forma possível, oferecendo subsídios teóricos para esta reflexão;

As minhas cadelas: Mu, por toda a alegria, disposição, ânimo e energia; a Pinty, pela animação, falta de noção e trapalhadas; a Luvinha, pela delicadeza, carinho e sorrisos;

A família Gazarini, que acolheu-me e me recebeu-me em sua casa sempre de forma muito atenciosa, cordial, carinhosa e acolhedora;

Aos meus amigos do escoteiro e aos que moram na minha rua, que me proporcionam sempre momentos de risadas e nostalgia;

A Janaina Gazarini, que me inspirou em diversos momentos e reflexões deste trabalho, sempre me motivando, fazendo-me pensar em diversas questões da humanidade, apoiando-me quando estive em dúvidas, conversando quando me senti solitário, brigando quando foi preciso e dedicando-me parte do seu tempo, sorridente e animada sempre que possível, sincera em suas opiniões, companheira quando necessário, acolhedora em momentos de desespero, carinhosa quando encontrava-me ferido e parceira nos momentos de diversões e festas.

À medida que se progride no estudo do judô, o sentido de confiança em si mesmo, base do equilíbrio mental, se desenvolve.

(Sensei Jigoro Kano)

RIZZO, Marco Antonio Lima. **As Apropriações e Objetivações do Conteúdo Judô nas Aulas de Educação Física Escolar**. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: João Luiz Gasparin. Maringá, 2011.

RESUMO

O Judô enquanto uma prática corporal, por suas múltiplas relações com a sociedade, deve estar inserido na escola, ainda que de forma precária e parcial. Esse conteúdo permite que os alunos compreendam alguns dos motivos da criação das lutas que, em sua origem, tinham como objetivo matar outro ser social. O Judô, hoje, possibilita vislumbrar como o desenvolvimento tecnológico fez com que as lutas ocupem outra posição na sociedade. O Judô é uma temática clássica da Cultura Corporal. Entretanto, para incluir e legitimar esse conteúdo nas escolas brasileiras, a melhor forma é adotar uma perspectiva que não priorize somente o *saber fazer*, mas sim uma pedagogia lastreada na ciência histórica, na qual teoria e prática são encaminhadas em harmonia. Tal pedagogia tem por função compreender o desenvolvimento histórico da sociedade e apontar caminhos para a construção de um novo tipo de sociabilidade que não zele pela produção de bens materiais e intelectuais, explorando homem pelo homem. A legitimação desse conteúdo no âmbito escolar é importante devido ao fato de o Judô possibilitar a leitura da realidade complexa da sociedade e um conhecimento que permite uma formação mais humana dos alunos. Nesse sentido, para compreendermos o processo pedagógico de ensino vivenciado pelos alunos e pesquisador, o qual possuía uma perspectiva de promover uma formação mais humana e permitir que os educandos entendessem a complexa realidade social em que vivem, buscamos analisar quais as problemáticas das apropriações e objetivações do conteúdo Judô nas aulas de Educação Física Escolar. A pedagogia adotada nas aulas ministradas foi a Pedagogia Histórico-Crítica em Educação e a abordagem Crítico-Superadora em Educação Física, pois ambas defendem uma proposta de ensino em que os alunos não se limitem apenas no *saber fazer* e zelam pela dimensão histórica dos conhecimentos humanos. Dessa forma, a visão de totalidade não fragmentada da realidade é levada aos estudantes do modo mais consistente possível. Para isso, apresentamos aspectos fundamentais desse conteúdo, entendendo que estes propiciam um passo importante para legitimá-lo na escola. Para responder ao problema da pesquisa, discorreremos no marco teórico, acerca de uma concepção de Judô e delineamos um norteamento de seus possíveis fundamentos que legitimam essa temática na prática escolar. Na análise de dados, evidenciamos o embate do conceito de luta no senso comum em contrapartida ao conceito sistematizado de luta. Procuramos também realizar uma análise dos jogos empregados para mostrar o desenvolvimento histórico dessa prática corporal. Nas considerações finais, apresentamos, sucintamente, a interação da teoria com a prática no processo de ensino e aprendizagem do Judô. Ficou bastante evidente o crescimento dos educandos relativo à sua prática social inicial e final. Sugerimos, ainda, os elementos que o Judô deve desenvolver em sala de aula, para que o estudante compreenda as diferenças essenciais entre as práticas corporais e como elas se legitimam na sociedade capitalista.

Palavras-chave: Educação; Educação Física Escolar, Cultura Corporal, Sistematização de Conteúdo e Judô.

RIZZO, Marco Antonio Lima. The Appropriation and Objectivations of Content Judo in Lessons of Physical Education. 202 f. Dissertation (Master in Education) - State University of Maringá. Supervisor: João Luiz Gasparin. Maringá, 2011.

ABSTRACT

Judo as a corporal practice, due to its relationship with society, should be taught at school, albeit it has to be adapted to the school infrastructure or be taught partially. Its content will allow students to understand the meaning behind the creation of the fights as it originally intended to kill another person. Nowadays, Judo provides us with the possibility to understand how the technological development made the fight be placed differently in society. Judo is a classical theme in Corporal Culture however to be able to legitimate its content (philosophy) in the Brazilian schools we should adopt a perspective that prioritizes not only the *know how*, but one that is backed in historical science and in which theory and practice are taught in harmony. Therefore to comprehend the pedagogical process experienced by the students and the researcher and aiming at a more human formation that allow the educator to see the complex social reality we live in, we intend to analyse the problematic appropriation and objections of the Judo as a discipline in a school classroom. It will be introduced some fundamental aspects about this content in order to facilitate the approval of its use in the classroom. To answer the research problem we will present a concept and will delimitate its principals in a practical school environment. Analysing the data, it can be noticed that the fight concept in the common sense goes against the systematized concept. We are also analysing the games used to show the historical development of the corporal practice. Toward the end of the work, we briefly show the interaction between theory and practice in the teaching process as well as in the learning process where it became clear the social growth among the students at the beginning and in the end of the study. Suggestions are given regarding how Judo should be developed in the classroom so the students can understand the main difference among the corporal practices as well as how it can be validated in society.

Keywords: Physical Education, Body Culture, Systematization of Content and Judo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. JUDÔ COMO UM ELEMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA.....	18
2.1. O JUDÔ NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRIMEIROS PASSOS PARA SUA LEGITIMAÇÃO ENQUANTO CONTEÚDO DE ENSINO.....	18
2.2. POSSÍVEIS FUNDAMENTOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA TRANSFORMADORA DO JUDÔ NA ESCOLA.....	32
2.2.1. O Contexto da Prática Pedagógica: algumas considerações sobre o homem, a educação e o professor.....	35
2.2.2. Fundamentos da Prática Pedagógica na Escola: o Judô como tema a ser abordado.....	50
2.2.3. O Judô Enquanto Legitimador da Cultura Corporal.....	53
2.2.4. Uma Proposta Sistematizada de Ensino de Judô para a Escola Brasileira.....	55
2.2.5. Judô: um possível início para uma prática na perspectiva Crítico-Superadora.....	57
3. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA EMPÍRICA.....	63
3.1. CONCEITO DE LUTA: CONFRONTANDO O SABER EMPÍRICO COM O SABER SISTEMATIZADO.....	73
3.2. COMPREENDENDO A APROPRIAÇÃO DOS ASPECTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS DO JUDÔ: O APRENDIZADO POR MEIO DO JOGO.....	93
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
5. REFERÊNCIAS.....	118
6. APÊNDICES: MODELOS DE PLANOS DE AULAS APLICADAS E TRANSCRIÇÕES DAS AULAS CITADAS E REFERENCIADAS NO CORPO DO TEXTO.....	122
APÊNDICE A – MODELO DE PLANO DE AULA TEÓRICA.....	123
APÊNDICE B – MODELO DE PLANO DE AULA TEÓRICO-PRÁTICA..	124

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA AULA, DIA 16/03/2010.....	126
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA AULA, DIA 23/04/2010.....	144
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA AULA, DIA 04/05/2010.....	164
APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA AULA, DIA 18/06/2010.....	183
7. ANEXOS.....	201
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	202
ANEXO B – CARTA AO COMITÊ DE ÉTICA.....	204

1. INTRODUÇÃO

Durante minha trajetória em Licenciatura Plena em Educação Física, concluída na Universidade Estadual de Maringá em 2006, identifiquei-me com os estudos pertinentes às áreas de Educação e à área pedagógica da Educação Física, buscando sempre uma fundamentação rigorosa que justificasse minha prática docente. No período da graduação, participei do Projeto de Extensão Cultura do Movimento Corporal na Promoção da Saúde na modalidade esportiva Judô, prática desportiva que pratico desde a infância, contribuindo assim para minha formação acadêmica, profissional e humana enquanto professor. Essa experiência possibilitou-me entrar em contato com a realidade sob outro prisma, o de professor.

Como admirador da prática corporal que praticava, optei por desenvolvê-la como tema central do trabalho de conclusão de curso de Educação Física. Entretanto, também interessava-me a área de Educação Física Escolar, julgando oportuno trabalhar ambos os temas naquela monografia, considerando que as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008) apontavam o Judô como um dos possíveis conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física, e essa prática pode ser muito benéfica à formação dos estudantes. Assim, o tema escolhido para o trabalho de término de curso foi *A Participação do Judô nas Aulas de Educação Física Escolar*. Naquela pesquisa, contextualizamos a história da Educação Física desde o seu surgimento como instituição escolar até as atuais concepções e propostas da Educação Física.

Na monografia, assinalamos que a Educação Física surgiu juntamente com o sistema de ensino burguês e que, naquele período, iniciou-se também um novo modo de produção: o capitalismo, o que determinou a construção de um sujeito mais forte, ágil e empreendedor. Esse sistema emergia contra o Feudalismo e a soberania da Igreja Católica. O novo sistema consiste basicamente na exploração do homem pelo homem, isto é, de uma classe burguesa dominante sobre outra classe trabalhadora, explorada. No entanto, para que isso ocorresse com segurança, a classe dominante necessitava zelar pela situação, e um dos meios utilizados foi a colocação de obstáculos para dificultar a reflexão da classe trabalhadora. Esse fato, porém, não impediu que essa classe formulasse uma consciência de seus direitos e começasse a reivindicar melhorias nas condições de trabalho, a lutar por condições mais dignas de vida, buscando outro modo

de produção que não fosse regido pelo Estado, pelo capital e pelo trabalho alienado (ANTUNES, 1999).

Nesse contexto, a Educação Física foi utilizada como um meio para alcançar tais objetivos, capacitando o sujeito para um trabalho alienado/estranhado. Portanto, segundo Soares (1994), a Educação Física se ocupou de um corpo a-histórico e indeterminado, estudado apenas sob a ótica da anatomia e da fisiologia, salientando que essa disciplina deve ser meticulosamente estudada e cientificamente explicada.

Dessa forma, a Educação Física tinha um caráter conservador e acrítico, não devendo questionar as leis do capital tampouco a ciência pautada no positivismo, a qual tinha como meta privilegiar a nova configuração dessa sociedade. As bases dessa ciência eram dadas pela observação, experimentação e comparação, fazendo com que o homem fosse definido apenas nos limites biológicos. Assim, as diferenças ocorridas entre os homens eram explicadas pelo processo de seleção natural, pregado e difundido por Charles Darwin, e as desigualdades sociais eram explicadas em nome do progresso e da hierarquização (SOARES *et al.*, 1992 e SOARES, 1994).

Na continuidade daquela monografia, tratamos das influências sofridas pela Educação Física no decorrer do tempo, passando, em sua história, por uma crise de identidade. Essa crise nada mais era do que fruto da ausência de um objeto científico de estudo específico, criando obstáculos para essa área de conhecimento se firmar como prática pedagógica. Bracht (2003) afirma que a Educação Física não é uma ciência, porém dela necessita para fundamentar sua prática. Ele a classifica como uma prática pedagógica que deve se utilizar de diversos conhecimentos científicos para sua fundamentação.

A impossibilidade da Educação Física em ser ciência em nada muda a sua importância para sociedade, até porque ela emergiu no início do sistema econômico moderno fundamentando-se em disciplinas científicas, predominantemente a Fisiologia e a Anatomia. Em sua obra, Bracht (2003) aponta alguns autores que consideram a Educação Física como uma ciência, a ciência do movimento humano. São eles: Edilson Manoel, Jorge Go Tani, Eduardo Kokubun e José Proença. Todavia, o que faz com que a Educação Física não seja uma ciência é o fato de não ter um objeto específico de estudo e um método científico próprio de investigação (BRACHT, 2003). Mesmo considerando o movimento humano como objeto de estudo, ora pode ser fundamentado

sob a ótica da Psicologia, ora pela ótica da Biologia. Desta forma, a Educação Física não poderia ser enquadrada enquanto ciência humana, biológica ou até mesmo exata.

A Educação Física, por não se configurar como ciência, mas como um conhecimento produzido pelo homem, é parte da cultura humana, e na escola deve ser encarada como prática pedagógica, a qual deve se fundamentar não apenas nas ciências, mas nos conhecimentos artísticos e filosóficos, para que a intervenção do professor seja a mais coerente e consistente possível no que diz respeito ao caráter político e ideológico, levando o estudante a uma compreensão mais concreta e/ou objetiva da realidade e das suas múltiplas relações.

A partir dessa crise de identidade, surgem novas propostas de abordagens na Educação Física; uma delas é a Crítico-Superadora, que tem suas raízes pautadas na Pedagogia Histórico-Crítica (SOARES *et al.*, 1992). Em uma das principais obras que representa essa vertente político-ideológica, intitulada *Metodologia do Ensino de Educação Física*, dos autores Carmen Lúcia Soares, Celi Neuza Zülke Taffarel, Elisabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht, notamos, por diversas vezes, autores que defendem essa mesma vertente na Psicologia, que seria a Teoria Histórico-Cultural, usando o pensamento de autores como Alexei Leontiev, Aleksander Luria e Lev Vigotski. A escolha dessa abordagem para esta dissertação se deu em virtude da compreensão histórico-social das atividades e conhecimento humanos e, no caso da Educação Física, a Cultura Corporal, não somente pela compreensão histórica das práticas corporais dos homens, mas também pelo viés político-ideológico, que busca uma superação dos modos de produção e outro tipo de sociabilidade.

Na monografia, observamos também que a Educação Física, que tem por características ensinar as habilidades técnicas das modalidades desportivas, restringiria a aula para o desenvolvimento da aptidão física. Por conseguinte, a inserção do Judô, conforme essa concepção de Educação Física, ficaria limitada ao argumento de que a ausência de materiais específicos e um espaço físico próprio impossibilitaria a aplicação de alguns conteúdos dessa modalidade na Educação Física Escolar. Em outras palavras, o Judô só poderia ser inserido na escola quando as condições materiais e físicas existissem. Todavia, na concepção Crítico-Superadora em Educação Física, essa

temática possui condições de ser lecionada e os seus conhecimentos históricos transmitidos aos alunos mesmo que de forma precária (RIZZO, 2006).

Esse fato foi evidenciado na monografia, pois embora essa prática seja parcial, a apropriação do conhecimento pelos alunos permitiu-lhes vivenciarem alguns conflitos e questionarem a sua realidade. O processo de ensino-aprendizagem vivido pelos alunos possibilitou subsídios na construção de sua identidade, indicando que o currículo escolar deve contemplar tais princípios. O currículo também deve permitir a abordagem de tal temática e condições para promover a consciência de classe do aluno. O desenvolvimento dessa prática deve ser algo prazeroso para os alunos, em que os indivíduos devem respeitar-se mutuamente para que não haja contradições entre os princípios histórico-filosóficos do Judô e a prática escolar (RIZZO, 2006).

A sistematização de um conteúdo de ensino é um passo importante para que este adquira perspectivas significativas de ser trabalhado nas escolas. Pelo fato de o Judô ser um elemento da Cultura Corporal, e esta última possuir grandes dificuldades de ser implementada na maioria das escolas brasileiras, isto tem obstruído, por diversas vezes, o seu ensino. Os motivos são diversos, desde um ensino inadequado ministrado aos futuros professores no período em que cursaram o nível superior até a precariedade da realidade dos ensinos Fundamental e Médio com pouca estrutura física e material, inibindo a vontade de enfrentar os obstáculos. A escolha de uma perspectiva crítica e de uma pedagogia dialética possibilita-nos um desenvolvimento dessa temática, mesmo de forma precária, tendo em vista que o mais importante do conteúdo não é apenas o *saber fazer*.

O conteúdo Lutas, assim como os demais da Cultura Corporal, permite abordar os problemas enfrentados na sociedade sem que tenhamos que sacrificar a prática corporal encontrada em diversas modalidades de lutas, de dança, de esportes, entre outras, em que cada uma possui o seu desenvolvimento histórico e a evolução do seu significado/sentido entre os homens. Na obra de Soares *et al.* (1992), os autores elucidam o trato pedagógico de algumas temáticas da Cultura Corporal, tais como o Jogo, o Esporte, a Capoeira, a Ginástica e a Dança. No caso do Jogo, da Dança e da Ginástica, em cada uma dessas temáticas são apontados alguns critérios que devem ser levados em conta ao aplicar o conteúdo. Esses critérios são inseridos conforme o ciclo de escolarização em que o aluno se encontra, antecedidos de um esclarecimento do que

é o assunto em questão. Após a exposição dos critérios, é explicitado, de forma sucinta, como abordar o conteúdo.

Na temática Esporte, inicialmente os autores fazem uma breve reflexão acerca dessa prática social e, posteriormente, apresentam formas de como abordar algumas das modalidades esportivas. No entanto, quando abordam o conteúdo Lutas, esses autores não expõem de forma satisfatória o trato desse conhecimento; apenas apresentam um brevíssimo resumo da Capoeira, anunciando que se deve resgatar essa luta enquanto uma manifestação histórica-cultural vinculada ao movimento político que a gerou. No que se refere ao Judô, são dedicadas apenas 3 (três) linhas que alertam sobre um despojamento dos significados culturais dessa prática e a realização de forma exclusivamente técnica. Sendo assim, esses autores não apresentaram uma exposição mais detida do conjunto de saberes que a humanidade vem acumulando nesse âmbito, no caso o conteúdo Lutas, e nem nos fornecem subsídios suficientes para trabalhar com essa temática na escola na especificidade que essa prática possui.

As reflexões contidas nesta dissertação procuram aproximar o leitor das objetivações e apropriações do conteúdo Judô, no contexto escolar, objetivando uma compreensão das objetivações e apropriações do conteúdo Judô e propor uma sistematização inicial. Ou seja, a sistematização, exposta no final desta pesquisa, representa uma proposta de ensino para crianças de 1^a a 3^a séries do Ensino Fundamental.

O problema que norteou esta pesquisa foi assim formulado: quais as apropriações, por parte dos alunos, e objetivações do conteúdo Judô contribuem, por meio do método dialético da Pedagogia Histórico-Crítica, na fundamentação de uma proposta pedagógica sistematizada do conteúdo Judô que pertence à temática Lutas na Educação Física Escolar, com vistas a formar um ser social mais humano e com capacidade de ler a realidade complexa dentro das limitações da escola brasileira?

Para responder a essa indagação, apresentamos, na primeira seção, o marco teórico, no qual delimitamos uma concepção de conteúdo Judô e delineamos um norteamento dos seus possíveis fundamentos que legitimam essa temática na prática escolar. Buscamos, também, relacionar o Judô com uma Educação Física e uma Educação que possuam uma concepção e fundamentação pautadas no materialismo histórico-dialético.

No segundo capítulo, na análise de dados da pesquisa empírica, debatemos o conceito de luta em oposição ao conceito sistematizado de luta. Procuramos, igualmente, realizar uma análise dos jogos empregados no momento de ensinar a história dessa prática corporal e a sua evolução até os tempos modernos. Essas análises possibilitaram verificar o que os alunos interiorizaram do conteúdo e o que ainda precisa ser refletido e aprimorado em futuras sistematizações e aplicações dessa temática ou até mesmo o que necessita ser pesquisado do conteúdo lutas, tanto na sociedade contemporânea como na história da humanidade, evidenciando os seus nexos estreitos com a produção da existência dos homens ao longo do desenvolvimento histórico da sociedade.

Nas considerações finais, pontuamos que é possível o ensino atual do Judô e o seu desenvolvimento histórico mediante atividades e jogos lúdicos, porque é por meio destes que o estudante visualiza as condições de existência e algumas relações da luta com a sociedade. À medida que o aluno compreende as diferenças essenciais entre as práticas corporais e o motivo de sua origem até a legitimação na sociedade moderna, o processo deve permitir que ele entenda como a sociedade contemporânea condiciona tais práticas e as usa para a legitimação da sociedade burguesa.

2. JUDÔ COMO UM ELEMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Neste capítulo, objetivamos apresentar alguns fundamentos que nortearam a preparação das aulas que ministramos na escola em que realizamos a pesquisa. Mostramos também a síntese de algumas pesquisas sobre a temática Judô vinculadas à escola e ao Judô propriamente dito. Buscamos, ainda, formular um conceito sobre a Luta em questão e os fundamentos básicos que legitimam o Judô como um conteúdo escolar.

O embasamento teórico no qual acreditamos, e que constitui a possibilidade e a importância do ensino dessa modalidade na Educação Física Escolar, é diferente das finalidades e intencionalidades do Judô enquanto uma prática corporal fora da escola. Portanto, entendemos que a prática desportiva na escola não tem a mesma função social que a atividade corporal praticada fora dela.

2.1. O JUDÔ NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRIMEIROS PASSOS PARA SUA LEGITIMAÇÃO ENQUANTO CONTEÚDO DE ENSINO

O Judô, enquanto prática corporal, também pode ser trabalhado como um conteúdo da Educação Física Escolar, contribuindo, no caso do Brasil, para as definições epistemológicas da Educação Física Escolar. O Judô, como um dos conteúdos da Educação Física, pode ser considerado como um clássico da Cultura Corporal, que contribui significativamente na formação humana de crianças, adolescentes e adultos na escola. A temática Lutas¹ é um conteúdo que, muitas vezes, não é lecionado nas aulas de Educação Física Escolar. No caso do Judô e outras Artes Marciais, essa temática ainda é mais crítica, pois há pouca discussão em eventos e publicações científicas, como revistas e periódicos, sobre a sua inclusão na escola. No

¹ No decorrer da pesquisa, utilizaremos as palavras “Luta(s)” e “luta(s)”. No primeiro caso, estamos nos referindo ao conteúdo escolar, e no segundo, referimo-nos ao combate em si ou na prática corporal fora escola.

entanto, atualmente o Judô vem sendo considerado por muitos pais, médicos e educadores como um meio eficaz de educar e ensinar valores morais aos jovens, para que estes possam ter uma vida bem sucedida². As lutas, no decorrer dos últimos anos, como podemos observar no cotidiano, ganharam certo espaço na mídia, seja por transmissões televisivas de campeonatos, seja por jogos de simulação no computador. No âmbito educacional ou de lazer, as lutas já constituem, de forma significativa, parte da cultura humana e atividade formadora de homens, acessível a diversas pessoas no Brasil. Essa cultura, porém, não surgiu de forma casual entre os homens, sendo fruto da necessidade dos homens de se defenderem em um combate corporal entre si.

O conteúdo/conhecimento tratado pela Educação Física, de forma pedagógica na escola, é denominado Cultura Corporal, configurado em temas como Jogo, Luta, Dança, Esporte, Ginástica, Mímica, entre outros. A Cultura Corporal é uma construção histórico-social do ser humano, que dispõe de uma intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético, entre outros, sendo representações, ideias e conceitos produzidos pela consciência social que podem ser chamados de significações objetivas. A Cultura Corporal pode ser considerada como existente na realidade contemporânea do homem; todavia o homem não nasce correndo, saltando, jogando ou arremessando; essas atividades vão sendo aprendidas por ele, sendo construídas em um determinado período histórico para suprir uma necessidade do homem em seu tempo, portanto, formam uma materialidade corpórea que pode ser modificada e transformada gradativamente para atender as suas novas necessidades (SOARES *et al.*, 1992).

O Judô e as demais Lutas, nesse sentido, não diferem das outras práticas corporais que vêm se modificando gradativamente para atender às novas necessidades do mundo em que o ser social está inserido. Um fato simples que nos mostra essa modificação no Judô é a inclusão do *Judô-Gi* (vestimenta para luta) na cor azul, para fins televisivos e para contribuir/facilitar na arbitragem da Luta. Surgiu também a necessidade de estabelecer regras sobre as medidas da vestimenta de luta (*Judô-Gi*) em virtude do abuso de atletas com *Judô-Gi* de tamanhos pequenos para ter vantagem sobre

² As Lutas na Educação Física são um conteúdo já apontado desde 1937 por Fernando de Azevedo (1960) como uma prática corporal importante na formação educacional de jovens escolares. Em sua obra, o autor faz uma alusão ao método de Educação Física japonês, que se utilizava do Jiu-Jitsu como meio de formação de escolares, comparando a importância dessa luta na escola com o método de Educação Física sueco, que se utilizava da Ginástica como meio de formação de escolares.

o oponente durante o combate. Essas mudanças e necessidades, que são passíveis de serem analisadas e compreendidas, passaram a existir por conta dos conflitos entre os valores da sociedade e a filosofia empregada nessa Luta, no caso, vencer a qualquer custo utilizando de subterfúgios vantajosos que fogem dos princípios do Judô. Independentemente do que ocorre nessa ou em outras práticas, a necessidade que legitima as lutas no interior da nossa sociedade, geralmente, não é muito clara aos praticantes e espectadores desse fenômeno corporal. Não raramente, nem é consciente para quem ministra ou promove o desenvolvimento dessas práticas corporais; ainda, muitas vezes, encontram-se dificuldades em articular as necessidades históricas das lutas na sociedade com a necessidade da luta na contemporaneidade.

O Judô, em um sentido mais restrito, faz parte dos conteúdos tratados na Educação Física Escolar, e assim como os outros temas, possui suas especificidades. O que caracteriza essa modalidade desportiva como luta é seu objetivo em dominar o adversário por meio de quedas (*Nague-Waza*), imobilizações (*Ossae-Komi*), estrangulamentos (*Shime-Waza*) e chave-de-braço (*Kansetsu-Waza*), zelando pela integridade física de seu oponente. O Judô é uma luta cercada de princípios filosóficos e técnicos condicionados por fatores históricos do antigo Japão, tendo como fundador o *Sensei* Jigoro Kano, que visava ao desenvolvimento integral do ser humano. Neste momento da dissertação, atribuímos-lhe uma caracterização da luta, considerando luta como prática corporal. Mais adiante, trabalharemos o conceito de Judô com um sentido mais amplo, esclarecendo alguns princípios de forma historicizada para que o leitor possa ter uma visão melhor dessa modalidade.

Deliberador (1996, p. 55) afirma que:

Depois de solidificar a prática do Judô, o passo seguinte de Jigoro Kano foi introduzi-lo como prática educativa em todos os graus da escolaridade japonesa. [...] Sua vivência é caracterizada pelo desenvolvimento de valores como a participação, a liberdade, o compromisso, a solidariedade, o respeito mútuo, enfim, pelo contínuo ensinar e aprender de forma prazerosa. Pelos valores desenvolvidos torna-se necessário fazer parte do currículo escolar.

Não é apenas pelo fato de se inserir o Judô na escola que se garante o desenvolvimento de tais princípios e se promove a liberdade e a solidariedade dos indivíduos, nem se constitui por si só em um espaço para a emancipação da sociedade, até porque, como propala Carvalho (2007, p. 152): “O judô não pode suprir aquilo que é negado às crianças pela família, pela escola, pela sociedade”. O Judô deve ser ensinado aos estudantes a partir das relações pedagógicas e sociais, devendo ser ensinado para que estes enfrentem os mais diferentes adversários e circunstâncias que impedem a construção de sua liberdade. Tal caminho e ensinamentos devem ser mediados e lecionados pelo professor (*Sensei*), que tem seu aluno (*Kohai*) como um fim e não como um meio para adquirir algo em benefício próprio, visando a formar um ser social que não tenha como lógica de produção/reprodução a exploração do homem pelo homem, pois somente assim será possível romper com a ética do individualismo e passar para a ética coletivista (CARVALHO, 2007). Na escola, tanto seu currículo quanto o trato dos conteúdos da Educação Física devem ser capazes de “[...] dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares [...]” tendo como eixo:

[...] a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória. Isso vai exigir uma organização curricular em outros moldes, de forma a desenvolver uma outra lógica sobre a realidade, a lógica dialética, com a qual o aluno seja capaz de fazer uma outra leitura (SOARES *et al.* 1992, p. 28).

É importante que o professor compreenda os conhecimentos transmitidos nas diversas práticas corporais e como estes permeiam nossas vidas, como contribuem para a legitimação ou superação da sociedade atual e como atuam na formação humana consciente ou alienada dos indivíduos. Dentro do conteúdo Lutas, devemos possibilitar aos alunos compreenderem por que já existiram e ainda existem tais práticas na sociedade, e por que hoje estão presentes com finalidades e de formas distintas das outrora praticadas. Ao sistematizar os conteúdos da Educação Física, “[...] se aponta o conhecimento e os métodos para sua assimilação, se evidencia a natureza do pensamento teórico que se pretende desenvolver nos alunos” (SOARES *et al.*, 1992, p. 61). Estes mesmos autores continuam assinalando que:

É o tratamento articulado do conhecimento sistematizado nas diferentes áreas que permite ao aluno constatar, interpretar, compreender e explicar a realidade social complexa, formulando uma síntese no seu pensamento à medida que vai se apropriando do conhecimento científico universal sistematizado pelas diferentes ciências ou áreas do conhecimento (p. 28-29).

Não basta apenas apontar o que, como, porquê e o para que o aluno deve saber³ um determinado conteúdo. É importante ensinar ao educando a utilizar o conhecimento apreendido em aula para além dos muros escolares. A partir das práticas e reflexões vivenciadas em aula, ao estudante deve ser oportunizado realizar uma nova leitura da realidade. Ao tomar conhecimento dos dados empíricos que o aluno apresentou, o professor estabelece a mediação com o científico e sistematizado a fim de que o educando leia a realidade, estabelecendo uma síntese entre o empírico e o científico. O posicionamento político do professor, diante dos fatos e apresentados pelos alunos e comparados com sua perspectiva de mundo, deve possibilitar uma análise crítica, a partir de uma ética que representa os interesses de sociais emitindo um juízo de valor sobre os fatos.

Soares *et al.* (1992, p. 25) enunciam que essa emissão de juízo de valor: “[...] depende da perspectiva de classe de quem julga, porque os valores, nos contornos de uma sociedade capitalista, são de classe”. Essa reflexão tem uma determinada finalidade: pode manter as condições de mera reprodução e apropriação do conhecimento e da riqueza da sociedade atual, ou ter em vista a transformação dessas condições em outras, que encaminham para uma sociedade mais humana. Isto dependerá da perspectiva de classe adotada e a direção que pretende seguir. Em outras palavras, é preciso que aluno compreenda, por meio da reflexão pedagógica, a essência do surgimento do conteúdo entre os homens e a lógica de sua legitimação na contemporaneidade, para que este conhecimento tenha um significado em sua vida.

³ Para Saviani (2005), saber ou saberes tratam daquilo que a humanidade já produziu e que possui um reconhecimento das propriedades do mundo real, de valorização e de simbolização. Tais produtos podem ser enquadrados enquanto ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes e habilidades.

A sistematização de um conhecimento constitui um passo importante para legitimar o conteúdo na escola, desde que essa organização atenda às necessidades curriculares propostas nessa vertente de ensino e seja pertinente a uma disciplina escolar. O professor, ciente dos métodos necessários para lecionar o conteúdo, teria um ponto de partida previamente estruturado, permitindo-lhe avaliar o que e como ele é capaz de transmitir e aplicar o conteúdo dentro da realidade material e inteligível dos seus alunos, da sua escola e de si mesmo, além de possibilitar ao professor de Educação Física argumentos e fundamentos para inserção e aquisição dos materiais necessários para uma prática tida como adequada na escola, já que saberia o que falta para o ensino não ser precário e, assim, otimizá-la.

Essa perspectiva é possível, pois o professor estaria ciente da natureza teórica do conhecimento selecionado, ou seja, saberia por que o conteúdo adquiriu legitimação na sociedade contemporânea partindo das suas raízes históricas. A partir de sua gênese, o professor interpretaria e adaptaria esse conteúdo para a sociedade moderna, possibilitando ao aluno ter consciência desse conhecimento em sua vida, isto é, saber da importância e da necessidade de se apropriar de tal conteúdo para poder compreender a realidade de forma mais total. Portanto, o professor teria condições de compreender todo o processo pelo qual o aluno passaria para se apropriar do conhecimento, tendo ciência do que possibilitaria a apropriação desses saberes, que poderiam promover a formação humana do estudante e uma leitura mais apropriada da realidade.

Deliberador (1996) expõe que Jigoro Kano, ao criar o Judô, tinha como um dos interesses facilitar a passagem do ser humano pela vida, sempre com um melhor nível de qualidade, substituindo a agressividade pelo prazer. Tinha também a intenção de facilitar a interação entre os povos. Entendemos que essa facilitação que o Judô deve promover na vida do ser humano é promover a compreensão do universo que o cerca e as necessidades que guiam e guiaram os homens, entendendo igualmente as relações que o mundo mantém com os sujeitos e dos indivíduos com os indivíduos, compreendendo, assim, como o processo de desenvolvimento do ser humano ocorreu ao longo do tempo e o motivo das necessidades atuais da sociedade serem o que são. Nesse âmbito, o Judô e as Lutas, em um sentido mais amplo, devem ser compreendidos como um instrumento de apreensão de parte da sociedade/realidade, na qual deve-se procurar entender o porquê do seu despojamento cultural e valorativo na sociedade contemporânea para adaptar essas lutas aos interesses da sociedade moderna. A partir da

compreensão histórico-dialética dos fatos, o ser social tomaria suas decisões e poderia agir de acordo e coerentemente com os interesses de sua classe, possibilitando um fazer/agir que transforme o mundo em que vive, não limitando as suas atitudes em um fazer puramente mecânico, mas sim consciente do que ele produz/reproduz.

A substituição da agressividade pelo prazer se daria à proporção que o sujeito compreendesse o motivo e a condição concreta que o levou a ter tal ímpeto, no caso, o agressivo. Esse processo permitiria formar um homem mais social, mais humano, pois à medida que abandonasse os seus ímpetos animais por outros mais civilizados, ele estaria se apropriando das objetivações humanas que, de acordo com Markus (1974), ocorrem tanto no âmbito material quanto no espiritual, e que, por sua vez, modificam a sensibilidade humana, lapidando, aperfeiçoando e humanizando os sentidos desse homem, que é tido como um ser social e histórico. Quando o homem entra em conflito com um ser semelhante, ele pode mudar a sua ação antes que a execute, de forma que o objetivo atenda à finalidade da sua necessidade inicial em agir, que seria resolver o conflito. O produto deve ser um agir consciente da posição do outro, coerente com a finalidade, e satisfatório a ambos os homens na relação que estabelecem entre si. Substituiria, então, a agressividade pelo prazer de tomar decisões por uma causa digna a todos os seres humanos, com vistas a uma sociedade na qual o homem não explore o próprio homem. Assim, a interação entre os povos poderia ocorrer de modo mais harmônico e igualitário.

Deliberador (1996) põe ainda um desafio a ser superado: introduzir o Judô na escola. Cientes da importância do Judô como um conteúdo escolar, para que este tivesse maiores possibilidades e praticidade ao ser lecionado na Educação Física Escolar aceitamos enfrentar esse desafio, mesmo diante das condições materiais precárias que muitas escolas públicas oferecem. Como tentativa para a superação dessa barreira, realizamos esta investigação. A resposta ao problema da pesquisa evidenciou algumas contribuições do Judô para as objetivações e apropriações dessa modalidade de Luta como um conteúdo curricular pertinente na formação humana dos estudantes. Assim como qualquer outro conhecimento produzido pelo homem, as lutas, no caso específico desta pesquisa, o Judô, constituem-se em um meio criado pelos homens para contribuir a sua subsistência. Esses conhecimentos nos tornam mais humanos, pois nos apropriamos de algo já produzido pelos nossos antepassados, fruto de uma necessidade

vivida por eles. O suprimento dessa necessidade⁴ leva-nos a uma nova necessidade, fazendo-nos adaptar aos antigos meios para a satisfação dessa nova necessidade. Essa nova necessidade situa-se no domínio individual e/ou coletivo, pois ao suprimir a necessidade antiga, o homem depara-se com condições concretas novas, nas quais, dentro do âmbito humano, quem as cria é o conjunto de todos os homens, portanto, constituem-se um produto sócio-histórico.

A partir de reflexões de autores como Marx (2006), Markus (1974), Duarte (1993) e Triviños (1987), entendemos que o ser humano é um ser essencialmente coletivo por uma necessidade biológico-natural dos nossos antepassados, que era agir em bandos. A superação dessa dependência, do agir em bando para um ser que vive em uma sociedade de forma mais civilizada e mais autônoma, ocorreu após a apropriação dos conhecimentos mais rudimentares produzidos e socializados entre todos os homens e, quiçá, relacionados mais diretamente com o seu gesto instintivo. Tais gestos, ao serem objetivados por meio da sua intervenção na natureza, foram passíveis de serem apropriados pelo conjunto de homens e transmitidos aos demais. As necessidades, agora não apenas biológicas, mas também culturais e sociais, passaram a constituir o homem enquanto um ser social e histórico.

Após a criação desses outros fatores, para garantir a sua subexistência no mundo, o homem deu um salto qualitativo em seu desenvolvimento, passando a ter um desenvolvimento sócio-histórico, ou seja, revolucionou a sua essência, interrompendo o processo gradual e natural de desenvolvimento, rompendo com os limites biológicos e relacionado-os com os sociais, culturais e históricos agora existentes. Ao promover esse salto qualitativo, não significa que alterou o código genético da espécie humana, porque os homens, ao nascerem, devem apropriar-se dos conhecimentos humanos para tornarem-se seres humanos, isto é, interiorizar a essência do conhecimento já produzido e agir empregando-o nas novas necessidades.

A produção do conhecimento humano é a negação das antigas condições concretas existentes no homem e no meio em que ele vivia. Quando se nega o antigo na construção do novo, o novo conhecimento carrega consigo os aspectos positivos do

⁴ Entendemos que a finalidade de determinada necessidade pode ser a satisfação de uma situação, ou a criação de algum objeto/conhecimento, ou a saciação de alimentar-se/reproduzir-se ou qualquer outro fim almejado, tido em sua mente de forma idealizada; ideias que só existiram graças às apropriações já existentes e objetivadas por todos os homens dos tempos passados.

antigo, pois o novo não significa a negação total do antigo. Com as necessidades humanas não é diferente: uma necessidade é negada para constituir uma nova e mais satisfatória nas condições concretas atuais. Nesse processo, a primeira negação deve ser o questionamento da realidade, de forma que a nova condição seja negada posteriormente, podendo voltar a concordar com a antiga concepção. No entanto, seu retorno será em outro nível e profundamente mais complexo, já que se apoia em outros conhecimentos acumulados, que antes não existiam.

Quando o homem se apropria de novos conhecimentos, isto não implica necessariamente em tornar-se um ser social ético, honrado, digno, sincero e corajoso. Ele pode apropriar-se dos conhecimentos que o levam a ser um indivíduo egoísta, desleal, hipócrita, falso e covarde. Ambos os conjuntos de valores e sentimentos foram produzidos pelo homem em determinado período histórico para suprir uma necessidade criada pelo próprio homem. O desenvolvimento dessa cultura no interior da relação entre os homens gerou, com o passar do tempo, a formulação de um sistema econômico que abrangeu esses valores negativos, sendo benéfica a uma determinada classe social e maléfica a outra classe social. Por meio da cultura, esses valores são transmitidos de um homem a outro e, ao longo das gerações, sofrem mutações para se adaptarem às necessidades desse mundo, que são condicionadas pelo trabalho e seu modo de produção.

A sistematização do conteúdo Judô, para a prática escolar, contribuiu e continua contribuindo no sentido de que essa temática, uma vez apreendida pelos estudantes, vai se tornando um dos instrumentos culturais construídos ao longo da existência humana para intervir na sociedade atual. Para Carvalho (2007, p. 59):

A nosso juízo, por intermédio do judô é possível resgatar uma velha bandeira: o aperfeiçoamento da personalidade e do caráter em benefício da vida social. O judô, então, é considerado como fator da luta pela vida na qual o *judoca* aprende e se acostuma a superar os obstáculos e as dificuldades, aparentemente superiores, antepostas às suas próprias forças individuais e coletivas; ele ensina (mas nem sempre é aprendido!) a enfrentar obstáculos e adversários e este ensinamento faz com que, enfrentando os perigos, jamais nos tornaremos escravos dos nossos agressores.

Com esta pesquisa, pretendemos compreender o processo de aprendizagem de tal temática, propondo uma sistematização inicial do conteúdo selecionado. A escolha

do método dialético de ensino para a sistematização das aulas deu-se em virtude deste possuir condições de contemplar uma proposta de ensino superadora e promotora de leitura da realidade. Sabemos que o objeto de estudo escolhido, o Judô, enquanto componente curricular da escola, é um assunto pertinente à Cultura Corporal. Conforme Escobar (2009), a Cultura Corporal é uma parte da cultura produzida pelo homem, que evolui conforme o homem evolui, adquirindo diferentes formas e valores segundo o trabalho e o modo de produção econômico desse homem. O Judô, além de ser um assunto pouco debatido no meio acadêmico quanto à sua inserção na escola, devido às crenças de que a sua aplicação prática é inviável, se nos limitássemos a apenas discutir a sua importância na formação humana e na leitura da realidade, este estudo poderia ficar dentro de um plano puramente teórico, o que nos traria apontamentos e indícios da inclusão dessa temática na Educação Física Escolar somente de forma ideológica e abstrata do conteúdo, não estabelecendo as relações e os fundamentos advindos da realidade para analisar as contradições da prática com a teoria ao se aplicar o conteúdo. Entretanto, a sistematização desse conteúdo tendo como vínculo a prática, por mais que as análises deste trabalho sejam insuficientes para uma sistematização satisfatória, propiciaria um ponto concreto para o debate teria um ponto concreto para se encaminhar futuramente.

A objetivação desse conteúdo na escola pode contribuir na mediação do desenvolvimento da consciência humana do ser social, pois o Judô é tido como um patrimônio da humanidade, com relevância enquanto parte da Cultura Corporal, devendo ser transmitidos os seus saberes com rigor científico pela escola. Ele pode ser articulado com diversos problemas encontrados no interior da sociedade, tais como preconceito, disciplina, sexualidade, luta de classes, entre outros. Ao abranger tais temas, o Judô pode vir a ser um instrumento que contribui na compreensão de uma parte da realidade, desde que o aluno entenda os motivos pelos quais as lutas corpóreas foram necessárias na humanidade e como os problemas sociais permeiam a prática judoística na sociedade. O debate desses assuntos deve ocorrer na medida em que estes afloram em forma de conflito/problema quando os praticantes exercem essa prática.

O domínio da técnica de luta, e até mesmo da luta como um todo, se as condições materiais permitirem, potencializa a capacidade dos alunos compreenderem a problemática vivenciada por eles durante a sua experiência. Isso porque, à medida que os estudantes se apropriam do conhecimento mais refinado ofertado na prática de aula, o

seu agir, frente à realidade em questão, adquire um significado interno maior para superar a necessidade imediata enfrentada. Esse processo faz com que o aluno se aproxime dos próprios limites⁵ do seu agir/pensar, acirrando os conflitos que a prática proporciona, já que frente à situação exposta (na luta ou na execução do golpe) é obrigado a confrontar-se com o problema. Esse agir jamais será liberto de todas as barreiras e obstáculos, especialmente na luta em que um deve dominar o outro, porque o lutador deve explorar as falhas e brechas do oponente para atingir o objetivo maior.

As barreiras encontradas, sejam fruto da vitória⁶ ou derrota em combate, nos conflitos/problemas tidos na prática social ou qualquer outro obstáculo/adversário que possa existir frente a um agir livre devem ser problematizadas (mediadas) pelo professor em conjunto com os alunos. A problematização deve ser amparada por uma reflexão pedagógica histórica, de um pensamento dialético e, nesse caso, aquilo que o Judô se dispõe a fazer pelos homens nessa sociedade, que é ensinar a enfrentar os obstáculos e adversários aprisionadores do ser humano; devendo proporcionar, aos praticantes, subsídios para compreender a realidade e se formarem melhores seres sociais. Dessa forma, pode-se ter uma construção de um conhecimento com princípios coletivos, em que a finalidade dessa prática humana seja em prol do próprio homem/sociedade e não em benefício do Judô. Através dessa modalidade desportiva, o estudante adquire elementos culturais para sua formação humana, a qual lhe fornece conhecimentos que permitem ler a realidade e compreender os motivos históricos da condição atual do desporto e do movimento/relações dialéticas das coisas com o mundo, do homem com o mundo e das coisas com o homem.

Para esclarecermos melhor as assertivas do parágrafo anterior, elucidaremos brevemente com um exemplo de como isso poderia ocorrer em aula. Imaginemos uma situação hipotética, em que um aluno tem preconceito racial contra outro. Estes, ao praticarem a mesma modalidade e tiverem que realizá-la em conjunto, um com o outro, isto é, lutarem entre si ou simplesmente realizarem um treinamento (*Keiko* ou *Gueiko*),

⁵ Esses limites podem ser os de execução do próprio golpe (*Waza*), de enfrentar um medo pessoal ou oponente, de preconceito em relacionar-se com alguém diferente ou qualquer outro.

⁶ A vitória se consolida também como uma barreira, pois a derrota em si nos expõe de forma clara e direta às falhas tidas no fazer da luta, já a vitória camufla tal equívoco, não encontrado pelo oponente derrotado, o que pode ser entendido como um obstáculo no aperfeiçoamento do vitorioso. Para desvendar tais equívocos ocultos, é necessária uma análise para não ficar vulnerável em momentos futuros.

em dado momento um deles será o *Tori* (o judoca que ataca/projeta) e o outro o *Ukê* (o judoca que defende). Segundo Carvalho (2007, p. 163), O *Tori* e o *Ukê* são contrários, e não antagônicos, e exercitam um diálogo na prática da contradição: “[...] uma projeção, *Nage*, representa a contradição do andar, obstáculo real à deambulação. Por sua vez, o *Ukêmi* [amortecimento] é o coroamento de uma projeção que tem o sentido da força aplicada, modificada em benefício daquele que é projetado, *Ukê*”.

O *Dojô* (local de treinamento) deve constituir-se em um espaço para os alunos experimentarem aquilo que aprenderam; em nossa situação hipotética, se um judoca (*Ukê*) frear o outro (*Tori*), essa negação será materializada como a negação do aprendizado ou aprimoramento do judoca que projeta/ataca (*Tori*). No caso, o agir de um judoca que defende (*Ukê*) representa um conflito com a filosofia judoísta. O *Ukê*, ao se opor ao aprendizado, abdica de ver suas falhas e instabilidade motora, bem como mostra uma clara sinalização dos desvios de conduta moral⁷. Essa negação do outro bate diretamente com o “espírito” que deve ser tido no Judô, o *Ki*⁸. O espírito (*Ki*) do judoca, no Judô, não pode ser aprimorado pelos praticantes se eles negam uns aos outros, pois como Kano *Sama*⁹ nos ensina: “O adversário é um parceiro necessário ao progresso, à vida da humanidade deve basear-se neste princípio”. O *Ki* só será existente caso o judoca afirmar o outro, porque é um com o outro que o *Ukê* e o *Tori* devem praticar a técnica lecionada pelo *Sensei* (professor) (CARVALHO, 2007).

À medida que a filosofia judoísta é assimilada pelos praticantes em conjunto com a lógica histórico-dialética, a desconstrução da ideia de que o outro, pela sua diferença racial, é antagônico ao preconceituoso, vai se dando à proporção que ele reconhece que a diferença de raça não faz dele um ser inferior ou superior aos demais seres humanos. O aluno, que antes olhava o outro como alguém ameaçador aos seus

⁷ Para essa problemática encontrada no processo de aprendizagem dessa luta, Kano *Sama* dissemina o seguinte pensamento: “Não se envergonhe por causa de um erro, caso ocorra, você estaria cometendo uma falta”.

⁸ Nesse caso, podemos traduzir pelo ensinamento: “É somente através da ajuda mútua e das concessões recíprocas que um organismo agrupando indivíduos em número grande ou pequeno pode encontrar sua harmonia plena e realizar verdadeiros progressos” (KANO).

⁹ *Kano Sama* é outra forma de chamar Jigoro Kano, no qual *Sama* é como se fosse uma forma de tratamento, podendo ser entendido como senhor ou mestre. Alertamos também que não possuímos acesso a um referencial sobre a filosofia do Judô escrita pelo próprio fundador, portanto alguns dos ensinamentos de Kano *Sama* podem sofrer algumas divergências em relação a outras localidades quanto à tradução ou interpretação.

ideais de homem e sociedade, vai assumindo uma visão de que este outro ser humano faz parte e constitui a sociedade assim como ele. Para Carvalho (2007), o espírito judoísta deturpado é dado na forma da competição, visto que a lógica de uma construção coletiva de personalidade dos alunos é obstaculizada pelo individualismo inculcado pelo modo pedagógico próprio da educação capitalista: vencer o outro, nem que para isso eu deva negá-lo. Carvalho (2007, p. 164) argumenta que o *Tori* e o *Ukê* devem estar cientes de que:

[...] o espírito do judô só será assimilado quando os dois se sintam como uma unidade de contrários no difícil aprendizado da vida, unidade vazada pela arte dialética de projetar para ajudar o outro a se fortalecer e vice-versa. Prisioneiros dessa relação dialética, *Ukê* e *Tori* devem superar-se em direção ao crescimento individual e coletivo.

Logo, a frase de Kano *Sama*: “o judoca não se aperfeiçoa para lutar, mas luta para se aperfeiçoar”, deve ser entendida no sentido de que o *Tori* e o *Ukê* formam uma unidade por serem contrários um do outro, e não antagônicos. Então os dois praticariam a luta como um meio de se formarem melhores seres humanos e judocas, ou seja, o fim são os próprios homens e não um prêmio pela vitória, que custaria a negação do seu companheiro. O Judô deve servir ao conjunto dos homens e não os homens servir ao Judô. Nas palavras de Kano *Sama*: “O Judô deve existir para o benefício do homem e não o homem para o Judô (competição)”. Ao se utilizarem do Judô como um instrumento para se expropriar do conhecimento de alguns homens (no caso, se o judoca negar o companheiro e for contra os princípios zelados por Kano), ou se utilizarem-se do Judô para atender a fins próprios e pessoais (no caso, usar essa prática corporal e as pessoas que a praticam para atender interesses que só são pertinentes a um indivíduo), pregam que o Judô é superior ao homem, e passaria a ser um privilégio de alguns. O Judô, porém, é subordinado ao homem, porque ele o criou e deve servir a ele. Isto remete a outro ensinamento judoístico preconizado por Kano *Sama*: “o Judô deve ser mantido acima de toda a escravidão artificial e deve ser livre de qualquer influência financeira, comercial e pessoal”.

Na situação elucidada, essa superação se daria à medida que o companheiro de turma se tornasse um companheiro de ideais, situação em que ambos seriam leais

(*Chugi*), sinceros (*Makoto*) e teriam compaixão (*Jin*) um pelo outro por pertencerem à mesma classe social, a dos trabalhadores, lutando com coragem (*Yu*) e honra (*Meiyô*) por uma causa pertinente ao interesse de ambos e por um mundo mais justo (*Gi*) a todos os seres, construindo (ou revolucionando) uma sociedade com o princípio coletivo.

Acreditamos que, com a reflexão até agora conduzida, tenhamos esclarecido alguns aspectos da aplicação da filosofia judoísta na intervenção pedagógico-educacional em aula. Alertamos que os temas como racismo, sexualidade, escravidão artificial, diferenças sociais, entre outros, não são compreendidos em sua totalidade apenas por meio da filosofia do Judô. É necessário ao professor conhecer os elos complexos entre as relações sociais e as relações de produção/reprodução do homem, e como ambas sustentam o modo de produção regido pelo capital, que levam os seres humanos a recriminarem uns aos outros, causando a servidão alheia. É preciso desvelar os condicionantes históricos que possibilitaram o preconceito na formação dos humanos para utilizar-se do Judô e de sua filosofia como um instrumento efetivo para desmistificação e desconstrução desse traço da personalidade do aluno.

A pertinência do trato dessa temática na escola deve-se ao fato das Lutas se encontrarem no interior da sociedade contemporânea e acessíveis a grande parte da população brasileira, seja em forma de programas televisivos, de jogos de computador, seja enquanto práticas corporais educativas. Sendo um conteúdo situado na história da humanidade e fazendo parte da cultura contemporânea produzida pelo homem, tal temática, tratada na escola, é significativa, pois leva o homem a compreender o motivo por que foi necessária a existência de uma prática de aniquilar ou abater um ser semelhante, verificando se essa necessidade ainda existe e como ela se dá na sociedade atual. Ela pode formar-se em um ponto inicial para a constituição de uma proposta prático-teórica que apresente o como, o porquê, o que, e para que desenvolver o Judô em uma temática de Lutas, e dentro do conhecimento de que trata a Educação Física por meio da Cultura Corporal sob um viés Crítico-Superador. Tal proposta pode instigar o interesse de professores da área, que buscam em suas aulas promover conhecimentos diferentes dos tradicionais esportes coletivos. É um conteúdo que deve ser tratado como meio de se apreender a realidade e que pode contribuir na formação humana, na qual deve aproximar o aluno da percepção de totalidade das suas atividades, permitindo que ele reflita sobre o que sente, faz, e o que pensa sobre tal conhecimento.

2.2. POSSÍVEIS FUNDAMENTOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA TRANSFORMADORA DO JUDÔ NA ESCOLA

Enquanto uma luta, o Judô é praticado em pelo menos 198 (cento e noventa e oito) países, com federações/confederações reconhecidas pela Federação Internacional de Judô (FIJ) espalhadas pelos 05 (cinco) continentes do mundo.¹⁰ Isso torna o Judô uma manifestação corpo-cultural do homem no mundo em que vive, mundo este transformado por ele de algo natural para um mundo mais civilizado. Logo, o aluno, ao se deparar com uma prática corporal, deve ter a noção de que essa atividade foi fruto de um processo histórico para sua produção e das necessidades de sua produção. Portanto, acreditamos, assim como Carvalho (2007, p. 111), que a prática corporal Judô:

[...] não pode ser entendida a partir dos estreitos limites do mero manejo de suas técnicas, pois as virtudes que davam sentido ao *modus vivendi* dos guerreiros feudais japoneses – os *Bushi* – influenciaram o comportamento dos primeiros *Sensei* no passado recente deste país e essas virtudes são de fundamental importância ao resgate do judô como arte de educar para *enfrentar*.

Por conseguinte, não se deve tratar essa prática corporal como sendo apenas uma modalidade esportiva que acumula movimentos de projeção em pé (*Tachi-Waza*), imobilização (*Ossaekomi-Waza*), chave-de-braço (*Kansetsu-Waza*) ou estrangulamentos (*Shime-Waza*) com o objetivo final de somente vencer. O Judô, segundo Cordeiro Júnior *et al.* (1999), é um fenômeno de múltiplas relações, e percebê-lo dessa forma é caracterizar tal conteúdo em uma visão de totalidade. Assim, compreender que essa luta tem um significado de resgatar os valores dos antigos *Samurais*, os valores éticos de um verdadeiro lutador, é possibilitar ao aluno humanizar-se por meio dessa prática. Soares *et al.* (1992) apontam que, no Brasil, é uma luta despojada da historicidade que a constituiu, recebendo um tratamento exclusivamente técnico. Carvalho (2007) vai mais

¹⁰ Números retirados do website da Federação Internacional de Judô (<http://www.intjudo.eu/>). Acessado no dia 27 de julho de 2010.

além e delata que as ideologias que permeiam o ensino de Judô no Brasil preconizam um apaziguamento dos sentimentos e uma ideia de obediência cega às imposições dos acontecimentos insólitos da sociedade moderna em nome de uma neutralidade política.

O conteúdo visto pelos alunos na escola não pode ser de forma naturalizada e anistórica, mas sim historicizada e histórica. Isso contribuiria para a compreensão dos estudantes de que as práticas humanas não foram sempre as mesmas ao longo da trajetória do homem e do Judô. Elas mudam conforme as necessidades do homem. Neste sentido, os alunos adquiririam a noção de que o hoje é o fruto do passado e o amanhã depende das condições concretas legadas pelos nossos antepassados. O presente e as decisões do hoje vivenciadas pelo homem contemporâneo estão enraizados em toda a história construída pela humanidade. Assim, o desenvolvimento humano e da sociedade não é algo que sempre existiu ou que foi um processo inevitável.

No dizer de Cordeiro Júnior *et al.* (1999, p.14-15), o Judô não foi uma luta que veio pronta e acabada, “[...] mas como algo que veio sendo construído culturalmente e assim permanece até nossos dias, explicita uma teoria do conhecimento que o entende como algo sempre **provisório**”. Essa luta foi uma prática corporal desenvolvida em um determinado período histórico da humanidade e sob determinadas condições materiais do Japão, sendo o seu fundador o *Sensei* Jigoro Kano. Carvalho (2007) acredita que Kano *Sama*, ao criar esse novo código de ética para o Judô, agiu não de forma intencional, mas com a finalidade de sustentar a honra dos *Bushi* no novo sistema econômico que emergia no Japão. Tendo como influência, também, na edificação desse novo código de ética, as suas necessidades, ideologizações e vivências nessa nova sociedade. Segundo Carvalho (2007), esse sistema econômico emergente sofreu influências das tradições *samuráicas*, e no caso dos judocas contemporâneos, esse espírito *samuráico* mostra-se quando o praticante busca cultivar a sabedoria e as virtudes tidas (ou que deveriam ser tidas) no interior dessa prática.

Carvalho (2007) nos traz ainda uma série de valores fundamentais de um judoca, quais sejam: valor de justiça (*Gi*): um judoca deve refrear os seus impulsos subjetivistas que podem colocar em risco a ordem determinada coletivamente, devendo acreditar na justiça vinda de um acordo criterioso produzido por pessoas semelhantes. Valor de coragem (*Yu*): um judoca deve assumir uma postura sem medo da verdade que busca, pois sabe que, mesmo sendo uma busca perigosa, é o caminho para viver uma vida

plena, completa e maravilhosa. Valor de compaixão (*Jin*): deve-se sempre ajudar seus companheiros quando houver um momento ou uma oportunidade diante de si, e caso essa não surja, deve-se sair do caminho habitual para encontrá-la, destacando que o dever do judoca é amar e ser benevolente com os semelhantes e iguais. Valor de cortesia (*Hei*): o judoca deve exercer com todos, para que, por meio dessa cortesia, ele seja respeitado, incluindo seus inimigos. Desta forma, será mostrada sua verdadeira força interior em momentos de crises sociais, pelo fato de que os valores tradicionais são postos em cheque. Valor de sinceridade (*Makoto*): um judoca deve cumprir e mostrar, quando dá sua palavra, é porque consegue cumprir a tarefa. Valor de lealdade (*Chugi*): consiste em ser coerente aos princípios por ele pregados, aos amigos, aos camaradas e à causa que ele e sua classe defendem. E valor de honra (*Meiyô*): buscar a causa que defende, seguindo os valores anunciados anteriormente (CARVALHO, 2007).

A sociedade contemporânea é pautada por um pensamento liberal, tal como o de John Locke (1632 – 1704), que acreditava que os homens nascem com direitos iguais, sejam ricos ou pobres. Destarte, desde o nascer a pessoa se depara com uma ordem social já existente. Em um sistema como este, propor que todos os homens tenham oportunidades iguais, desde que tenham condições (físicas, psicológicas ou intelectuais) para exercer dada função, seria extremamente cabível. Mas não podemos esquecer que as condições e as oportunidades reais entre os homens não são iguais. Mesmo assim, o sistema pautado no liberalismo de ideias passa a ter uma conotação de ser um sistema extremamente justo, porque cabe ao indivíduo buscar os seus interesses; mas não considera que quando um homem nasce em uma família da classe dominante, este já tem um acesso a uma formação educacional de qualidade por deter os meios de produção; esses meios produzem a riqueza material usada em benefício próprio. Enquanto o outro, ao nascer em uma classe dominada, ou seja, por não possuir os meios de produção e não ter acesso a toda essa riqueza produzida pelo homem, tem que se contentar com uma educação que apenas o capacite para exercer um trabalho braçal.

Deixamos claro que não é um sistema que proíbe o trabalhador assalariado de ocupar uma posição dominante; ele pode mudar a sua classe social desde que construa suas riquezas sob a exploração do homem pelo homem ou que simplesmente aceite a ideia de que o indivíduo se sobressaia ao coletivo, tendo uma lógica fundada na individualidade para si.

Como podemos ver, um sistema em que as condições materiais e espirituais de um homem ao nascer não são as mesmas para todos é injusto. Em um sistema que atribui a culpa do fracasso pessoal/profissional de um indivíduo a apenas ele próprio (individualismo), ou que nos ensina, desde ao nascer, a lutar por si próprio, e buscar ao longo da vida os interesses pertinentes a si mesmo, é desleal. Um sistema que nos ensina que ficar calado diante das atrocidades que o mundo proporciona é a melhor opção para nele sobrevivermos apresenta-se como covarde. A utilização de um discurso ideológico de uma classe sobre a outra, dos burgueses sobre os trabalhadores, respectivamente, dizendo atender aos interesses de todos é uma falsidade. E que para se atingir o sucesso nessa sociedade devemos aceitar a condição de um homem explorar o outro para acumular riquezas, em benefício de poucos é crueldade. O ensino de Judô, dentro das virtudes éticas do códex dos antigos *Samurais*, pode oferecer subsídios necessários para um questionamento daquilo que a sociedade postula que o mundo deve ser comparado com aquilo que de fato ele é.

2.2.1. O Contexto da Prática Pedagógica: Algumas considerações sobre o homem, a educação e o professor

A educação¹¹ da sociedade capitalista é um instrumento utilizado pela classe dominante com o intuito de atender aos seus interesses, que englobam tanto o ensino de sua classe quanto o da classe oprimida. Em consonância com Suchodolski (1976, p. 53):

Os pensamentos da classe dominante, escreve Marx, são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, isto é, a classe que constitui o poder material dominante da sociedade constitui também o poder intelectual dominante.

¹¹ A palavra educação, na sociedade burguesa, é entendida por Suchodolski (1976, p. 57) como um “[...] processo de adaptação às relações existentes, adaptação que assegura aos filhos da classe dominante as vantagens e privilégios da sua classe e adapta os filhos da classe oprimida às condições de exploração da sua existência”.

Rossler (2004) informa que a educação é um palco de lutas ideológicas acirradas entre os interesses sociais, econômicos e políticos antagônicos, acrescentando que essa classe dominante se utiliza de um discurso que visa a formar seres humanos melhores no sentido intelectual, afetivo e social, sendo homens livres e adequados a essa sociedade moderna, mas contraditoriamente, isso não acontece.

Duarte (2006, p. 47) explica que nesse tipo de educação há necessidade de:

[...] limitar as expectativas dos trabalhadores em termos de socialização do conhecimento pela escola, difundindo a idéia de que o mais importante a ser adquirido por meio da educação não é o conhecimento mas sim a capacidade de constante adaptação às mudanças do sistema produtivo.

Nesse contexto, o desenvolvimento do ser humano ocorre de forma desigual, mesmo que se mostre preocupado com a igualdade de oportunidades entre os homens. As desigualdades encontradas em nossa sociedade são explicadas por essa vertente de educação como fruto da tensão entre o crescimento do conhecimento e a limitada capacidade de absorção pelos indivíduos. Duarte (2006, p. 49) pondera que: “as desigualdades econômico-sociais refletem-se na desigualdade de acesso ao conhecimento”.

Logo, alguns indivíduos têm acesso ao que há de melhor em produção da sociedade e outros apenas às necessidades mais básicas para a sua subsistência; em alguns casos, nem isso lhes é ofertado. Por conseguinte, para a sustentação de um sistema que zela pelas diferenças e desigualdades econômicas dos sujeitos, são utilizadas ideologias¹² que mascaram a realidade, como o liberalismo e neoliberalismo. Duarte (2006) entende que é necessário fazer críticas a todas essas tentativas ideológicas de naturalização da história do ser humano diante da objetivação do seu trabalho na forma capitalista¹³.

¹² Segundo Lukács *apud* Lessa (2007), “[...] a ideologia é uma forma específica de resposta as demandas e aos dilemas postos pelo desenvolvimento da sociabilidade” (p. 68).

¹³ Duarte (2006) entende que o capital é uma forma de trabalho objetivado e “[...] que é apropriado de uma determinada forma, historicamente condicionada, o trabalho objetivado

Consequentemente, concluímos que a utilização desse artifício, da ideologia, é algo alienante, porque ela impede que o ser humano se aproprie da riqueza do seu gênero, humanizando-o. Esse artifício é utilizado pelos burgueses que nos apontam que a realidade contemporânea é a única e a melhor possibilidade de sociedade, sendo permitidas apenas mudanças no sistema, mas nunca uma transformação nos modos de produção, nas relações sociais e uma socialização da produção histórica e social para todos. Duarte (2006) explica que uma das formas mais básicas de alienação é aquela na qual os indivíduos são impedidos de apropriarem-se da riqueza material e intelectual produzida socialmente pelo homem.

Markus (1974, p. 99) expõe que a alienação é: “[...] a ruptura, a contradição entre a essência e a existência do homem”, e afirma ainda que a alienação:

[...] também se manifesta na esfera da consciência social, entre outros pelo fato de que, em consequência da ruptura e do antagonismo entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, a consciência empírica e cotidiana dos indivíduos se destaca sempre mais da evolução do pensamento de toda a humanidade, da ciência, tornando-se prisioneira de representações fetichistas, desnaturando a realidade, enquanto no nível da consciência do conjunto da sociedade se elaboram as “ideologias” como reflexos deformados da realidade (p. 97).

A consciência humana, na perspectiva de Markus (1974), só pode ser compreendida pelo trabalho do homem que satisfaz as suas necessidades de uma forma mediada, não de modo imediato e direto, como acontece com os demais animais. Essa mediação, conforme Markus (1974, p. 51), ocorre de duas formas: “1) como o instrumento de trabalho que o homem insere entre ele e o objeto de sua necessidade; e 2) como a atividade de mediação, o próprio trabalho, que antecede e torna possível a utilização do objeto”.

O trabalho realizado pelo homem transforma o ambiente natural para um ambiente mais humanizado, ou civilizado. Assim, o homem se utiliza da matéria, que

apresenta-se ao trabalhador, ao trabalho subjetivo, ao trabalho vivo, como algo estranho, externo e poderoso que o subjuga” e também entende que “[...] a forma alienada de objetivação que caracteriza a produção e a reprodução do capital, é para Marx, uma forma histórica transitória do desenvolvimento das forças produtivas” (p. 127).

está dada na natureza, e a humaniza, isto é, atribui um sentido/valor a ela para que satisfaça determinadas necessidades dele próprio, passando essa objetivação para os demais homens que prosseguiram em seu lugar. Markus (1974) afirma que quem possibilita essa dimensão histórica, que faz com que ocorra um acúmulo de conhecimentos transmitidos para as próximas gerações, é o trabalho. Essa objetivação do sujeito ao objeto faz com que o ser humano humanize os objetos da natureza. As necessidades que o fazem produzir instrumentos para a sua satisfação vão gradativamente se distanciando das necessidades biológicas, ficando cada vez mais sociais, mesmo as atividades mais básicas como a alimentação, a atividade física e o relacionamento amoroso (MARKUS, 1974).

Nesse processo de objetivação do sujeito ao objeto, o objeto também modifica o sujeito, estabelecendo uma relação estável, fazendo com que o sujeito não se confunda com o objeto, constituindo-se, assim, a consciência humana, que é fruto da apropriação histórica da sociedade, utilizando-se formas de comunicação mútuas com os demais sujeitos. Assim, a linguagem desenvolvida no decorrer da existência dos seres humanos se consolida em um conhecimento universal da consciência humana, podendo ser apreendida por todos. Isso possibilita aos homens apropriarem-se de toda a atividade material e espiritual produzida pelos seus semelhantes no passado, utilizando-se desses conhecimentos para compreender o meio que os cerca e as leis que regem sobre os objetos e a natureza; sobre si próprio e a sociedade em que está inserido; sobre o trabalho e a transformação do meio natural para um humanizado e sobre as suas múltiplas relações com o mundo e com os outros homens. A apropriação desses conhecimentos acumulados por outros homens e transmitidos para seus descendentes faz com que o indivíduo, ao nascer, possa se apropriar do que já está posto na sociedade, possibilitando, a esse ser social, desenvolver novas sínteses sobre a realidade, que sejam mais vantajosas e/ou amplas que as dos seus antepassados e satisfaçam as novas necessidades criadas por ele. Com isso, no decorrer da vida de um ser humano, ele vai modificando a sua sensibilidade, e também vai lapidando, aperfeiçoando e humanizando os seus sentidos que foram constituídos de forma empírica e historicamente, sendo que tais necessidades são impostas pela sociedade, pelo trabalho e pelas relações humanas (MARKUS, 1974).

Pautando-nos nas afirmações acima, podemos entender que “[...] a consciência humana é, em todas as suas formas, uma atividade decisivamente voltada para a

apropriação da natureza”, (MARKUS, 1974, p. 59), alcançada através do trabalho-atividade do homem, ocorrendo uma relação mútua de mudança entre o homem e o objeto.

Logo, sem ter a devida consciência e compreendendo o mundo sob a ideologia burguesa, os trabalhadores dessa sociedade devem ficar contentes com aquilo que o estado e o capital oferecem para exercer a sua profissão, nesse caso de professor de Educação Física. O nível de contentamento, de dicotomia da teoria e prática e de reclusão do conhecimento produzido chega a ser tão grande, que é, muitas vezes, negligenciado pelos órgãos responsáveis e considerado como ideias utópicas pelos próprios desfavorecidos, de forma que nem o direito que é propalado ser para todos é de fato para todos. Podemos visualizar isso na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9394, de 1996, no Artigo 4º, IX parágrafo, em que: “o dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem”¹⁴.

Ora, o Judô, por ser parte da Cultura Corporal e podendo ser um dos conteúdos ministrados na escola, caso o conjunto de professores e direção escolham tal conteúdo juntamente em concordância com a Secretaria de Educação, deveria contar com todas as condições necessárias oferecidas pelo Estado. E claro, não só um espaço alternativo para a prática de Judô com *tatame* e *judô-gi*, mas sim para as outras áreas do conhecimento, tais como laboratórios de Biologia, de Físico-Química, de Geografia, de História, de Filosofia, de Matemática, de Música, de Pintura e Desenho, entre outros.

Saviani (2005) assevera que a educação é um fenômeno próprio do ser humano e, atualmente, é uma parte do processo de trabalho. A educação pode ser entendida enquanto um “trabalho” não-material, porque ao término do processo de ensino nem o professor e nem o aluno transformaram a natureza. O que transforma a natureza é o trabalho do homem diante de um fenômeno existente na realidade. Com base nessa premissa de Saviani (2005), acreditamos que, no caso da confecção de instrumentos

¹⁴ Dados do website do Portal do MEC (<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>) ou no website do Governo Federal (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acessado em 31 de agosto de 2010.

para sanar uma necessidade, o homem modifica a função natural de um objeto dado na natureza, atribuindo a este uma função social para um fim determinado e específico que satisfaça a sua necessidade. O homem primitivo não necessitava de forma crucial desse objeto para poder subsistir no mundo, mas quando o homem passa a interagir com ele, conhecendo suas propriedades físicas, experimentando o seu uso em uma determinada tarefa, podemos dizer que as condições necessárias de atribuir-lhe uma função social são existentes. Ao atribuir uma função social ao objeto, o homem projeta em sua mente um determinado valor e símbolo para esse objeto.

Podemos exemplificar isso quando o homem se utilizou de uma pedra e a transformou em um objeto cortante para fins de caça. O ato de esculpir uma pedra para caça é um ato que gera uma produção material, ou seja, o material que antes existia na natureza agora se converteu em um material para garantir a subsistência do homem no mundo. No início da história da humanidade, o processo de ensino-aprendizagem ocorria juntamente com a produção do material, isto é, o próprio ato de reproduzir o material era o meio de ensinar o conhecimento a outro homem. No caso, conforme o homem ensinava a outro como se produzia o instrumento, o seu ensino ocorria juntamente com a produção do próprio material, atribuindo-lhe a função social anteriormente criada. Na situação elucidada anteriormente, podemos ver que o homem, ao descobrir que esculpir uma pedra com um formato pontiagudo, torna o seu artefato em instrumento de caça. Para ensinar a outro homem, foi preciso transmitir tais conhecimentos, produzindo o próprio objeto e mostrando a sua finalidade, já que o outro homem (o aprendiz), no período considerado, não possuía um conjunto de pensamentos (saber histórico) que possibilitasse-lhe fazer a mediação apenas com a gesticulação ou “urros” do que aprendeu. O que o aprendiz possuía era a sua própria experiência empírica, e obviamente, as condições biológicas para realizar a mesma abstração que o outro homem teve. Essa abstração, advinda da realidade e inicialmente produzida por um semelhante, seria a assimilação na mente do outro homem de como se daria o processo de produção do material e qual a sua função (agora social) para contribuir na sobrevivência do homem.

Entendemos que o processo de educação ocorria juntamente com o processo de trabalho; o homem se educava somente no próprio trabalho. Com o passar dos tempos e com o crescente desenvolvimento histórico da humanidade, o processo de trabalho foi se tornando cada vez mais complexo e carecendo de maiores conhecimentos para poder

produzir (transformar a natureza) de forma que satisfizesse a necessidade do homem. A expansão do trabalho promoveu a criação dos mais diversos tipos de conhecimentos, como as artes, as ciências, a filosofia, as habilidades corporais, que são meios encontrados pelos homens para poder aperfeiçoar o processo de trabalho e satisfazer as necessidades humanas.

A educação, não diferentemente do trabalho e sempre estritamente relacionada a este, foi se expandindo e adquirindo um caráter cada vez mais voltado para a apropriação dos conhecimentos da humanidade. A partir do momento em que o homem conseguiu garantir uma quantidade de produção material a todos do seu meio social, uns acabaram se ocupando de funções que não necessariamente transformavam a natureza, como, por exemplo, coletar frutos, cuidar das crias e, em um estágio mais avançado, educar outros homens. Essas atividades não geram uma transformação na natureza, mas contribuem para que outros homens, que são seres essencialmente coletivos, façam isso da melhor forma possível, garantindo a existência do grupo.

Nesse âmbito, verificamos uma divisão social do processo de transformação da natureza, ou seja, uns cumprem uma função e outros as demais funções para garantir a existência do conjunto. Na situação elucidada, damos uma conotação de equilíbrio na construção de uma sociedade entre ambas as partes, tanto no trabalho material quanto no “trabalho” não-material. Não que isso seja obrigatoriamente uma realidade da sociedade humana ou até mesmo tenha sido nos primórdios dos homens. O que queremos mostrar é que conforme o trabalho foi garantindo uma subsistência mais efetiva para o conjunto dos homens, estes adquiriram maiores e melhores condições de se tornarem mais autônomos em suas escolhas e organizar-se de forma diferente das biológico-instintivas.

Independentemente do período usado para compreender a educação, devemos ter a clareza de que ela é uma especificidade humana, usada principalmente para preparar os seres humanos para o mundo do trabalho. O fato de a educação não preparar o estudante para transformar a realidade, ou não prepará-lo adequadamente para ser inserido no mundo do trabalho ou até mesmo não ensinar aquilo que ela deve ensinar, não implica que a educação esteja desvinculada ao processo de trabalho. Saviani (2005, p.12) divide o “trabalho” não-material em duas modalidades:

A primeira refere-se àquelas atividades em que o produto se separa do produtor, como no caso dos livros e objetos artísticos. Há, pois, nesse caso, um intervalo entre a produção e consumo, possibilitado pela autonomia entre o produto e o ato de produção. A segunda diz respeito às atividades em que o produtor não se separa do ato de produção. Nesse caso, não ocorre o intervalo antes observado; o ato de produção e o ato de consumo imbricam-se. É nessa segunda modalidade do trabalho não-material que se situa a educação.

Concordamos com o autor que a educação presencial pertence à segunda modalidade, haja vista que, na aula, o conteúdo sistematizado é trazido pelo professor e apropriado pelos alunos no mesmo ato em que é transmitido. Entre o professor e o aprendiz há uma relação mútua e de dependência. Essa relação existe, porque o professor não pode simplesmente ensinar um conteúdo se não existirem alunos que, ao mesmo tempo, aprendem. Todavia, a primeira modalidade de trabalho não-material também é importante e deve ser ressaltada, pois em muitos esportes e práticas corporais o aluno não conta com a figura do professor para poder executar o movimento desejado. O autodidata se apropria de um conhecimento já produzido, porém, isso não implica que ninguém de fato tenha feito a mediação para o aprendizado. O homem que criou o conhecimento (ou objeto) objetivou o que sabia naquela produção e atribuiu-lhe uma finalidade. Assim, o aluno, utilizando-se do conhecimento já produzindo nas mais diversas áreas, realiza a apropriação do que já está objetivado. Ele faz isso por si e só. Entretanto, ele segue a apropriação com uma estrutura lógica de pensamento que já está constituída em sua mente, redescobrando a função do conhecimento pesquisado e aplicando-o segundo o seu interesse. O fato de o aluno realizar isso sem a presença de um professor ou instrutor não implica que não teve ninguém, em absoluto, que contribuisse com o aprendizado. Um conhecimento humano elaborado porta, por si só, a possibilidade de ser apreendido desde que esteja objetivado no meio social. Logo, o criador do conhecimento passa a ser a “figura humana” que faz a mediação do conteúdo ao indivíduo, mesmo que essa relação seja dada de forma indireta, como no caso do autodidata.

A função de um professor em uma sala de aula tem por finalidade, na visão de Saviani (2003, p. 78-79),

[...] articular o trabalho desenvolvido nas escolas com o processo de democratização da sociedade. Tal contribuição consubstancia-se na instrumentalização, isto é, nas ferramentas de caráter histórico, matemático, científico, literário etc., cuja apropriação o professor seja capaz de garantir aos alunos.

Acreditar que a função do professor é fazer com que os alunos sejam autodidatas diante do conteúdo é acreditar que o desenvolvimento socioeconômico da humanidade frente ao mundo se daria de forma gradual e sempre do menos para o mais harmônico, pois à medida que o ser humano foi acumulando informações sobre a realidade, todos conseguiriam espontaneamente patamares aceitáveis de vida, sendo um processo de desenvolvimento natural do homem. Sob essa ótica, gradativamente a atividade do professor iria se tornando cada vez mais restrita e menos crucial para o aprendizado, passando cada vez mais a responsabilidade de aprender ao aluno, já que o aprendizado é tido como natural e espontâneo, bastando ter um meio adequado para que ocorra. O contrário dessa ideia também se mostraria equivocada, ou seja, acreditar que o professor pode inculcar qualquer conteúdo ao aluno.

A imposição e a compreensão de um conteúdo em si não implica que o aluno consiga compreender de fato as relações que o conhecimento tem com a sua vida nem com as necessidades históricas que levaram ao aparecimento daquele conhecimento na história da humanidade. O professor pode até fazer uma criança falar quanto é a resposta de dois mais dois ou reproduzir verbalmente uma definição do que é passe no futebol, mas a efetiva aprendizagem consiste em fazer com que ela entenda as múltiplas relações do conteúdo com a sua realidade. Este é o processo que conduzirá à apropriação real do conhecimento em sua dimensão teórica e prática. Mesmo assim, não temos a garantia de que, de fato, o aluno tenha se apropriado do conteúdo.

Em conformidade com Vigotski (2004, p. 63):

Em termos rigorosos, do ponto de vista científico não se pode educar o outro. É impossível exercer influência imediata e provocar mudanças no organismo alheio, é possível apenas a própria pessoa

educar-se, ou seja, modificar as suas reações inatas através da própria experiência.

O professor não garante que o conteúdo que ele está lecionando será apreendido pelo aluno. Não se pode simplesmente colocar um conhecimento na mente de outra pessoa; quem faz isso, quem se educa¹⁵, é o próprio aluno. Por isso, o professor deve atuar justamente na experiência pessoal do aluno, sendo seu meio social a verdadeira alavanca do processo educacional na qual o professor deve atuar. E de forma alguma o “trabalho” do professor está sendo reduzido ou simplificado, até porque, assim como qualquer outro trabalho, o papel do professor possui um caráter duplo, ou seja, por um lado, como organizador e administrador da produção (do meio social educativo), e por outro, como peça de sua própria máquina (agente mediador do processo). O professor deve, na verdade, organizar o espaço pedagógico necessário e sequenciar a aprendizagem do conteúdo da forma mais simples possível, para que o aluno tenha as melhores condições de se apropriar do conhecimento que ele, o professor, deseja transmitir ou refazer (VIGOTSKI, 2004).

O meio educativo, no qual ocorre o processo de ensino-aprendizagem, sempre possuirá divergências com a realidade concreta, já que a escola foi artificialmente criada para o estudante aprender e estabelecer teoricamente suas relações com o mundo. Vigotski (2004, p. 68) aponta para dois momentos do meio educativo, primeiro: “a educação sempre visa não à adaptação ao meio já existente, o que pode efetivamente ser feito pela própria vida”. Dessa forma, se educarmos os indivíduos apenas para exercerem o seu trabalho ou futuro trabalho, podemos reduzir a educação a um sentido prático-utilitário para que o indivíduo seja inserido no mundo da profissão. Por mais que esse ensino assuma uma bandeira crítica e de superação da sociedade burguesa, não significa que irá de fato promover transformações essenciais, porque o processo de educação pelo qual o sujeito passou limitou-se em formar um ser humano apenas em um sentido dos patrimônios culturais elaborados pelo homem, que seria educação para o trabalho. Todavia, a educação tem por base formar um ser social que atuará na

¹⁵ Para Vigotski (2004, p. 65): “Educar significa, antes de mais nada, estabelecer novas reações, elaboram novas formas de comportamento. [...] A base da ação educacional dos próprios alunos deve ser o pleno processo de respostas com todos os seus três momentos: a percepção do estímulo, a sua elaboração e a ação responsiva” (p. 64).

sociedade e tomará frente na transformação do mundo, pautada nas possibilidades de necessidades futuras da humanidade.

O meio a que Vigotski (2004) se refere é a prática em que o homem se insere, é a realidade; portanto, a educação é uma parte desse meio, no qual deve formar indivíduos para viverem em sociedade. Em nosso entender, a educação é um espaço propício, porém limitado, para os alunos se apropriarem do máximo de conhecimentos possíveis, que constituirão o ser social enquanto gênero humano. A partir das condições culturais (materiais ou espirituais) legadas pela humanidade e assimiladas no processo de ensino-aprendizagem, os alunos podem se inserir na sociedade com possibilidades de transformar a realidade segundo as condições e possibilidades que ela oferece.

No segundo momento do meio educativo, Vigotski (2004, p. 69) ensina que:

[...] é necessário levar em conta que os elementos do meio podem, vez por outra, conter influências totalmente nocivas e destrutivas para um organismo jovem. É preciso ter em vista que não operamos com um membro estabelecido do meio mas com um organismo em crescimento, em mutação, frágil e que muito do que é perfeitamente aceitável para o adulto é nocivo à criança.

O processo de trabalho que um adulto vivencia não necessariamente será transmitido ao jovem da mesma forma em que ele ocorre, até porque o homem adulto já possui uma estrutura psicológica e biológica mais preparada para tal função. Tomemos um exemplo que pode ocorrer em uma aula de Educação Física: o professor aplica jogos com características extremamente competitivas e excludentes em uma turma de alunos cuja idade é de 10 (dez) anos ou menos. Uma atividade que tem tais características, de excluir e competir é, em sua essência, uma atividade na qual alguns conquistarão um objetivo previamente determinado em detrimento da derrota dos outros. A esse respeito, Leontiev (2006, p. 123) postula:

Para uma criança que está brincando com cubos de madeira, por exemplo, o alvo da brincadeira não consiste em construir uma estrutura, mas em *fazer*, isto é, no conteúdo da própria ação. Isto é verdadeiro não apenas no caso de brincadeiras do período pré-escolar,

mas também no de qualquer jogo em geral. A fórmula geral da motivação dos jogos é “competir, não vencer”. [...] nos jogos dos adultos, quando a vitória, mais do que a simples participação, torna-se o motivo interior, o jogo deixa de ser brincadeira.

Descaracterizando o jogo da criança enquanto uma atividade infantil para uma atividade adulta, diminuem-se significativamente as chances da criança encontrarem motivação para realizá-la, porque a criança reconhece que não possui capacidade para cumprir a tarefa e atingir o objetivo. Portanto, o jogo praticado pelo adulto, diferentemente do jogo infantil, tem uma relação mais complexa e similar com o trabalho. Tendo essa possibilidade extremamente reduzida, a criança não se sente livre para agir diante a atividade, logo, o jogo passa a ter características frustrantes e de certa forma uma conotação inversa ao desejo da criança, isto é, o jogo domina a criança, imobilizando o seu fazer diante da situação.

Soares *et al.* (1992, p. 67) afirmam que em um jogo qualquer:

Quanto mais rígidas são as regras dos jogos, maior é a exigência de atenção da criança e de regulação da sua própria atividade, tomando o jogo tenso. Todavia, é fundamental o desenvolvimento das regras na escola, porque isso permite à criança a percepção da passagem do jogo para o trabalho.

O trabalho possui suas próprias regras e relações para poder existir. O que o jogo promove são justamente algumas regras e relações do trabalho transpostas para uma situação lúdica e artificial, sendo acessíveis à criança. Torna-se acessível justamente pelo fato de que no jogo podem-se mudar as regras com mais facilidade, propondo ou sustentando critérios e regras, fazendo com que o jogo fique mais tenso ou descontraído ou mais exclusivo ou participativo. Essa mudança é tida como fácil, pois um jogo, para a criança, não tem a obrigação de enfatizar um resultado determinado; ela não precisa, necessariamente, ter habilidades altamente desenvolvidas para poder participar. Não tendo essa finalidade, o jogo possibilita mais facilmente mudanças para que este se adapte à criança sem que a mudança descaracterize o jogo enquanto jogo. Quem atribui essas finalidades e exigências ao jogo é o professor. É ele quem deve regular as regras

para que os alunos não percam a motivação e se desenvolvam o máximo possível durante a atividade. Segundo Leontiev (2006), os jogos são uma criação do ser humano advindos das atividades que este vivencia em seu cotidiano; portanto, o jogo em si já é uma adaptação de uma realidade a outra. Ambas possuem semelhanças, mesmo apresentando finalidades diferentes, ou seja, a finalidade do trabalho é produzir e a do jogo é desenvolver.

À medida que a criança se desenvolve psicologicamente e biologicamente, as atividades perdem o interesse, já que não promovem mais o desenvolvimento que a fase anterior exigia. Todavia, a adaptação das atividades é necessária, porque os alunos carecem de outros critérios que estimulem o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento. Tal carência é reconhecida por eles, já que se sentem mais preparados para atividades que assumam um caráter gradativamente mais próximo ao trabalho, isto é, produzir algo. Outros critérios, como regras, uso de habilidades específicas e vivência de outros tipos de conflitos podem ser usados como incrementos para as atividades. O que não pode se perder de vista é a finalidade do jogo e quem está nesse jogo. A finalidade do jogo é desenvolver quem joga e o jogo deve ser voltado para as necessidades de quem joga. Uma das funções do professor frente a essa situação é a de incrementar aparatos artificiais para que o jogo se torne mais interessante para todos os que dele participem; a situação deve ser cercada por uma reflexão que compreenda o ser humano em questão e o estágio de vida em que a criança se encontra.

A educação em si não transforma o homem. Saviani (2005) explicita que a educação trata da produção das ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes e habilidades, portanto, a educação trata do capital cultural humano. Entendemos que esse capital cultural é empregado pelo homem em sua atividade vital humana para a produção de bens materiais que geram novas condições para desenvolver outras atividades, além da satisfação de suas necessidades biológicas. Com a ampliação e diversificação das atividades vinculadas ao trabalho surgiu a necessidade de dividir as atividades humanas e o trabalho entre o conjunto dos homens, em que um grupo de pessoas ocupa determinada função e atividade, como, por exemplo, atividades de cunho intelectual, como as dos professores e comerciantes, atividades de cunho braçal, como as dos operários e agricultores, e atividades de cunho diretivo e de ordenação, como as dos proprietários de terra e da força de produção.

Saviani (2004) afirma que a educação, independentemente da época, é um fenômeno voltado para a promoção do homem. Acresce ainda que, ao nascer, o homem já se depara com uma cultura estruturada por outros homens no passado. Dessa cultura estruturada, o homem apropria os meios para a sua sobrevivência. Por isso, os bens naturais e culturais possuem um determinado tipo de valor para o homem, por serem estes os instrumentos necessários para perpetuar a sua existência no mundo. A educação atua justamente nesse ponto, ou seja, promove o homem por meio da transmissão dos conhecimentos humanos aos alunos que intervirão na realidade, transformando-a. Isso ocorre quando as transformações das necessidades da humanidade se encaminham no sentido de satisfazer uma ampliação da liberdade, da comunicação e da colaboração entre os homens (SAVIANI, 2004).

Do ponto de vista do trabalhador, não é tão relevante concentrar toda a função da educação somente para o trabalho. O controle da ação humana encontra-se em posse de alguns, que dirigem a forma e as condições de produzir os bens materiais e intelectuais. Portanto, a forma como a produção vai ser socializada entre todos os homens é uma função quase que exclusiva de um grupo. Ao colocar a educação apenas a serviço do trabalho é capacitar mão de obra para esse sistema hierarquizado.

De qualquer forma, é importante que a educação seja voltada para o trabalho, porque esta possui uma relação importante na formação humana e nas relações de produção dadas no trabalho. Então, uma das funções da educação é formar seres sociais que têm a capacidade de ler a realidade social complexa do mundo do trabalho. Mas, se relegarmos a um segundo plano as relações das mais diversas áreas do conhecimento do gênero humano, tais como a arte, a ciência, a filosofia, as práticas pedagógicas, estaríamos considerando que o homem é apenas produto do trabalho. Em outras palavras, estaríamos considerando que quem forma o homem em sua essência humana é somente o trabalho e este domina o homem, esquecendo-se de que ele, também, é produtor de seu trabalho e utiliza-se das mais diversas áreas do conhecimento para realizá-lo. O trabalho e tudo o que pertence ao gênero humano são meios para o homem se tornar mais humano.

O homem, diferentemente dos demais animais, satisfaz suas necessidades pelo trabalho. A passagem da satisfação das necessidades de forma imediata para mediata não é algo do código genético. Por isso, o homem deve aprender. Com o passar do

tempo, a educação acabou assumindo uma posição bastante específica na sociedade, adquirindo um espaço chamado de escola. A escola tem por característica ser um local onde o professor contribui no processo de assimilação¹⁶ dos elementos culturais sistematizados da humanidade por parte dos alunos. Saviani (2005, p. 15) assinala que: “A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber”. E também que: “É a exigência de apropriação do conhecimento sistematizado por parte das novas gerações que torna necessária a existência da escola” (p. 15).

Tonet (2007, p. 12) propala que, em uma sociedade capitalista, na qual a função principal do trabalho é produzir mercadorias, seria razoável afirmar que “[...] a função hegemônica da educação é a de preparar os indivíduos para se inserirem no mercado de trabalho. Pois, nessa forma de sociabilidade, o indivíduo vale enquanto força-de-trabalho e não enquanto um ser humano integral”. Portanto, quem faz essa exigência à escola/educação é o trabalho.

Ao professor, enquanto mediador do processo ensino-aprendizagem e dentro dos limites da educação, cabe otimizar o processo de apropriação do conhecimento sistematizado e histórico para os alunos, articular sua prática docente com os interesses das classes trabalhadoras tendo em vista uma transformação estrutural da sociedade por meio de uma revolução das relações sociais, das relações de produção e da forma de socialização dos meios produzidos. A prática docente deve contribuir na formação humana desses estudantes, para que estes ajam, na sociedade, enquanto pertencentes ao gênero humano, realizando as mediações necessárias para compreender a realidade em sua essência e as condições da existência desse tipo de sociabilidade. E também o professor deve estar ciente de que o homem a ser formado durante o processo escolar é um ser social, que deve visar a um agir mais consciente e coerente possível para a construção de uma sociedade na qual a produção humana atenda as necessidades humanas em sua totalidade.

¹⁶ Para Finocchio (1991), o processo de assimilação da cultura é considerado como uma ação correta quando o indivíduo é capaz de reproduzir ou aprimorar os traços característicos da atividade humana.

2.2.2. Fundamentos da Prática Pedagógica na Escola: O Judô como tema a ser abordado

A Educação Física e os conteúdos por ela abordados se constituem parte da realidade escolar, que tem que ser trabalhada nas condições oferecidas pela instituição. Antes de iniciarmos a pesquisa, não foi algo anormal indagar sobre a possibilidade do ensino de Judô em uma escola pública que não dispusesse de *tatame* (acolchoado para prática de Judô) e/ou não oferecesse *judô-gi* ou *kimono* (vestimenta para lutar Judô) para se realizar o ensino dessa temática. O uso de tais materiais é indispensável para uma prática adequada dessa modalidade, porém esses fatos não justificam a ausência de uma modalidade que faz parte da Cultura Corporal. Bracht (2003, p. 21) enuncia que:

A partir de 1970 a Educação Física é colocada explicitamente e planejadamente a serviço do sistema esportivo, desempenhando o papel de base da pirâmide, sistema esse que possuía como culminância a alta *performance* esportiva. Planejou-se constituir a Educação Física como elemento do sistema esportivo. Educação Física e esporte ou Educação Física/esporte deveriam elevar o nível de aptidão física da população

Essa não é a perspectiva de Educação Física trabalhada nesta pesquisa, já que esta teria por objetivo o ensino do esporte para a conquista de medalhas em jogos desportivos, tais como jogos escolares ou Olímpicos. Entendemos que essa Educação Física, subordinada ao sistema esportivo, passa a dar ênfase ao resultado conquistado no âmbito do esporte, relegando a um segundo plano o resultado educacional do ensino. A subordinação da Educação Física ao esporte chega a ser tão grande que a relação professor-aluno passa a ser a mesma que a de treinador-atleta, caracterizando dessa forma o *esporte na escola* ao invés do *esporte da escola*. O primeiro propõe que o aluno deve se enquadrar nas diretrizes do esporte; já o segundo tem por característica modificar o esporte para se adequar à realidade dos alunos (BRACHT, 2003).

A perspectiva de Educação Física trabalhada nesta pesquisa, é a de que, segundo Soares *et al.* (1992, p.50), deve ser: “[...] uma prática pedagógica que, no âmbito

escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”. Essa Cultura Corporal:

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representações do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (SOARES *et al.* 1992, p. 38).

O Judô, que se enquadra em uma dessas temáticas da Cultura Corporal enquanto conteúdo a ser desenvolvido pela Educação Física, não pode ser negado o seu ensino aos alunos. Deliberador (1996, p. 154) explicita que:

O conteúdo do Judô é constituído de história e filosofia (origem, fins e objetivos), técnicas e táticas (o que fazer), e metodologia (como fazer). É evidente que esse conjunto de informações só tem sentido se inserido em um contexto maior, com o fim de auxiliar o desenvolvimento humano e comunitário – neste caso o porquê fazer [*adendo nosso*].

O Judô é uma prática corporal para o desenvolvimento do ser humano e que Jigoro Kano (1860 – 1938), ao criá-la, tinha por finalidade oferecer oportunidades de desenvolvimento para todos os praticantes, além de ser um meio que deve beneficiar a existência humana. Não se trata de achar que o Judô e a sua filosofia são as melhores e as mais adequadas para todos os homens; não se trata de pensar que a luta Judô é a melhor e mais desenvolvida que as demais lutas. Trata-se de uma luta produzida para atender as necessidades dos homens, por isso, um auxiliar positivo na formação humana dos seres sociais que a escolhem como uma prática corporal. Não adianta colocar o Judô na escola e acreditar que o contato dos alunos com a sua filosofia transformará o mundo e os seres humanos. Na visão de Marx (2006, p. 54): “As revoluções necessitam de um

membro passivo, de uma base material. A teoria só se concretiza num povo na medida em que é a realização das suas necessidades”.

O Judô e a sua filosofia não suprimem as necessidades de todos os homens, nem ao menos daqueles que escolhem essa prática e filosofia de vida para si. O Judô é uma cultura produzida pelos homens e não tem por função transformar as relações de produção; é uma prática corpórea que tem a função de transmitir princípios éticos e morais para os praticantes. Como destacamos anteriormente, o Judô prega determinados princípios e a sociedade nos exige exatamente o contrário. O Judô na escola deve trabalhar justamente essa contradição, explicitando os motivos e as necessidades que cada um adota para si. As problematizações e os problemas encontrados na prática do Judô na escola são um meio de promover a leitura da sociedade/realidade e de formar um ser social que pode lutar por uma sociedade na qual não existam os princípios da sociedade regida pelo capital.

O direito e a possibilidade de conhecer e entrar em contato com essa luta devem ser dados a todos os seres humanos, ofertando uma prática na qual o executante seja capaz de compreender melhor o mundo em que vive sob uma pedagogia lastreada em uma ciência histórica. Dessa forma, a partir dos valores apreendidos durante a prática do conteúdo, pode-se possibilitar aos estudantes um julgamento da sociedade, comparando os valores apreendidos no Judô com seus próprios valores e com aqueles colocados pela sociedade, permitindo, assim, uma leitura da realidade que atenda as necessidades dos alunos enquanto seres humanos construídos histórica e socialmente.

As reflexões¹⁷ realizadas em aula são orientadas pelo professor, que deve mediá-las usando critérios como a rigorosidade, a radicalidade e a totalidade. Isso pode permitir ao aluno elevar a sua compreensão da realidade social em que vive, possibilitando-lhe reivindicar seus direitos enquanto ser humano e defender os seus interesses de classe (SAVIANI, 2004). Para Saviani (2004, p. 18), “Com o efeito, o aprofundamento na compreensão dos fenômenos se liga a uma concepção geral da realidade, exigindo uma reinterpretação global do modo de pensar essa realidade”.

¹⁷ Segundo Saviani (2004, p. 16), “refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E isto é o filosofar”.

2.2.3. O Judô Enquanto Legitimador da Cultura Corporal

O fato de o Judô ser considerado um conteúdo da Educação Física Escolar permite a essa prática transformar-se em patrimônio cultural da humanidade, constituindo-se em parte da materialidade corpórea. A existência dessa materialidade é defendida por Soares *et al.* (1992) como fruto da relação do homem com a natureza e da relação do homem com o próprio homem. Um homem, ao nascer, não traz consigo em seu código genético a capacidade inata de pular, arremessar e jogar, mas nasce com a possibilidade de apropriar-se de tais movimentos corpóreos. Concluímos, portanto, que a materialidade corpórea foi algo constituído historicamente, sendo resultado de conhecimentos produzidos social e historicamente.

As relações mantidas entre os homens geraram diversas e distintas necessidades, produzindo a cultura de cada época. O ser humano se utiliza dessa cultura¹⁸ para transmitir seus conhecimentos para os outros, que dela se apropriam e a adaptam a suas necessidades, transformando o mundo em que vivem e a si mesmos. A dimensão corpórea do homem se materializa nas três atividades produtivas da história da humanidade: a linguagem, o trabalho e o poder. Na linguagem, percebemos o corpo enquanto comunicação com o meio, seja pela linguagem de surdos, no beijo como expressão de afetividade, na expressão facial de agrado ou desagrado ou na dança que simboliza uma alegria ou lamentação; no trabalho, quando este desenvolve uma produção simbólica como a luta, a ginástica ou a dança, que tem movimentos sistematizados, ordenados, articulados e institucionalizados; e poder, quando em uma luta de corpo a corpo, por exemplo, ocorre uma disputa ou desenvolve a força física para dominar o outro. Logo, a objetivação de um conhecimento da Cultura Corporal dispõe de uma intencionalidade voltada para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético. Cada ser humano tem um sentido/significado na atividade realizada e/ou

¹⁸Entendemos como sendo cultura “o processo pelo qual o homem transforma a natureza, bem como os resultados dessa transformação. No processo de apropriar-se, o homem produz, simultaneamente e em ação recíproca, a cultura. Isto significa que não existe cultura sem o homem, da mesma forma que não existe homem sem cultura. A cultura se objetiva em instrumentos e ideias, mediatizados pela técnica” (SAVIANI, 2004, p. 133-134).

apropriada, sendo que não necessariamente a intencionalidade da atividade proposta coincide com a significação que praticamente atribui à atividade (SOARES, 1992).

Jigoro Kano, por possuir uma estatura baixa e franzina, sofria agressões na escola que frequentava; assim, buscou no Jiu-Jitsu um meio para se defender. Conforme foi aprendendo sobre essa modalidade, ele percebia também que era uma luta voltada para contundir o oponente, questionando se tal luta era mesmo para o desenvolvimento e benefício humanos (DELIBERADOR, 1996). A abertura forçada, por parte dos norte-americanos, dos portos japoneses, que se haviam mantido fechados entre 1640 a 1854 para proteger o Japão de qualquer mudança ocidental, propiciou a entrada de esportes ocidentais como beisebol, a ginástica e o atletismo. As artes marciais, que já estavam sendo esquecidas em virtude das próprias mudanças de necessidades no Japão, ressurgiriam. Nesse contexto de mudança, Jigoro Kano fundou o Judô e o Kodokan¹⁹ (primeira academia de Judô), tentando criar um novo código de ética para o Japão, que estava emergindo sob o olhar do mundo e sob as novas condições materiais e históricas. O novo código de ética deveria dar sustentação à nova ordem social e econômica que permeava no Japão (CARVALHO, 2007).

Pelas condições históricas, local e princípios em que surgiu o Judô, notamos que sua dimensão corpórea encontra-se materializada como uma produção humana vinda dos valores e costumes japoneses quando:

Através de gestos²⁰, nega-se a agressão, a deslealdade e indica-se o comportamento que se espera do Judoca e o que ele deve do professor esperar. O abaixar a cabeça ou o olhar significa elevado grau de respeito e confiança no outro. Quando abaixo a cabeça ou o olhar, coloco à disposição o meu frontal, que é toda a minha capacidade de

¹⁹ Deliberador (1996, p. 29) entende que a palavra *Kodokan* significa “Local ideal para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, no qual todos possam participar, descobrir ou modificar o seu modo de vida. Uma feliz escolha: Kodokan, ambiente alegre em que todos aprendem e ensinam o seu modo de vida”. O *Ko* é traduzido como transmissão de um conhecimento; *Do* seria caminho ou vida; e *Kan* seria instituto ou local físico para praticar exercício.

²⁰ Alguns desses gestos padronizados no Judô têm como finalidade ensinar a cortesia e o respeito entre os praticantes, como, por exemplo, a saudação (*Hei*) antes de entrar no local onde se pratica Judô (*Dojô*), antes de entrar no tablado (*Tatame*), antes de iniciar uma luta em treino (*Randori*) ou em competição (*Shiai*).

pensar, e com isso torno-me vulnerável ao oponente. Mas ele não é um oponente, ele é o Professor e confio nele. Ele não é um adversário, mas um companheiro de treinamento. Ele não é um inimigo, mas um eventual adversário em uma competição. Ele vai procurar me vencer, mas não me agredir. Posso confiar nele porque ele também é um Judoca (DELIBERADOR, 1996, p. 46-47).

O Judô é poder e trabalho, porque é uma luta de corpo a corpo que tem por intenção dominar o oponente, projetando-o contra o solo (*Nague-Waza*) ou dominando-o no chão (*Katame-Waza*). Esses movimentos (golpes) sistematizados se constituem em um conjunto de técnicas (*Waza*) padronizadas e possuem um trato pedagógico para o seu ensino respeitando a idade e a habilidade motora. Esse ensino vai desde as quedas e aplicações de técnicas padronizadas (*Kihon*) até as adaptações de cada golpe (*Kuzere*) para aplicação em luta (*Shiai*).

2.2.4. Uma Proposta Sistematizada de Ensino de Judô para a Escola Brasileira

Orozimbo Cordeiro Júnior, Marcelo Guina Ferreira e Aneleyce T. Rodrigues, em uma revista da Educação Física da UEM (Universidade Estadual de Maringá), do ano de 1999, publicaram, em um artigo, sua pesquisa que objetivou apontar uma proposta em aberto do conteúdo Judô como conhecimento escolar da Educação Física. Tal publicação intencionou elaborar um documento didático-pedagógico sobre a evolução sócio-histórica do Judô e proporcionar aos alunos uma compreensão básica acerca de alguns dos aspectos históricos e sociológicos da construção do Judô como elemento da Cultura Corporal. Nesse artigo, Cordeiro Júnior *et al.* (1999) buscaram traçar o Judô desde suas origens, abordando os fatores sociais, políticos e econômicos, que determinaram seu desenvolvimento histórico até os dias atuais com a sua chegada ao Brasil. Os autores abordaram também a temática em questão e a sua relação com a prática social global que seria a educação; a saúde; o lazer; o trabalho; a economia. Ao término do artigo, os autores fazem uma proposta em aberto buscando compreender as múltiplas relações do Judô com a sociedade, afirmando que, em virtude do pouco interesse dos profissionais em Educação Física em sistematizar os conteúdos de ensino,

como o Judô, por exemplo, há dificuldade para a sistematização em questão. Lamentam o fato de que o material bibliográfico dessa temática encontra-se disperso e fragmentado. Encerram destacando que: “a sistematização do conteúdo judô nas aulas de educação física nunca será um **estado** final ao qual poderemos chegar, ela será muito mais um processo permanente de construção de uma dada proposta pedagógica” (CORDEIRO JÚNIOR *et al.* 1999, p. 20).

Como podemos observar, a perspectiva de Educação Física trabalhada por Cordeiro Júnior *et al.* (1999) não é a mesma Educação Física subordinada ao esporte que Bracht (2003) nos mostrou anteriormente. A proposta de Cordeiro Júnior *et al.* (1999) não tem por finalidade instrumentalizar os alunos para se tornarem atletas de Judô. Percebemos isso quando os autores buscam evidenciar o sentido e o significado dos valores que regem a nossa sociedade contemporânea no contexto sócio-histórico do Judô. Soares *et al.* (1992, p. 41) acreditam que: “esta forma de organizar o conhecimento não desconsidera a necessidade do domínio dos elementos técnicos e táticos, todavia, não os coloca como exclusivos e únicos conteúdos da aprendizagem”. Partindo dessa afirmação, ensinar Judô já poderia ser trabalhado nas escolas. Porém, pode-se perceber também que, nessa afirmação, a sua aplicação na prática é de suma importância para a compreensão total de tal modalidade. Pois por mais que seja uma prática corporal bastante disseminada pelo mundo, e neste caso também no Brasil como um todo, ela não é praticada, nesse país, por uma grande maioria das pessoas como o futebol e voleibol.

Ao analisarmos o conteúdo Judô nas aulas de Educação Física, apenas com um olhar teórico, podemos estar caindo no risco de trabalhar conceitos abstratos e de difícil compreensão por parte dos alunos sobre a sua filosofia (teoria) e propósitos de luta (prática). Sob o olhar de Vásquez (1977, p.206-207): “A teoria em si não transforma o mundo. Pode contribuir para a sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação”. Portanto, se um conteúdo de ensino for trabalhado apenas no plano teórico, dará grande margem para o aluno aprender o conteúdo com a motivação rasa de passar de ano ou adquirir uma nota, isto por não ser algo que possibilite compreender essa luta em sua totalidade e integralidade ou relacionada com o seu cotidiano.

As aulas do professor, sejam teórico-práticas ou somente teóricas, devem buscar uma organização do ambiente de ensino em um espaço sistematizado e lógico para que os estudantes apreendam e correlacionem a teoria transmitida com a prática realizada. Tudo isso para que os alunos consigam compreender, da melhor forma possível, as consequências da filosofia do Judô ao serem aplicadas na prática de golpes e execução na luta e/ou na vida cotidiana. O aluno, estando em contato com prática, poderá vivenciar os motivos que levaram o fundador do Judô a desenvolver tais tipos de princípios e valores para esta luta, já que ele foi exposto às dificuldades de dominar o outro fisicamente sem que isso possa feri-lo.

O professor deve buscar, em suas aulas, a especificidade do conteúdo trabalhado na prática. As especificidades fizeram com que o Judô adotasse um determinado tipo de regra, de conduta, de valor ou de fundamento técnico. Um exemplo disso são os amortecimentos de quedas (*Ukemi*), que foram introduzidos no Judô como um dos seus fundamentos básicos para a sua prática por ser um meio de se evitar quedas traumáticas. Também foram proibidos alguns golpes pela excessiva quantidade de lesões que causam para os praticantes, que, se aplicados em luta, acarretam a desclassificação do judoca por não atender aos princípios judoísticos. As saudações padrões (*Hei*), que são gestos de cortesia e respeito ao outro praticante, caso não sejam feitas, o atleta que se recusou a fazê-las recebe uma advertência. Nesse sentido, segundo Vásquez (1977, p.207): “[...] uma filosofia vinculada à prática, que aspira conscientemente a realizar-se, longe de carecer de um conteúdo propriamente teórico, tem que possuí-lo em toda sua riqueza”. Ou seja, a teoria deve justificar a prática na mesma medida que a prática se fundamenta na teoria. No caso do encaminhamento do conteúdo pelo professor, este deve mostrar que os princípios filosóficos pregados por Jigoro Kano condizem com a luta que ele elaborou para o benefício da humanidade.

2.2.5. Judô: Um possível início para uma prática na perspectiva Crítico-Superadora

O Judô consiste numa luta que foi fundada no Japão pelo *Sensei* Jigoro Kano. Esta luta possui um conjunto de técnicas de projeção (*Nague-Waza*), de domínio no solo

(*Katame-Waza*) e de amortecimento de queda (*Ukemi*), que devem ser ensinadas juntamente com os princípios filosóficos que norteiam essa prática corporal, sendo eles: o melhor uso do corpo-mente (*Seiryoko-Zen'yo*); prosperidade e benefícios mútuos (*Jita-Kioyei*) e de suavidade (*Ju*). Os judocas, em luta, devem buscar desequilibrar (*Kusushi*) o oponente a fim de conseguir a projeção com o intuito do ponto completo (*Ippon-Shobu*). As técnicas elaboradas para a prática básica de Judô foram desenvolvidas para conseguir desequilibrar o oponente da melhor forma possível, porém as adaptações (*Kuzure*) dos golpes são aceitas de forma que cada corpo e cada sujeito encontre um meio ao qual adapta a técnica fundamental (*Kihon*) em uma forma peculiar de execução. O Judô é uma prática corporal que, diferentemente de muitas lutas orientais, não foi desenvolvida primordialmente para a guerra, pois a guerra utilizando-se do embate de corpo-a-corpo havia sucumbido no Japão, por isso não se trata de uma arte marcial²¹. O fim da necessidade de combates corpo-a-corpo foi em virtude do surgimento das armas de fogo, que dispensavam o contato corporal para abaterem o adversário. Porém, o Judô, é uma luta de contato corporal emergida das antigas artes marciais e representa, desde sua origem, uma nova função social das práticas de combate corpo-a-corpo na sociedade moderna.

Dessa forma, o uso das técnicas ensinadas a um judoca tem por meta apreender o meio mais viável para desequilibrar o oponente e também um meio sistematizado para projetar o oponente, zelando pela sua integridade física. O objetivo dessa luta não é o de lesar o oponente, mas sim dominá-lo e/ou projetá-lo obtendo um ponto completo (*Ippon-Shobu*). O princípio de prosperidade e o benefício mútuo são cultuados de forma que, ao dominar o outro sem incapacitá-lo de continuar praticando a modalidade desportiva, ambos terão a oportunidade de aprender, perdendo ou ganhando, e não de se lesar lutando. Se a luta tivesse por meta lesionar o adversário, isso poderia impossibilitar um dos praticantes de se desenvolver em virtude do ocorrido. É claro que entre os praticantes de Judô existem variáveis de peso, força, altura etc. Para isso, o *Sensei* Jigoro Kano, que tinha uma estatura baixa e franzina, com aproximadamente 50 quilos e 1,55 metros de altura, desenvolveu o princípio da suavidade. Esse princípio

²¹ Assim como Carvalho (2007) entendemos que o Judô não é uma Arte Marcial, e seria incoerente com a filosofia preconizada no Judô, classificá-lo como se sendo uma luta para a guerra. Pois a guerra é luta entre antagônicos que se repelem, e o Judô é a luta entre os contrários que formam uma unidade.

tinha por intuito usar da força do oponente contra ele mesmo, ou seja, se ele empurra alguém mais fraco ao invés deste se opor à força empregada contra ele, o mais fraco deve ir a favor da força, fazendo com que este perca o seu equilíbrio, utilizando da força por ele emprega para projetá-lo²².

Com base nessa definição e compreensão de luta, concordamos com Soares *et al.* (1992, p.86) que expõem que o professor deverá:

[...] desenvolver o conhecimento técnico do aluno, sem que isso signifique exigir dele, necessariamente, níveis de execução de alta qualidade técnica.

[...] Sugere-se que o professor desenvolva abordagens diferenciadas para os jogos e modalidades esportivas a partir não do gesto técnico e sim do significado que os fundamentos desses jogos e modalidades possuem.

A intenção das aulas de Judô na Educação Física Escolar não é formar um atleta de Judô, nem mesmo ensinar técnicas luta (*Shiai*)²³ para um combate entre eles, mas,

²² Nas próprias palavras do *Sensei* Kano em um discurso proferido na University of Southern Califórnia, por ocasião das Olimpíadas de 1932:

“Deixem-me agora explicar o que significa, realmente esta suavidade ou cedência. Supondo que a força do homem se poderia avaliar em unidades, digamos que a força de um homem que está na minha frente é representada por dez unidades, enquanto que a minha força, menor que a dele, se apresenta por sete unidades. Então se ele me empurrar com toda a sua energia, eu serei certamente impulsionado para trás ou atirado ao chão, ainda que empregue toda minha força contra ele. Isso aconteceria porque eu tinha usado toda a minha força contra ele, opondo força contra força. Mas, se em vez de enfrentá-lo, eu cedesse à força recuando o meu corpo tanto quanto ele o havia empurrado mantendo, no entanto, o equilíbrio então ele inclinar-se-ia naturalmente para frente perdendo assim o seu próprio equilíbrio. Nesta posição ele poderia ter ficado tão fraco, não em capacidade física real, mas por causa da sua difícil posição, a ponto de a sua força ser representada, de momento, por digamos apenas três unidades, em vez das dez unidades normais. Entretanto eu, mantendo o meu equilíbrio conservo toda a minha força tal como de início, representada por sete unidades. Contudo, agora estou momentaneamente numa posição vantajosa e posso derrotar o meu adversário utilizando apenas metade da minha energia, isto é, metade das minhas sete unidades ou três unidades e meia da minha energia contra as três dele. Isso deixa uma metade da minha energia disponível para qualquer outra finalidade. No caso de ter mais força do que o meu adversário poderia sem dúvida empurrá-lo também. Mas mesmo neste caso, ou seja, se eu tivesse desejado empurrá-lo igualmente e pudesse fazê-lo, seria melhor para eu ter cedido primeiro, pois procedendo assim teria economizado minha energia.” (<http://www.judoinforme.com/3principios.html>, acessado em 03 de Agosto de 2010)

²³ Esclarecemos que o termo “técnica de luta” aqui referido não trata dos golpes de projeções propriamente ditos, mas sim em como e quando usar esses golpes para a sua projeção em um duelo entre dois judocas.

sim, propiciar subsídios para que os alunos reflitam sobre essa prática, e entendam que ela não é somente um conjunto de técnicas de projeção (*Nague-Waza*) ou de domínio no solo (*Katame-Waza*). Levando em conta que os alunos carecem de materiais como a vestimenta (*Judo-gi*) e tablado (*Tatame*), a primeira fase da preparação do golpe, a pegada no *Judo-gi* (*Kumikata*), não seria realizada. Porém os alunos podem experimentar as entradas de golpes segurando no antebraço e ombro, ou no antebraço e cintura escapular do companheiro.

A segunda fase seria o desequilíbrio (*Kuzushi*), que pode ser feita apenas puxando pelo próprio corpo do companheiro, partindo para a terceira e quarta fases que seriam o encaixe do golpe (*Tsukuri*) e a execução ou levantamento do companheiro (*Kake*). Logo, o aluno pode vivenciar tais fases, não sendo possível realizar somente a fase de finalização ou projeção propriamente dita (*Kime*). Entendemos, da mesma forma que Soares *et al.* (1992), que tais técnicas de execução da prática devem ser compreendidas como um meio necessário para a realização da luta, prevalecendo, na consciência do executante, que o instrumento apreendido é o um dos meios mais sofisticados para ter o sucesso na luta e que é possível realizar nas condições oferecidas. Todavia, as técnicas trabalhadas devem ser de fácil execução e controle do executante, para que evite movimentos desajustados. Daí a importância do professor de Educação Física ter vivenciado, em sua formação acadêmica ou pessoal essa modalidade para um ensino mais adequado.

Esse conteúdo novo apreendido deve, ao término do processo, promover sínteses do que foi apreendido e sobre a realidade, ou seja, ocupar uma posição diferente da que estava no começo do processo e ter condições de utilizar o conhecimento tido em sala de aula na sua vida cotidiana transformando-a e contribuindo na compreensão do mundo à sua volta. Essa nova posição seria a de quem assimilou os conceitos propostos em aulas e consegue mostrar o que aprendeu em termos tão elaborados quanto ao professor no momento da instrução. Nas palavras de Gasparin (2007, p.130):

O educando mostra que, de um sincretismo inicial sobre a realidade social do conteúdo trabalhado, conclui agora com uma síntese, que é o momento em que ele estrutura, em nova forma, seu pensamento sobre as questões que conduziram seu processo de aprendizagem. É o

momento em que indica quanto incorporou dos conteúdos trabalhados; qual seu novo nível de aprendizagem.

Cientes de que todo o trabalho na escola deve se desenvolver enquanto práxis, Vasconcellos *apud* Gasparin (2007, p.149) assevera que:

[...] o processo de conhecimento não está completo enquanto não houver a atividade prática relativa ao elemento teórico em questão, ou seja, entendemos que o conhecimento efetivo só se realiza quando da prática relativa a ele. Um conhecimento, para levar à ação, deve ser carregado de *significado* (compreensão) e de *afetividade* (envolvimento emocional). Desta forma entendemos que o trabalho com o conhecimento deve estar articulado com a realidade no sentido de sua transformação.

A prática social final pode ser vista ao término do processo, mas serão apenas indícios de valores, hábitos, costumes, críticas e posturas que os alunos obtiveram no decorrer do desenvolvimento desse projeto e que estes poderão ou não assumir ao longo de suas vidas. A comprovação seria mais precisa se todo o processo que os alunos vivenciassem em sua formação escolar considerasse a transformação da sociedade burguesa.

Caso essa educação não tenha uma visão de superação das relações existentes no interior dessa sociedade, mas ao contrário, se for uma educação que tenha apenas o objetivo de ensinar o elementar, para que os trabalhadores ao exercerem sua profissão agirem de forma praticamente mecânica, tornando-se indivíduos submissos e ordeiros que sustentam as contradições e incoerências de um sistema exploratório, então essa educação não terá perspectiva de transformação da sociedade. O Judô pode ser um instrumento de conscientização de alguns conflitos e contradições existente no mundo atual e um instrumento para formação de seres sociais que lutem por uma sociedade mais humana. Assim, contrariamos as pessoas que simplesmente descartam tal hipótese para a formação humana dos alunos, acreditando que não é uma prática possível de se realizar por necessitar de aparatos específicos. Tais aparatos, como defendemos anteriormente, são imprescindíveis para uma maximização do conteúdo, todavia é

possível iniciar com as condições que as escolas oferecem, confrontando aqueles que questionam sua prática, na escola com a intenção de inibir o seu aprendizado, por não ter uma legitimação profunda no meio em que vivem.

3. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA EMPÍRICA

A elaboração inicial das aulas ministradas na escola, objeto desta pesquisa, foi pautada nas reais condições que a escola brasileira possui. Levamos em conta a situação fora do cotidiano escolar, na qual os alunos, sujeitos da pesquisa, estavam inseridos. Por isso, nossa aproximação, como pesquisador, com a realidade da escola deu-se lentamente, considerando que o Judô não apresente as condições mínimas para uma prática ideal, não havia possibilidade de iniciar, de imediato, o trabalho propriamente dito. Entendemos que o conteúdo deve ser introduzido de forma lenta e gradual para que o impacto na mudança da realidade dos estudantes fosse o mais ameno possível, ocasionando uma reação diante o conteúdo proposto, mais próxima e plausível de uma situação cotidiana da realidade escolar.

No conteúdo trabalhado em aula sempre tivemos em vista a temática proposta neste trabalho, isto é, o Judô. A razão dessa cautela, no início do trabalho em virtude dos estudantes experimentarem uma nova situação, a de ser fonte de pesquisa acadêmica, e por trabalharem com um professor que não lhes era familiar. Tais condições poderiam criar uma situação de intimidação, bloqueio ou acanhamento. Dessa forma, os sujeitos da pesquisa poderiam participar da pesquisa meramente pela obrigação e pelo dever de estarem ali.

A situação a que a pesquisa expõe os pesquisados, no caso os alunos, poderia prejudicar as relações entre educador-educando, criando constrangimentos ou desinteresse. Esse bloqueio ou apatia poderia trazer, na coleta de dados e análises realizadas, diferentes sínteses e compreensões das objetivações e apropriações do conteúdo por parte dos alunos. Outros poderiam ser os resultados se as condições fossem ideais. As condições ideais, que nos permitiriam uma constatação mais verossímil da realidade, não foram possíveis naquele momento, já que o professor titular não era o pesquisador que lecionava as aulas com tal temática. Portanto, procedemos com cautela ao ministrar as aulas e o processo de adaptação a essa situação foi de suma importância, para que esta pesquisa produzisse um conhecimento que pudesse ser utilizado de fato nas aulas de Educação Física. As aulas não foram criadas em situações ideais, mas foram aplicadas em circunstâncias excepcionais.

Brandão (1984) acredita que o pesquisador/educador deve motivar e instrumentalizar os estudantes que participarem de uma pesquisa a assumirem uma experiência cotidiana de vida. Assim, a câmera usada para registrar os fatos e acontecimentos em aula foi apresentada apenas como um recurso de registro para análises. Logo, tentamos passar para os alunos que as filmagens não tinham a intenção de ser um recurso avaliativo ou de atribuir uma nota individual ou coletiva ao conteúdo trabalhado na avaliação escolar deles, evitando constrangimento de qualquer ordem. Deste modo, a participação e a conduta, de forma espontânea dos estudantes, foram importantes para não cairmos no equívoco de analisar uma situação fictícia ou produzida excepcionalmente. O número total de aulas trabalhadas com os alunos foi 28 (vinte e oito).

Entendemos que aquele que participa de uma luta ou se dispõe a fazê-lo certamente está interessado nas possibilidades de movimentos que essa prática corporal pode oferecer. Para manter tal interesse, desenvolvemos, no início do processo de adaptação dos alunos, atividades que envolviam o contato corporal entre os participantes de forma discreta, como por exemplo, atividades em que tinham que segurar a mão do companheiro ou abraçar levemente um colega. A intenção dessa abordagem de aproximação vagarosa foi para que, em um segundo momento da pesquisa de campo, se evitasse qualquer desconforto ou até mesmo rejeição da aplicação de algumas técnicas judoísticas, que têm um contato corporal mais contínuo e direto para a sua execução. Tais rejeições de entrar em contato com o outro podem ser fruto de uma educação mais tradicional que o aluno traz consigo, ou de uma educação que trata o contato corporal entre as pessoas de forma restrita e impessoal, ou até mesmo de frustrações e conflitos vivenciados pelos alunos que se envolvem nesse tipo de interação.

Como estratégia metodológica, aplicamos, no período de adaptação, atividades lúdicas com o intuito de fazer com que o aluno compreendesse que o contato com o outro não é algo que vai ferir-lhe a integridade moral e física ou causar-lhe um desrespeito. Logo, isso pode possibilitar que o estudante compreenda que o contato corporal com o outro é também uma forma de interagir com o próximo, de conhecer a si mesmo e os seus companheiros sem que isso lhe cause constrangimento ou desrespeito.

Para a realização do planejamento das aulas tomamos por base a proposta de Gasparin (2007) sobre o planejamento de um plano de trabalho/ensino, quando assinala que devem ser previstos todos maiores e não aspectos específicos. O autor destaca que: “[...] não sejam planejadas aulas, mas unidades de conteúdo, ou seja, um conjunto de aulas” (GASPARIN, 2007, p.155). A distribuição do conteúdo trabalhado com os alunos foi feita em 05 (cinco) módulos. Cada módulo teve um enfoque e contemplou parte de todo o conteúdo abordado. O módulo 1 foi um período de adaptação das filmagens das aulas e do professor pesquisador ao ambiente da escola e dos alunos. O trabalho foi iniciado pelo contexto histórico em que surgiu o Judô. Essa premissa partiu da afirmação de Soares *et al.* (1992, p. 63-64) que preconizam:

A escola, na perspectiva de uma pedagogia crítica superadora aqui defendida, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade. Para que isso ocorra, devemos analisar a origem do conteúdo e conhecer o que determinou a necessidade de seu ensino. Outro aspecto a considerar na seleção de conteúdos é a realidade material da escola, uma vez que a apropriação do conhecimento da Educação Física supõe a adequação de instrumentos teóricos e práticos, sendo que algumas habilidades corporais exigem, ainda, materiais específicos.

A referência acima possibilitou que o início do trabalho fosse realizado para que os alunos entendessem que a luta Judô não foi um conteúdo que sempre existiu na história da humanidade ou na história do seu país natal, o Japão. Para tentarmos concretizar essa perspectiva de prática escolar, embasamo-nos no livro *Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica*, de João Luiz Gasparin (2007), que apresenta um método para além dos métodos das escolas tradicional e nova. O autor apresenta um estudo sobre o método dialético de ensino, com base na obra de Dermeval Saviani (2003) *Escola e Democracia*. Nessa obra, Saviani (2003) afirma que uma pedagogia revolucionária sabe das suas limitações condicionadas pelos fatores socioeconômicos e entende a relação dialética entre a educação e a sociedade. O autor assim conclui seu pensamento sobre educação da seguinte forma: “Nesse sentido, ainda que elemento determinado, não deixa de influenciar o elemento determinante. Ainda que secundário,

nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade” (SAVIANI, 2003, p.66).

Uma proposta revolucionária de ensino deve estar articulada com os interesses das camadas populares deve promover uma “escolarização” dos alunos. O método dialético, em sua forma ideal, deve buscar um equilíbrio entre o essencial e existencial. Portanto, para Saviani (2003, p.69), tal método, o dialético, deverá:

[...] situar-se para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Serão métodos que estimularão a atividade e a iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos.

Nessa proposta de ensino dialético, a prática educativa deve ter como ponto de partida a *prática social*, que é inerente ao aluno e ao professor, sendo que ambos se posicionam diferentemente na sociedade. Posteriormente, essa prática é *problematizada*, ou seja, buscará desenvolver questões que precisam ser resolvidas na prática social e, em consequência, quais conhecimentos devem ser adquiridos. O terceiro passo é a *instrumentalização*, na qual o educando se apropria dos elementos teóricos e práticos para entender os problemas detectados e resolve, ainda que teoricamente, os problemas levantados e analisados na perspectiva de transformação social. O quarto passo, a *catarse*, consiste na incorporação dos instrumentos culturais, agora transformados em elementos ativos de transformação. O quinto e último passo é o ponto de chegada, a *prática social*. O que diferencia a prática inicial e o ponto final é que os alunos terão a possibilidade de manifestarem uma nova compreensão da realidade em termos mais claros e estruturados pelo conhecimento sistematizado. Assim, ao término desse processo poderemos avaliar se houve ou não uma alteração qualitativa dos alunos, cientes de que a alteração objetiva da prática só pode se dar a partir da nossa condição de agentes sociais ativos (SAVIANI, 2003).

Durante o segundo semestre do curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá, elaboramos um plano de ensino aplicado durante um trimestre em uma escola pública. O plano estava fundamentado na Pedagogia Histórico-Crítica de Educação e na perspectiva Crítico-Superadora em Educação Física. Para execução do plano de ensino, ministramos aulas teórico-práticas do conteúdo Judô em uma turma de 2º série do Ensino Fundamental do período vespertino, em uma escola municipal de Joinville, SC. A turma contava com 18 (dezoito) alunos de ambos os sexos, porém participaram da pesquisa somente 12 (doze) alunos. A faixa etária dos alunos da turma era de aproximadamente de 08 (oito) anos de idade. As aulas foram realizadas no mesmo turno em que os alunos frequentavam a escola, isto é, durante a carga horária das aulas de Educação Física. A elaboração das aulas foi pautada no método apresentado por Saviani (2003) que entende que a educação tem por função fazer com que o aluno apreenda o conteúdo sistematizado e elaborado historicamente pelos homens, considerando a educação escolar um espaço para buscar e articular, em alguma medida, as forças emergentes da classe dominada da sociedade por meio do processo pedagógico e do conteúdo como instrumentos a serviço da instauração de uma sociedade igualitária.

Tanto a elaboração das aulas quanto a execução ficaram a cargo do pesquisador Marco Antonio Lima Rizzo, e sob a orientação do Professor Dr. João Luiz Gasparin e acompanhadas pelo professor titular da turma selecionada para a pesquisa. Com início do trabalho, buscamos, na prática imediata dos alunos participantes da pesquisa, o fator empírico que nos forneceu elementos para compreender as relações da ação do indivíduo com a apropriação do conteúdo ensinado. Esse processo de condução do ensino e da aprendizagem nos possibilitou compreender alguns aspectos existentes entre as relações sociais, políticas e ideológicas do conteúdo ministrado e a vivência prática dos alunos no contexto em que eles estavam inseridos. Dessa forma, pudemos entender o processo de aprendizagem pelo qual os estudantes passaram até então. Procuramos compreender os condicionantes que contextualizavam nossa prática e quais pontos deviam ser priorizados ao lecionar a temática Judô na escola e turma selecionadas.

Na pesquisa de campo, realizamos o ensino dos golpes ou técnicas (*Waza*) segundo uma sequência apresentada pelo pesquisador, aprendida quando esteve em contato com essa luta. Consideramos também a criatividade e ideias dos alunos no momento da prática, a qual foi proposta sob os critérios estabelecidos pelo pesquisador.

O desenvolvimento das técnicas foi realizado da seguinte forma: o professor ensinava determinado golpe e levantava hipóteses sobre a aplicação de outros golpes que se assemelhassem àquele. Ou o professor dava ideias e descrevia condições para os alunos pensarem em como realizar essas ideias em forma de movimento. Assim, os golpes apresentados não eram colocados como se um dependesse do outro ou seguissem necessariamente uma sequência lógica e universal para o ensino de cada grupo de técnicas, mas que pertencessem a um mesmo grupo de golpes e pudessem ser descobertos de forma diferente segundo a criatividade e imaginação dos executantes.

O conteúdo lecionado foi apresentado sempre com vistas a atender as necessidades e capacidades dos alunos, para que estes incorporassem e se apropriassem do conhecimento, sanando as problemáticas colocadas no início do trabalho e as que ocorreram durante seu encaminhamento. O Judô, tratando-se de uma luta, tem por intenção desenvolver e aprimorar o ser humano; assim os alunos, ao término do processo devem estar aptos para esclarecer o conceito de luta e os motivos que levaram tal prática corporal a se legitimar na sociedade e continua se legitimando nos tempos contemporâneos. O conteúdo aprendido pelos alunos encontra-se distante deles, não no sentido de que não há possibilidades de realizá-lo ou que não possa pertencer a sua realidade, mas no sentido de que é uma realidade externa ao aluno, que se constitui em algo novo e/ou sob outra ótica, caso já tenham entrado em contato.

Além de conhecer o que os alunos já dominavam sobre o tema Judô, foi fundamental saber como se deu e como se dá historicamente essa apropriação. O que os alunos já dominavam sobre a temática Lutas é justificado pelo contexto histórico legado pela humanidade até o presente momento. O pensamento de um ser humano é oriundo da realidade em que vive. Nesse sentido, na realidade atual, o pensamento do homem é de alguém que vive na sociedade capitalista, por mais diferentes que sejam as formas que esse pensamento assuma. O pensamento do homem é condicionado por sua existência concreta no mundo. Seu pensamento, contudo, é produto das condições materiais e espirituais legadas e objetivadas até o presente momento pelos outros homens. Entendemos que a relação entre apropriação-objetivação se inicia a partir do que já está objetivado, ou seja, os homens só se apropriam daquilo que já existe e foi construído ao longo da existência da humanidade.

Duarte (1993) registra que a apropriação e objetivação humanas somente são possíveis graças à atividade vital do homem, definida como aquela que assegura a existência do indivíduo e a existência da sociedade, que é constituída pelo conjunto dos homens ao longo do desenvolvimento histórico. É através dessa atividade vital que o homem produz os meios que satisfarão suas necessidades, diferentemente dos demais animais, que apenas usam a atividade vital para satisfazer suas necessidades sem produzir os próprios meios. Ou seja, os animais não transformam a natureza para benefício próprio, eles apenas se utilizam dela para viver e reproduzir a espécie. Já o homem transforma a natureza, criando nela uma realidade mais humanizada. Assim, ao criar os meios e transformar a natureza ele se transforma junto gerando simultaneamente a criação de uma realidade humana.

Duarte (1993, p.31-32) esclarece que o homem:

Ao se apropriar da natureza, transformando-a para satisfazer suas necessidades, objetiva-se²⁴ nessa transformação. Por sua vez, essa atividade humana objetivada passa a ser ela também objeto de apropriação pelo homem, isto é, ele deve se apropriar daquilo que de humano criou. Tal apropriação gera nele necessidades humanas de novo tipo, que exigem nova atividade, num processo sem fim.

O fato dos animais construírem ninhos e colmeias não significa que essa produção seja um processo gerador de uma nova realidade *qualitativamente* nova. Na produção humana, o homem projeta uma função diversa sob a função natural da realidade; essa nova função deve satisfazer os meios criados pelo homem para sanar a sua necessidade. Esse processo de se apropriar e objetivar a natureza humanizando-a é o gerador do desenvolvimento histórico do homem. Duarte (1993) defende que é justamente a apropriação dos objetos (e também dos conhecimentos) que gera na atividade e na consciência humana novas necessidades e novas forças, faculdades e capacidades. Entendemos que isso é possível, pois se o homem cria novas condições para viver e à medida que faz ele se transforma, há a possibilidade de novas problemáticas a serem superadas por existir uma nova condição. Logo, um indivíduo ao

²⁴O ato de objetivar-se na transformação significa que ele projeta seus interesses, saberes e finalidades em determinado meio criado para satisfazer a necessidade, ou seja, faz do objeto natural o meio para subsistir na natureza.

nascer, para manter sua existência da forma em que ela está, depara-se com as condições concretas legadas e mais os problemas (necessidades) que deve superar para sobreviver. Dessa forma, o homem não se limita aos aspectos naturais de aprender somente o que a sua vida lhe proporciona; ele se apropria do que já foi legado pelos outros homens e contribui, dentro dos limites possíveis, na construção da sociedade atual, dentro das condições determinadas pela atividade passada de outros seres humanos.

Tanto a apropriação quanto a objetivação possuem papéis importantes e distintos na transformação da realidade, já que para transformar algo é preciso compreender o antigo e usufruir o que há de positivo nele na construção do novo. Portanto, a construção de um saber novo nada mais é do que negação de um saber antigo para o novo. O saber antigo possui em seu interior uma parte das condições para a elaboração de um novo saber. As condições para a construção do novo são dadas ainda no interior do antigo, porque o entendimento desse saber novo não implica um retorno à estaca zero. O processo inicia-se a partir do velho, por isso que se aproveitam os aspectos positivos do saber antigo, pois é o espaço mais favorável para se consolidar o novo (TRIVIÑOS, 1987).

A apropriação-objetivação são duas faces de uma mesma moeda, ou seja, uma não existe sem a outra. O ser humano só se apropria do que já existe e só objetiva algo por ter-se apropriado anteriormente. A compreensão dessa relação é que nos dá o alicerce para uma possível sistematização inicial do conteúdo Judô. Com base nessa lógica entendemos que a sistematização é um delineamento dos conhecimentos que devem ser lecionados aos alunos sobre determinada temática. Tendo em vista que as lutas fazem parte da cultura do homem, os alunos trazem consigo as impressões apropriadas por essa prática. O conteúdo sistematizado representa aquilo que se tem de essencial para ensinar aos alunos, porém nada impede que o professor vá além da proposta, desde que as análises realizadas tenham como ponto final a temática sistematizada. Posto isto, o professor deve lecionar o conteúdo histórico e sistematizado sobre a luta em questão, pois é na relação e contradição do conhecimento sistematizado com o senso comum que os alunos terão a oportunidade de compreender e interiorizar esse conhecimento humano. O reconhecimento da essência desse conhecimento implica na capacidade de interpretar um fenômeno da realidade e saber diferenciá-lo dos demais, segundo o seu desenvolvimento histórico e contexto de sua criação. A proposta

metodológica para o ensino foi elaborada por Gasparin (2007), enquanto a estruturação e sistematização da proposta foram feitas a partir das aulas prático-teóricas, sob uma perspectiva Crítico-Superadora. Para uma análise mais adequada do conteúdo lecionado, registramos as aulas por meio de filmagens.

Neste sentido, e segundo Minayo (2008), a pesquisa possui um caráter qualitativo, já que nos possibilita fazer uma análise do universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e atitudes em determinado contexto. Desta forma, a análise das aulas permitiu entender o aluno como parte da realidade social em que vive, já que suas ações são advindas das relações sociais e dotadas de intencionalidade e representações, sendo dificilmente traduzidas em fatores numéricos e indicadores quantitativos. Assim, baseando-nos no pensamento de Minayo (2008, p.27), entendemos que a análise qualitativa “é a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos, e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador”. Portanto, a preocupação principal nesse momento não é registrar se todos os alunos ou a maioria conseguiu se apropriar do conhecimento lecionado, mas sim quais conhecimentos são possíveis de serem aprendidos segundo a proposta de ensino elaborada.

Leontiev (1983) apregoa que o pensamento de um homem não existe fora da sociedade em que este vive; que o pensamento das pessoas, assim como sua percepção, possui uma natureza histórico-social. Pensando da mesma forma, o desenvolvimento e a análise das aulas com o conteúdo proposto não podem ser compreendidos descolados de sua realidade, isto é, as ações dos alunos não podem ser compreendidas fora do seu contexto histórico-social. Assim, estamos levando em conta a condição de que os alunos estão em uma sociedade dividida em classes, na qual uma explora a outra para benefício apenas de uma. E a escola, assim como todas da sociedade moderna, pode ser entendida como um espaço para perpetuar conhecimentos necessários para manter a existência do homem tal como é na contemporaneidade. Não que a educação seja uma instituição totalmente estéril no que diz respeito à transformação da sociedade, porque como já afirmamos o velho porta dentro de si a possibilidade de construção do novo. Mas a educação não pode inverter o processo ao qual ela é submetida. Todavia, ela pode, segundo Saviani (2003, p.75-76): “[...] lutar no campo pedagógico para fazer prevalecer os interesses até agora não dominantes. E esta luta não parte do consenso, mas do dissenso”. Como já assinalamos, a educação pode ser um palco de embates ideológicos

antagônicos e/ou contraditórios. Esse embate ao ser evidenciado aos estudantes passa a dar a possibilidade de entenderem as divergências de interesses sociais; como propala Saviani (2003), fazer com que o aluno passe da síntese (visão caótica do todo) à síntese (uma visão total das determinações e das relações abstratas e determinações simples). Isso contribuiria na capacidade do ser humano promover uma leitura da realidade mais completa.

Nesta pesquisa, ao buscarmos realizar os objetivos propostos, procuramos compreender as mediações pedagógicas que levam os estudantes a assimilarem o conteúdo proposto. Logo, as aulas ministradas possibilitaram-nos constatar aquilo que foi captado e exteriorizado por parte dos alunos, mediante a linguagem, as palavras escritas e os gestos. A proposta de sistematização das aulas de Judô surgiu após as análises e reflexões obtidas no plano empírico. Observamos que, em todo o conteúdo ministrado, os alunos não compreenderam de forma homogênea aquilo que foi transmitido. Não exteriorizaram de forma clara aquilo que foi apreendido e também não conseguiram articular o conteúdo em seu desenvolvimento histórico e/ou relacioná-lo com sua prática cotidiana. As nossas análises limitaram-se em compreender o que foi devidamente apropriado e exteriorizado por eles e que pode nos mostrar que é possível ensinar Judô nas escolas brasileiras. Quanto aos alunos que não exteriorizaram ou se apropriaram o conteúdo, caberia uma análise mais profunda e particular do processo ensino-aprendizagem para verificar as lacunas deixadas no momento da prática.

As aulas ministradas e a forma como lecionamos o conteúdo representam um conjunto de saberes que foi apresentado aos estudantes. A construção de futuras aulas com essa temática deve ser estruturada à medida que o conteúdo se legitime nas aulas de Educação Física, sendo analisadas as contradições de uma nova sistematização ou nova abordagem ideológica do conteúdo. Esclarecemos que o desenvolvimento teórico desenvolvido neste trabalho, no primeiro momento, constituiu-se em uma escolha teórica para a estruturação das aulas ministradas. As objetivações obtidas neste trabalho é que, de fato, representam a verdadeira práxis da investigação realizada.

Ao assumirmos a possibilidade de dicotomia entre teoria e prática durante a pesquisa de campo obrigou-nos à busca de uma pesquisa crítica, que tenha por

condições promover uma leitura da realidade social e pedagógica do professor²⁵ comprometida com a transformação da realidade escolar e social, dentro das limitações históricas da sociedade e pessoais do pesquisador e dos alunos. O fato de estarmos cientes de tal limitação em nossa pesquisa não implica que estamos negando a possibilidade de transformação dessa sociedade, porque o intuito desta pesquisa é viabilizar o ensino de um conteúdo tido como essencial aos alunos para poderem compreender a realidade que os cercam.

Nas próximas seções deste trabalho, analisaremos o confronto do saber empírico que os alunos trouxeram consigo comparado ao conteúdo sistematizado apresentado em aula. A análise permitiu constatar um desenvolvimento e uma melhor compreensão sobre a temática Lutas, possibilitando compreender como as apropriações são possíveis de ocorrerem sem os aparatos essenciais para a prática judoística. Ressaltamos que os fatores que podem ter prejudicado a exteriorização do conteúdo, por parte dos alunos nas últimas aulas, foram os eventos e feriados ocorridos na escola, o que acarretou um intervalo grande entre as últimas aulas, podendo ter prejudicado a última exteriorização do conteúdo.

Como parte final da pesquisa, debatemos dois jogos realizados pelos alunos. O critério de seleção desses jogos foi o número de solicitações dos alunos. Na análise, pretendemos mostrar como a parte de conteúdo teórico e histórico pode ser ministrada por atividades lúdicas e jogos. Esperamos que as análises desses dois jogos sejam esclarecedoras para elucidar como o Jogo pode contribuir para a transmissão de alguns conhecimentos do Judô, possibilitando ao aluno fazer as mediações necessárias para uma compreensão histórica da luta e dos golpes.

3.1. CONCEITO DE LUTA: CONFRONTANDO O SABER EMPÍRICO COM O SABER SISTEMATIZADO

²⁵ Compreendemos como “realidade pedagógica do professor” as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem do aluno, seja por conta das limitações do professor e da escola em um plano material e/ou inteligível.

O primeiro contato com os alunos foi uma aproximação acerca do conteúdo a ser trabalhado e as possíveis perspectivas de sua aprendizagem. Segundo Gasparin (2007, p.22), essa prática social inicial: “[...] traduz a compreensão e a percepção que perpassam todo o grupo social”. Assim, as ideias e perspectivas representariam o que os alunos já carregam consigo sobre a temática; o que foi adquirido por meio das relações sociais de sua vida, ou seja, seriam manifestações de um grupo social maior. Esse saber foi determinado como saber cotidiano, sendo nosso ponto de partida para avançar para um conhecimento científico e sistematizado para com os alunos. Nosso objetivo na aproximação realizada foi compreender o que os estudantes pensavam sobre o conteúdo, o que eles esperavam do conteúdo e as possibilidades para elaboração das próximas aulas.

Realizamos a problematização das aulas com os alunos após a prática social inicial. Surgiram diversas questões e outras foram explicitadas pelo professor. Uma das primeiras apresentadas pelos estudantes foi acerca do próprio conceito de luta ou Judô e como esse conceito seria compatível com um conceito científico mais elaborado. Questões como o motivo da existência dessa modalidade no Japão, pautada nos valores dos antigos samurais, foram vinculadas com os valores zelados nos dias de hoje. Tais questões foram relacionadas com alguns problemas enfrentados na sociedade contemporânea.

Na primeira aula, levantamos uma questão trabalhada ao longo de toda a pesquisa de campo, de forma direta ou indireta, intencionando que os alunos compreendessem melhor a temática “Luta” dos conteúdos da Cultura Corporal. Soares *et al.* (1992, p.87) informam que: “Os passos que intermediam a primeira leitura da realidade, como se apresenta aos olhos do aluno, com a segunda leitura, em que ele próprio reformula seu entendimento sobre ela, são os de: constatar, interpretar, compreender e explicar [...]”. Ao perguntar para os alunos o que eles entendiam por Luta podemos verificar que o conceito atribuído por eles ao conteúdo, era oriundo apenas da própria experiência empírica, devendo o professor confrontar esse saber dos alunos com um saber científico ao longo da pesquisa de campo. Essa experiência empírica foi relatada pelos alunos quando afirmaram onde já tinham visto uma Luta:

Professor

Onde vocês viram essas lutas que me falaram? A luta livre e o Judô?

Aluno

Na TV.

Professor

Na televisão?

Alunos

Sim.

Aluno

Eu vi em filme.

Aluno

Nas Olimpíadas.

Professor

Nas Olimpíadas também?

Alunos

Sim.

Alunos

Eu vi na minha irmã, minha irmã tem Sky e eu assisti UFC (Ultimate Final Combat) lá.

Aluno

Eu tenho em jogo Play (PlayStation)

Professor

Vocês já viram o judô na televisão?

Aluno

Eu já vi Mai Tai.

Professor

É um tipo de luta também.

Para podermos analisar os conceitos científicos que desenvolveremos com os alunos, Gasparin (2007, p.20) nos alerta que é necessário: “[...] antes de mais nada, determinar ou tomar conhecimento de qual a compreensão que as crianças possuem, no seu dia-a-dia, sobre esses conceitos”. Então o relato acima nos aponta os indícios da concepção que os alunos podem ter desse fenômeno cultural. O Judô, assim como qualquer esporte, passa por um processo de espetacularização, ou seja, de transformar os ensinamentos e os seus benefícios enquanto prática²⁶ em mercadoria que possa ser comercializada. Kunz (2004) adverte que os meios de comunicação aceleram o processo de transformação do esporte-espetáculo em mercadoria, sendo fruto da modernidade capitalista que, na visão de Carvalho (2007), desenvolve-se cada vez mais deformada, transformando tudo e a todos em objeto de consumo mercantilizando a cultura,

²⁶ Os benefícios da prática a que nos remetemos com esse termo referem-se tanto aos praticantes da modalidade quanto às demais pessoas que se utilizam do Judô para satisfazer suas necessidades, como, por exemplo, de lazer ou de comércio (professores, dirigentes de academias de Judô, presidente de federações etc.).

incluindo as lutas e as artes marciais, transformando-as em uma mercadoria para o lucro fácil. Bracht (2005, p. 111) pontua que:

O esporte de alto rendimento ou espetáculo vai organizar-se a partir dos princípios econômicos vigentes na economia de mercado – situa-se no plano da transformação da cultura em mercadoria, é parte do que se chama de indústria do entretenimento e precisa ser estudado no plano da economia da cultura. Em princípio poderia, regendo-se pelas leis de mercado, prescindir da intervenção generosa (ou subsidiária) do Estado, prescindir também da legitimação via contribuição educativa e para a saúde, mas, como aliás outros setores da economia – que fazem concomitantemente apologia da economia de mercado – parece não querer abrir mão desta “parceria”.

Portanto, existe a possibilidade dos estudantes quererem se apropriar do conteúdo em questão apenas como forma de satisfazer uma necessidade imediata, isto é, aprender somente aquilo que convém para o momento, sem compreender as possíveis causas que originaram essa prática corporal entre os homens. Parece ter sido essa a visão dos alunos quando se referiram ao conteúdo Luta. A prática evidenciada por eles pode servir para reforçar interesses pessoais e não coletivos, buscando tão somente compreender a parte do conteúdo que satisfaça seus valores individuais, sem se preocupar com as consequências que essa prática corporal gera na sua vida e de seus companheiros. Cabe ao professor direcionar, problematizando e instrumentalizando o conteúdo juntamente com os alunos, para que essa prática possa contribuir na formação humana dos estudantes. Assim, segundo Soares *et al.* (1992, p.87), os conhecimentos apreendidos na escola, e no contexto da Educação Física:

[...] devem emergir da realidade dinâmica e concreta do mundo do aluno. Tendo em vista uma nova compreensão dessa realidade social, um novo entendimento que supere o senso comum, o professor orientará, através dos ciclos, uma nova leitura da realidade pelo aluno, com referências cada vez mais amplas.

A concepção de Luta que os alunos possuíam antes de entrarem em contato com o conhecimento sistematizado, trouxe-nos indícios de como poderia ser norteada a

prática das aulas. Acompanhemos a discussão surgida quando lançamos essa pergunta “o que é luta?”, no primeiro dia de aula, 16 de Março:

Alunos

É um esporte

Professor

É um esporte. Mas nesse esporte acontece o que para ser uma luta?

Alunos

Eles têm que lutar!

Professor

Mas o que é lutar? O que acontece quando vocês lutam?

Alunos

Se machuca?

Professor

Se machuca? Aí não pode! Tem luta que machuca não tem?

Alunos

Luta livre.

Professor

Mas aí tem soco e chute. Judô tem soco e chute?

Alunos

Não

Professor

Não! É para machucar alguém?

Alunos

É pra imobilizar.

Professor

É para imobilizar o cara no chão ou derrubar em pé. Mas esse derrubar machuca?

Alunos

Não porque tem o tatame.

Professor

Não porque tem o tatame e a gente ensina a forma certinha de cair. Não é igual a brincadeira de pega-pega e tropeça (e cai) e rala o joelho, ou é a mesma coisa?

Alunos

Não

Professor

Não né? Porque você vai derrubar (o outro) certinho e bonitinho, é diferente. O judô é uma luta, mas não machuca. Diferente da luta livre que tem soco e chute. Aí é um outro “esporte”.

Notamos que os alunos compreendem que a Luta é um Esporte, e não têm certeza se toda a luta possui as características de lesionar o oponente. Alguns exemplos de lutas foram citados e comparados com o Judô, porém os alunos reconhecem que o Judô é diferente de Luta Livre, sendo um ponto importante para analisarmos o que eles entendem sobre Luta e qual é o seu conceito. Esse ponto de partida – a luta como forma de ferir e até matar – nada mais é do que o conceito da grande maioria das Lutas que

surgiram na sociedade ao longo dos anos tinham por função proteger algo ou a si próprio para isso elas foram elaboradas como um meio de dominar o oponente geralmente com a intenção de matá-lo ou pelo menos contundir-lo seriamente. Assim, quando o aluno afirma que no Judô deve-se imobilizar o oponente, já tem certa noção do respeito que uma pessoa deve ter diante da outra., mas não compreendeu o significado histórico que esse imobilizar tem na luta Judô.

Atualmente, as lutas, assim como jogos, as danças e a ginástica, passaram por um processo de esportivização, ou seja, transformaram-se em uma prática sistematizada por regras rígidas e com um objetivo, previamente definido, a ser conquistado, que seria vencer o adversário para conquistar um título ou um prêmio, o que, em alguns casos, pode representar um meio de sua subsistência, acarretando o recebimento de um salário, assim como o trabalho do operário ou de um professor, por exemplo. Dessa forma, entender que o Judô é um esporte está correto, todavia entendemos que o Esporte Moderno (tais como futebol, tênis e natação) foi, segundo Bracht (2005, p.13), resultado: “[...] de um processo de modificação, poderíamos dizer, de esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, como **jogos populares**, cujos exemplos mais citados são os inúmeros jogos com bola [...]” [grifos nossos]. Assim, a compreensão do conceito de Lutas, trabalhada nesta pesquisa, é a de que luta é uma prática corporal, seja com armas, aparatos ou apenas com as mãos, com a intenção de dominar o oponente. Bracht (2003 e 2005) entende que o Esporte Moderno nasceu dos jogos tradicionais que foram esportivizados pela sociedade e assim perderam a sua espontaneidade e ludicidade. Esses jogos eram vistos e praticados em festas religiosas e de colheitas; hoje deram lugar à alta performance, ao aprimoramento técnico, à negação do outro e à racionalização dos meios.

Vigotski (2001) enuncia que o conceito expresso em uma palavra, sob uma compreensão psicológica, é, em qualquer idade, a representação de uma generalização e que a essência de seu desenvolvimento é a transição de uma estrutura de generalização a outra, o que nos permite postular que o conceito que os alunos têm sobre o termo Luta pode ser dado como evoluído quando estes obtiverem uma formulação de um conceito novo, que abarque a sua concepção antiga. Entretanto, a nova concepção tem que ser mais elevada e próxima do significado social do conceito.

No intervalo entre a aula de 16 de março até a aula do dia 23 de abril, desenvolvemos atividades nas quais o professor apresentava os fundamentos básicos do Judô, de forma que as práticas realizadas eram adaptadas às capacidades físico-motoras e cognitivas aos praticantes da atividade. Essas atividades objetivavam a vivência, pelos alunos, dos elementos dessa modalidade de luta de forma prática e com uma conotação lúdica. Lúdica, para que a aplicação da atividade despertasse o interesse da turma, pois conforme Vigotski (2001, p.246), o: “[...] processo de desenvolvimento dos conceitos ou significações das palavras requer o desenvolvimento de toda uma série de funções como a atenção arbitrária, a memória lógica, a abstração, a comparação e discriminação [...]”, para evitar que os alunos tivessem uma aversão quanto à atividade e a prática da brincadeira-luta; caso contrário, poderiam ser induzidos a não quererem compreender e refletir sobre o fenômeno estudado/vivenciado.

Alguns fundamentos do Judô foram trabalhados com os alunos antes que partíssemos para uma luta-lúdica²⁷. A transmissão dos fundamentos e dos processos de amortecimento de quedas (*Ukemi*) desenvolveu-se nos dias 15 e 20 de abril, no dia 22 de abril realizamos a movimentação de um judoca (*Shintai*), giros sobre o corpo (*Tai-Sabaki*) e pegada (*Kumikata*); no dia 23 debatemos o equilíbrio, experimentando situações que testam o equilíbrio e desequilíbrio; no dia 27 de abril efetuamos a transmissão do fundamento de posturas (*Shinsei*) e de equilíbrio.

O motivo de debatermos o conceito de equilíbrio e desequilíbrio no Judô se deu em virtude de que, em atividade posterior, aplicamos esse fundamento em uma situação similar a uma luta de Judô. Portanto, transmitimos o conceito aos alunos e o aplicamos em uma situação similar à luta, diferentemente dos outros conceitos para os quais não tivemos essa condição. Os outros fundamentos são: movimentação em luta, giros sobre o corpo, pegadas e posturas para combate. Esses fundamentos foram anunciados aos alunos, mas pelas dificuldades pertinentes à escola pública brasileira não teriam como serem experimentados nas condições ideais e nem ao menos de forma compensatória, como foi o caso do equilíbrio/desequilíbrio. Tais fundamentos anunciados e não

²⁷ A luta-lúdica, aqui referenciada, nada mais é do que uma atividade que simula uma luta de Judô, na qual, na atividade um aluno deve demonstrar domínio sob outro. Por exemplo, em atividades nas quais os alunos se dividem em duplas e devem ficar frente a frente segurando a sua mão direita na mão esquerda do companheiro, e a sua mão esquerda na direita do outro. Um dos pés deve ser levantado, e se este tocar no chão quem se manteve com um pé vence, portanto, é como se fosse uma representação de uma queda no Judô.

aplicados ao Judô, ou em algum outro tipo de luta-lúdica, foram aplicados em outras situações e jogos como um meio de experimentar em outras condições e situações os fundamentos judoísticos.

O debate, ocorrido no dia 23 de abril de 2010, deu-se logo no início da aula, tendo a sua sequência com atividades nas quais os alunos deviam tentar se equilibrar sem ajuda de algum outro companheiro ou sem que algum companheiro o tentasse derrubá-lo. Vejamos como foi o debate:

Professor

Primeira coisa, no judô, o que você tem que fazer para ganhar?

Aluno

Derrubar o outro.

Professor

Derrubar o outro, e quem derrubou, aconteceu o que?

Aluno

Ganhou

Professor

Não, o que caiu, alias, aconteceu o que?

Aluno

Perdeu.

Professor

Por que ele perde?

Aluno

Porque ele foi derrubado pelo adversário.

Professor

Ta, ele foi derrubado, mais porque ele foi derrubado?

[...]

Professor

Não. O Aluno 1 acertou uma coisa, porque ele não ficou firme no chão? E quem não fica firme no chão, é porque está o que?

[...]

Professor

Se você está em pé, você está como?

Aluno

Normal.

Aluno

Com o pé firme no chão.

Professor

Com o pé firme no chão, porque você está com equilíbrio, e se você cair aconteceu o que?

Aluno

Desequilibra.

Professor

Desequilibrou. Hoje nossa aula vai ser sobre equilíbrio, e desequilíbrio.

[...]

Professor

Quando que vocês estão em equilíbrio?

Aluno

Quando você está em pé.

Professor

E pra ficar em pé vocês precisam do que?

Alunos

Ter forças nos pés e pernas.

[...]

Professor

Voltando ao que nós estávamos falando, o Judô é um “esporte” que você tem que se equilibrar e desequilibrar o...

Alunos

Os pés, pernas.

Professor

Pernas? Você tem que se equilibrar e desequilibrar as pernas? Que perna?

Alunos

Equilibrar a gente e desequilibrar o adversário.

Professor

O adversário, só que se você está muito fraco, está balançando para lá e para cá, você consegue fazer isso?

Alunos

Não.

Professor

Não né? O equilíbrio a gente só usa no judô?

Alunos

Não.

Professor

Aonde mais a gente usa o equilíbrio?

Aluno

Nas brincadeiras.

Aquele cara do circo, que anda na bicicleta na corda bamba.

Professor

Rapaz do circo que anda na bicicleta na corda bamba. Mais algum outro lugar?

Alunos

Surf, skate, snowboard.

Na bicicleta.

[...]

Professor

Na bicicleta, todo mundo já sabe, até no futebol você precisa de equilíbrio, se não tem você?

Alunos

Cai.

Professor

Cai, aí não dá muito certo. Está todo mundo falando junto e eu não vi ninguém levantando a mão pra falar. Só vou pedir para um falar. Fala Aluno 2.

Aluno

Um dia eu estava jogando futebol, daí eu chutei pra fazer o gol e desequilibrei.

No debate, não pudemos ver explicitamente qual o conceito de equilíbrio, mas pelos dados apresentados pelos alunos, pudemos notar que o conceito de equilíbrio seria o ato de ficar em uma posição em pé, sem que a gravidade ou alguém os derrubasse. Observamos também que os alunos reconhecem que o desequilíbrio/equilíbrio faz parte dos outros esportes e atividades, e que na luta Judô uma das coisas que a caracteriza, essencialmente, é o fato de superar o oponente desequilibrando-o. Acreditamos que esses processos de experimentação e de instrumentalização dos fundamentos do Judô contribuíram para um maior esclarecimento da diferença essenciais das Lutas para o Esporte, já que os alunos puderam perceber que nos outros esportes também ocorre o desequilíbrio, mas não é algo considerado como uma derrota, mas um como um descuido ou acaso.

Na aula do dia 04 de maio, eles já haviam vivenciado, de forma mais branda e mais espontânea, a atividade que havia sido proposta no dia em que debatemos o conceito de Luta. Pelo que verificamos em aula, os alunos mostraram certa confusão e dificuldade de discernimento quanto à temática abordada.

Professor

Mas alguns de vocês podem pensar: “Mas professor, por que você ensina Cotonete?²⁸”, alguém sabe?

[...]

Aluno

É como se fosse uma luta.

Professor

É como se fosse uma luta ou um duelo, muito bom Sidney, muito bom. Mas o que é igual no cotonete e no Judô?

Aluno

Você tem que derrubar o outro pra ganhar.

[...]

Professor

Tem que derrubar pra ganhar. Então a gente trabalha o equilíbrio e desequilíbrio, certo? O que vocês têm que fazer para derrubar o outro?

Aluno

Bater nas costas e no bumbum (com o cotonete)

Professor

E quando ele cai acontece o quê?

Alunos

²⁸ O jogo “Cotonete” nada mais é do que um duelo, ou uma luta-lúdica, entre dois alunos, no qual devem ficar em cima de um banco (ou de algum outro suporte mais baixo) portanto, um cotonete. Esse cotonete seria um colchonete enrolado e fixado com uma faixa ou corda, devendo usar somente esse material para derrubar o outro, batendo apenas em suas costas e glúteos.

Ele perde.

Professor

E por que ele perde?

Aluno

Porque o outro derrubou ele.

[...]

Professor

Ele derrubou, mas quando você não conseguiu ficar em pé, o que aconteceu?

Aluno

Desequilibrou.

Professor

Desequilibrou, agora se eu estou batendo e os dois caem, quem ganha?

Aluno

É empate.

Professor

É um empate, porque ninguém teve um equilíbrio pra continuar no jogo. Então o desequilíbrio e equilíbrio no Judô é a mesma coisa, às vezes acontece dos dois entrarem os golpes e os dois caírem no chão ao mesmo tempo, vale ponto pra alguém?

Aluno

Não.

[...]

Professor

O que um esporte tem que ter para ser uma luta, que é diferente dos outros?

Alunos

Por que o futebol tem fazer gol e o Judô tem que derrubar o adversário.

Professor

No futebol você tem marcar gols, ganha quem marcou mais pontos. E na luta quem é que ganha?

Alunos

Quem derruba.

Professor

É quem derruba, mas isso é no Judô. E em todas as outras lutas?

Aluno

É a mesma coisa.

Professor

No futebol é quem marca mais pontos, no basquete é quem marca mais cestas ou pontos, no handebol é quem marca mais pontos ou gols. Mas e no Karatê?

[...]

Aluno

É quem derruba.

Professor

Mas no Karatê não é a queda que ganha. O que (faz o atleta) ganhar no Karatê?

Alunos

Socos.

Professor

Os socos ou golpes. No Boxe?

Alunos

Soco.

Professor

E no Judô?

Alunos

Cair e imobilizar.

Professor

Imobilizar o quê?

Alunos

O Adversário.

Professor

Quando você imobiliza o adversário você mostrou o quê para todo mundo?

Alunos

Que você é mais forte.

Professor

Que você é mais forte e conseguiu dominá-lo²⁹. Então na Luta você deve dominá-lo, é diferente dos Esportes Coletivos (citados anteriormente) que você precisa marcar (os pontos). Então essa é a diferença da Luta e dos outros Esportes [...]

Concluimos, até esse ponto do debate com os alunos, que a Luta se distingue dos demais esportes por ter como objetivo final o domínio do outro. Nas Artes Nipônicas e nas Artes Marciais³⁰ contemporâneas, esse domínio não necessariamente implica na contusão ou na morte do outro praticante, mas, no passado, a execução de golpes tinha por objetivo tais finalidades³¹. Desta forma, o Judô, enquanto uma Luta, por mais que não tenha sido elaborada em um período histórico que não a legitimasse como uma Arte

²⁹ O termo “força” aqui empregado foi mantido em aula, pois é um dos meios que se tem para vencer o oponente em um combate corpo a corpo, sendo um dos meios mais fáceis de compreensão do domínio de um sobre o outro por parte dos alunos nessa faixa etária. Estamos cientes de que não é o único caminho no Judô e nem que deve ser sobreposto ao princípio de suavidade (*Ju*), porém não julgamos oportuno nesse momento debater sobre tal diferenciação conceitual com os estudantes, talvez o melhor termo a ser usado na ocasião fosse “astuto”, “sagaz” ou simplesmente “melhor”. Kano *Sama* (S/D) nos alerta: “vencer o hábito de usar a força contra a força é uma das coisas mais difíceis do treinamento do Judô. Caso não se consiga isto não se pode esperar progresso”.

³⁰ Aqui seguimos a perspectiva de Yoshikawa *apud* Carvalho (2007, p.65) que faz menção ao Judô em relação ao conceito de Arte Marcial: “fazer alusão ao judô enquanto ‘arte marcial’ ou enquanto ‘arte para a guerra’ é desconhecer que o deus da guerra dos japoneses era ‘Yamiya-Hachiman’”. Carvalho (2007, p.65) ainda defende a ideia de que o termo mais adequado seria Artes Hachimanianas ou Arte Nipônica, este último termo entendido por nós como mais amplo que o primeiro, já que se refere a toda Luta apropriada em determinada região e não segundo a uma finalidade.

³¹ Alertamos que não consideramos o Judô como uma Arte Marcial, pautando-nos em Carvalho (2007, p. 53) que afirma que: “a rigor, o judô não foi erigido como ‘arma’ de ataque, ‘arma’ para a guerra, mas como meio à construção de uma vida equilibrada ancorada na honra, na lealdade, na fidelidade aos princípios e na solidariedade aos camaradas”.

Hachimaniana e nem ser elaborada para fins de guerra, carrega consigo as características fundamentais de Artes Nipônicas utilizadas pelos samurais. O Judô, sendo uma prática corporal que se utiliza de meios como a imobilização, os estrangulamentos, as chaves de braço e as quedas do oponente para vencê-lo, carrega consigo uma representação simbólica de que tais meios, quando bem executados, representam um domínio do *Tori* (aquele que ataca) sob o *Ukê* (aquele que defende). Portanto, podemos classificar essa modalidade como uma Luta e não um Esporte, como comumente é tratado.

O domínio de um judoca em relação ao outro em uma luta é tido quando um aplica o golpe no outro e o projeta contra o tablado (*Tatame*), seguindo os critérios de pontuações estipulados no Judô. A aplicação do golpe no Judô não deve atender somente aos critérios de pontuação, mas os princípios e valores da filosofia do Judô quando um judoca executa um golpe. Por exemplo, ao projetar o oponente, o *Tori*, que executou a técnica, deve segurar a manga do *Judo-gi* (vestimenta) do *Ukê* (aquele que sofre o golpe), para que este caia com mais segurança e tenha uma facilidade maior na realização do amortecimento de queda (*Ukemi*). Essa automatização do movimento de puxada de manga, no momento da queda do companheiro, deve estar claro ao *Tori* (executante do golpe) a sua importância e finalidade. Tal processo de automatização deve ser ensinado ao judoca, esclarecendo os motivos e as implicações para que ele aperfeiçoe o golpe, devendo ficar clara aos praticantes que é um consenso para o benefício de todos.

Em nossa situação, sem os aparatos necessários para uma prática ideal, encaminhamos tal princípio com a proibição da queda (*Kime*) do companheiro, e solicitamos aos alunos ficarem atentos quanto às reações que o companheiro apresentava durante a execução do golpe. Na aplicação dos golpes, em sua maioria, houve respeito mútuo e nenhuma desavença entre os alunos. A única vez que ocorreu um problema durante as aulas de aplicação de golpes em pé (*Tachi-Waza*), no dia 01 de junho, quando um aluno estava executando o golpe e, após o sinal de encerramento da atividade, o aluno finalizou (*Kime*) o golpe. Chamamos-lhe atenção de maneira firme, firme, orientando novamente sobre o porquê de não fazer a projeção (*Kime*), e esse fato não ocorreu novamente. Esse incidente nos remete a uma reflexão que aponta um pequeno descuido no momento da instrumentalização, já que segundo Gasparin (2007, p.53), é na instrumentalização que:

[...] os alunos estabelecem uma comparação intelectual entre seus conhecimentos cotidianos e os conhecimentos científicos, apresentados pelo professor, possibilitando que eles incorporem esses conhecimentos. Nesse processo o professor auxilia os alunos a elaborarem sua representação mental do objeto de conhecimento.

A atitude do aluno que realizou a última fase de aplicação do golpe foi uma representação da compreensão parcial de uma parte da filosofia do Judô e da regra imposta, que pode ter sido advinda da falta de um melhor esclarecimento e mais profundo, problematizando a importância de não realizar tal fase, ou até mesmo de uma falha na transmissão dessa regra necessitando um vocabulário mais acessível aos alunos. De uma forma ou de outra, podemos notar que há necessidade de o professor ater-se mais aos momentos de problematização e instrumentalização. Quanto à problematização, esse é um meio de o professor saber quais os anseios dos alunos em relação ao conteúdo, quais as suas necessidades ao agir/aplicar o conteúdo em sua vida e o que não está claro em relação à temática. De acordo com Gasparin (2007, p.35): “A Problematização é um desafio, ou seja, é a criação de uma necessidade para que o educando, através de sua ação, busque o conhecimento”. Por conseguinte, se o aluno possui uma vontade de executar o golpe completo, com a finalização (*Kime*), deverá saber que sob tais condições não é possível. Por outra parte, a instrumentalização deve transmitir não somente o conteúdo em si, mas as finalidades e o que condiciona a sua aplicação.

À medida que os alunos vão executando as técnicas (*Waza*) a sua percepção é lapidada e estes compreendem a essência da filosofia judoísta, que prega a ideia de que o oponente é um ser social capaz de contribuir para o seu desenvolvimento, mesmo que ganhe ou perca o combate corporal. A luta e os golpes aprendidos não devem se limitar sobre o como fazer, mas devem fazer o aluno compreender os motivos históricos e as raízes das lutas na sociedade, para que eles entendam que as práticas corporais possuem determinadas relações com a sociedade e com o trabalho, também, um meio de compreender a estrutura social do capitalismo, a qual molda todo o conteúdo específico de cada área. Segundo Gasparin (2007, p.54),

Esse saber constitui um instrumento, uma ferramenta de trabalho e de luta social. Por isso, não é qualquer conteúdo, mas sim aquele conhecimento que se mostra adequado para construir uma nova postura mental e uma resposta apropriada aos problemas sociais.

O conhecimento, quando ensinado sob uma perspectiva histórico-dialética, pode se constituir em um saber revolucionário, pelo qual a visão cotidiana, subjetiva e meramente empírica do aluno é ampliada para uma visão mais científica, mais objetiva e mais crítica. Assim sendo, os golpes executados pelos alunos, o desenvolvimento histórico e a compreensão da filosofia preconizada no interior da luta contribuiriam para uma maior compreensão dessa prática corporal e possibilitariam a vivência de alguns elementos que fazem essa prática corporal ser essencialmente diferente de outras modalidades desportivas.

No último encontro com os alunos, ocorrido no dia 18 de junho abordamos as questões que mais chamaram a atenção durante o processo que os estudantes vivenciaram. Para que os alunos não respondessem, quando indagados sobre a apropriação do conteúdo de forma meramente mecânica sem uma compreensão daquilo que estavam dizendo, a conversa foi conduzida da maneira natural e espontânea, na medida do possível. Adotamos essa postura, pois ao término das aulas e quando fôssemos analisar o conteúdo dos dados não nos depararíamos com um conjunto de respostas prontas, ou previamente decoradas, fazendo com que analisássemos uma produção da apropriação do conteúdo sem nenhum sentido interior para o aluno. Vigotski (2004, p. 540) ao comparar a apropriação dos conceitos científicos com os conceitos espontâneos afirma que:

Se o conceito científico em uma situação espontânea venha a ser tão inconsistente quanto o conceito espontâneo em uma situação científica, isso apenas prova que, em primeiro lugar, o conceito científico é mais fraco na situação em que o conceito espontâneo é mais forte.

Tomando por base essa compreensão de conceito científico queremos afirmar que não estamos interessados apenas na reprodução dos conceitos decorados e falados

em aula sem a devida compreensão daquilo que estão afirmando, até porque de acordo com Vigotski (2001, p.246):

[...] um conceito é mais do que a soma de certos vínculos associativos formados pela memória, é mais do que um simples hábito mental; é um ato real e complexo de pensamento que não pode ser apreendido por meio de simples memorização, só podendo ser realizado quando o próprio desenvolvimento mental da criança já houver atingido o seu nível mais elevado.

Assim, nessa aula buscamos, por meio da conversa com os alunos, o que mais prendeu a atenção em relação ao conteúdo e o que mais ficou marcado de todo o processo de ensino-aprendizagem pelo qual passaram. Portanto, os conceitos apreendidos pelos alunos e afirmados no último encontro com a turma significam a síntese de todo o processo que experimentaram. Por mais que pareça pouco, representa o desenvolvimento imediato³² dos alunos até aquele momento. Vejamos a seguir o que os estudantes pontuaram:

Aluno

Também na brincadeira do cotonete a gente aprendeu sobre equilíbrio

Aluno

Sobre um pouco de equilíbrio, né?

Aluno

E na bola também. Aquelas bolas que você jogou que nos tínhamos que ir de um pé só e ir atrás do (...)

Professor

Ah, que tem que pegar as bolas, né? Aquilo lá é uma atividade que agente faz pra vocês treinarem o equilíbrio, experimentarem um pouco, né? Porque o equilíbrio vocês usam tanto na corrida, tanto no

³² Vigotski *apud* Shuare (1990) afirma que o Desenvolvimento Imediato (ou também chamado de Desenvolvimento Atual ou Real) da criança seria a capacidade dela realizar uma tarefa autonomamente, ou seja, sem ajuda ou auxílio de outra pessoa, e o Desenvolvimento Proximal (também chamado de Próximo ou Potencial) seria com o auxílio de uma pessoa. Um exemplo de Desenvolvimento Proximal é quando uma criança está iniciando o processo de aprendizagem de leitura, porém quando vai ler um livro não consegue compreender claramente a história que leu, mesmo sendo capaz de ler a história em voz alta. Entretanto com a ajuda de um adulto pode perfeitamente ler e compreender o que trata a história. No momento que ela não necessita mais da ajuda do adulto, pode-se dizer que o aprendizado foi efetivado e pertence à Zona de Desenvolvimento Real.

futebol como no judô. Só que no judô, qual que é a diferença do futebol e do judô?

Aluno

Judô é uma luta e o futebol é um esporte

Professor

Futebol é um esporte e o judô é uma luta!

Pedagoga Titular da Turma

E no futebol tem que correr

Professor

Futebol tem que correr e fazer o quê?

Aluno

Fazer o gol

Professor

Marcar o gol e no judô tem que fazer o quê?

Aluno

Derrubar o adversário

Professor

Imobilizar o adversário, tem que ter o domínio da pessoa.

Observamos uma volta ao ponto de partida em relação ao conceito de Judô formulado pelos alunos. Kosik (1985, p. 29) propala que: “O ponto de partida deve ser idêntico ao resultado”, nesse caso, a ideia de luta que os alunos tinham anteriormente deve estar contemplada em sua nova concepção. A ideia nova deve abarcar as antigas concepções e direcioná-los a uma síntese mais completa daquela que tinham, porque a visão velha é mais restrita do que a nova, limitando-se apenas às experiências vividas em seu cotidiano. Na nova concepção, elas devem ser consideradas como algo com mais valor, que o antigo momento que guiava os alunos quando estes entravam em contato com essa prática corporal. No dizer de Kosik (1985, p.29):

[...] o sentido do exame está no fato de que no seu movimento em espiral ele chega a um resultado que não era conhecido no ponto de partida e que, portanto, dada a identidade formal do ponto de partida e do resultado, o pensamento, ao concluir o seu movimento, chega a algo diverso – pelo seu conteúdo – daquilo que tinha partido.

Nesse âmbito o aluno compreende as diferenças entre o seu antigo pensamento e o pensamento novo. Isso gera uma relação dialética entre o novo e o velho, já que, se eles não compreendessem a diferença entre ambos tudo seria igual: o novo e o velho; sua concepção não teria se expandido e se manteria ainda com uma visão fragmentada e subjetiva da realidade. Passa-se assim a uma nova síntese da realidade, que nada mais é

do que um avanço na compreensão dessa mesma realidade por meio de um conhecimento já existente, o saber sistematizado. Não que o abstrato sustente a realidade em uma visão idealista, mas sim a realidade se torna compreensível através da mediação do abstrato (KOSIK, 1985).

Na afirmação do aluno com a frase: “Judô é uma luta e o Futebol é um esporte”, percebe-se que o aluno conseguiu, por meio dessa síntese e diante todo o processo, uma compreensão um pouco mais ampla dos conceitos de Esporte em contrapartida com o de Luta, que foram debatidos por nós em aula numa relação entre o professor e alunos e trazidos nesse momento da pesquisa. Portanto, segundo Gasparin (2007, p. 130), essa síntese a que o aluno chegou pode ser traduzida como:

[...] a compreensão que teve todo o processo de trabalho. Expressa sua nova maneira de ver o conteúdo e a prática social. É capaz de entendê-los em um novo patamar, mais elevado, mais consistente e mais bem estruturado. Compreende, da mesma forma, com maior clareza, tanto a Problematização quanto a Instrumentalização.

A compreensão do conhecimento científico do conteúdo ministrado para os alunos tem íntima relação com os conhecimentos cotidianos sobre a temática, pois sabemos que os conhecimentos científicos não se tornam imediatamente acessíveis à criança. Por estarmos trabalhando com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, um grupo que está iniciando o processo de formação dos conceitos científicos, o desenvolvimento de conceito espontâneo poderia, ainda, não ter atingido certo nível de maturação que permitisse o desenvolvimento mental para a assimilação dos conceitos científicos (VIGOTSKI, 2004). Em outras palavras, levamos em conta que não é incomum encontrarmos uma Educação Física que tem um desenvolvimento voltado apenas aos aspectos técnicos e para os esportes coletivos, como futebol, handebol, voleibol e basquetebol. Por outra parte, pode ter ocorrido que os alunos tenham tido vivências suficientes de outros conceitos científicos pertinentes à Educação Física e à Cultura Corporal, podendo ser fatores que dificultaram a exposição de todo o conhecimento dessa modalidade. Assim, os alunos da turma selecionada para esta pesquisa podem ainda estar rompendo com uma atividade que antes era feita apenas de

forma involuntária³³, que seria jogar o jogo, ou dançar a dança ou lutar a luta, passando para uma atividade mais voluntária, na qual eles saberiam o que seria e de onde teriam vindo as lutas e entenderiam o porquê de uma ser diferente da outra e, por isso, em sua essência, é diferente de um esporte, de uma dança ou da ginástica. Vigotski (2004), ao se referir a um experimento³⁴ realizado sobre o fazer voluntário de uma criança com conhecimentos/atitudes que ela usava quando fazia involuntariamente, concluiu que a criança que domina certo conhecimento cotidiano, quando solicitada para fazer algo de forma intencional, não consegue, ou seja, é difícil para a criança, no começo do processo de apropriação do conhecimento científico, explicar o que está fazendo voluntariamente o que antes era feito de forma involuntária e quase que automática. No entender de Vigotski (2004, p. 532):

[...] o estado de coisas em que as funções amadurecem antes na criança como funções que se realizam involuntariamente e só depois de tornam como que voluntárias é a situação geral que [...] está vinculada à função de conscientização. Na medida em que a criança toma consciência do que faz e de como o faz, as suas funções se tornam voluntárias. [...] O problema da atividade voluntária está na dependência direta do problema da conscientização³⁵ dessa atividade.

³³ Por involuntário compreende-se aquilo que a criança faz com a intenção de satisfação imediata e com propósitos subjetivos apenas.

³⁴ O exemplo descrito por Vigotski (2004, p. 531-532) era que: “Se pedirmos para ela – uma criança – fazer uma combinação de sons com as consoantes “sc” isto também será impossível para ela, mas se lhe propusermos dizer “Moscou” ela pronunciará esta palavra, apesar de haver nela a combinação bem sucedida. Na estrutura essa reprodução será bem sucedida. Mas quando se pede para ela fazê-lo intencionalmente isto se torna inexecutável para ela. Se dermos atenção não ao aspecto fonético mas gramatical da fala, veremos que a criança pequena domina involuntariamente a gramática antes de estudar a escrita, declina, combina palavras, mas voluntariamente ela não consegue nem declinar, nem construir palavras porque não sabe o que faz, ao passo que quando estuda a linguagem falada e a gramática ela sabe o que está fazendo”.

³⁵ A conscientização referida aqui por Vigotski não é entendida como sendo um conjunto de hábitos e comportamentos do ser humano, pois outros animais possuem hábitos e comportamentos assim como os seres humanos. Conscientização seria o processo pelo qual o homem se apropria do conhecimento produzido historicamente e adquire consciência do que faz, sabendo suas consequências e possibilidades de/da realização. Em pesquisa anterior, Rizzo (2009, p. 22): afirma que a compreensão de Vigotski em relação à consciência é de que ela “[...] é um constructo histórico-social do homem, advindo do seu trabalho exercido no meio, que tem uma adaptação ativa com este [...]”. Esse trabalho pode ser entendido como uma ação intencional do homem na natureza, que a transforma em um instrumento (signo psicológico ou uma ferramenta de uso prático) para satisfazer a sua necessidade.

Portanto, os alunos, ao diferenciarem o Judô do Futebol, como um sendo uma Luta e o outro sendo esporte, respectivamente, remetem-nos diretamente à primeira aula, na qual estiveram presentes 12 alunos, sendo que 09 praticavam futebol ou jogavam corriqueiramente bola na rua com os amigos; e apenas 3, sendo 2 meninas e um menino, não mencionaram se jogavam ou se gostavam de tal modalidade. Dessa forma, não por coincidência, os alunos assimilaram e diferenciaram o conteúdo ministrado justamente com o futebol. Por certo, a convivência com essa modalidade proporcionava-lhes um saber cotidiano e espontâneo maior que o de Lutas. Assim, quando os alunos constataram, interpretaram e compreenderam tal conceito trabalhado em aula, pautando-nos as afirmações de Soares *et al.* (1992), esse momento representou a conclusão da apropriação do conteúdo, mesmo que os alunos não conseguissem expressar com clareza a relação dialética com o desenvolvimento desse conhecimento. Essa dificuldade pode se dar também em virtude das limitações materiais da prática, seja na capacidade de ensino do professor, seja na capacidade cognitiva da idade, ou seja ainda pela falta de compreensão dos outros fenômenos corporais.

Neste contexto, o conceito de Luta dado pelos estudantes, que já é diferente do conceito de esporte, é o próprio conceito de Luta que o aluno tem diante do conteúdo. Nas palavras de Vigotski (2004, p. 540): “A plenitude da generalização consiste em que nela existem não só indícios do próprio objeto mas uma ligação com outros objetos”. No caso dos alunos, a generalização feita ao término do processo permitiria, em um outro momento do ciclo de escolarização, uma compreensão mais clara e embasada em um conhecimento histórico quanto ao conceito de Luta, e até mesmo nas demais práticas corporais. Assim, a diferença afirmada por eles nos leva a entender que o Judô e o Futebol são modalidades distintas e pertencem a grupos diferentes pela sua origem e necessidade de criação entre os homens. Porém, pertencem a um grupo maior de generalização, no qual ambas são uma prática corporal. Isso permite que os alunos, em momentos posteriores, compreendam com mais facilidade que essas modalidades possuem uma relação entre si, ou seja, ambas são práticas corporais que sofrem um processo de esportivização; estão dentro de uma sociedade que possui determinado modo de produção, que prioriza determinado tipo de relações humanas entre os homens e a natureza.

Temos consciência de que a apropriação dessas ideias e conceitos desenvolvidos e analisados, neste momento do trabalho, são frutos do contato que eles já tiveram com

Lutas e de todo o processo de aprendizagem. Mas essa apropriação dos alunos não foi fruto de um conceito isolado e desvinculado da formação histórica-filosófica do Judô trabalhado em aula, mas representa uma objetivação alcançada diante todo o conteúdo desenvolvido com eles. Analisar o conceito de Luta, nesta pesquisa, necessitou, também, compreender um pouco mais da trajetória pela qual os estudantes passaram para chegar a tal síntese. Ou seja, foi preciso que eles compreendessem, também, um pouco do processo da história e da filosofia das lutas e do Judô. Notamos que os questionamentos feitos no último encontro foram bons, mas poderiam ter ido para além do que foram, dando-nos subsídios para compreender mais e melhor o que foi apropriado pelos alunos.

Reconhecemos também que as problematizações realizadas deveriam ser trabalhadas com uma frequência maior e contínua no decorrer das aulas. Percebemos isso com mais clareza e intensidade neste momento da pesquisa, na Análise de Dados. Sentimo-nos prejudicados na compreensão do que foi apropriado e de que forma foi objetivado pelos alunos. Portanto, a intervenção do professor e o ensino dos conteúdos propostos em aula podem ocorrer de forma parcial, como ocorreu neste caso.

3.2. COMPREENDENDO A APROPRIAÇÃO DOS ASPECTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS DO JUDÔ: O APRENDIZADO POR MEIO DO JOGO

Ao iniciarmos a abordagem do conteúdo com os alunos, apresentamos o contexto histórico em que o Japão viveu antes da criação do Judô. Carvalho (2007, p. 64) afirma que:

[...] compreender o judô como construção histórica implica procurar conhecer a cultura e a história do povo japonês, em especial a história e a cultura dos *Samurais*. Estudar história e essa cultura significa, sobretudo, descobrir uma maneira diferente de pensar e agir, como marcas indelévels de uma cultura milenar diferente e “estranha” aos ocidentais manietados pelo eurocentrismo [grifos do autor].

Buscamos, com isso, além do que já elencamos, possibilitar um olhar diferente, por parte dos estudantes, e para que estes incorporassem e assumissem os valores dos antigos *Bushi*³⁶, em seu fazer durante a aula. Desta forma, e por meio da compreensão da essência de tais valores, juntamente com o entendimento do contexto histórico que os produziu na sociedade japonesa, pretendemos não cair em um reducionismo da cultura nipônica quando lecionamos essa prática corporal.

A forma mais adequada de transmitir tais valores e sentimentos *samuráicos* aos alunos foi por meio de jogos encenados e brincadeiras que simulavam a prática dos antigos japoneses. A importância de tal procedimento ocorreu para que o conteúdo não fosse abordado de uma maneira tradicionalista e apenas expositiva, o que poderia causar algum tipo de desânimo ou falta de interesse dos participantes da pesquisa. Sabemos que o Judô é uma modalidade com característica de um ensino tradicionalista, porém essa postura só seria adotada, em aula, à medida que as significações estéticas e éticas³⁷ fossem incorporadas pelos praticantes. Isso porque, assim como a Educação Física Escolar não deve ter como objetivo formar um atleta de alguma modalidade desportiva, não temos como objetivo formar um judoca com as aulas ministradas neste estudo, nem ao menos formar um judoca ao término de todo o ciclo de escolarização pelo qual o aluno irá passar. Adotamos a postura de Soares *et al.* (1992, p. 63): “defendemos para a escola uma proposta clara de conteúdos do ponto de vista da classe trabalhadora, conteúdo este que viabilize a leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais”. Assim, se o aluno, após o término da pesquisa, ou de uma unidade de ensino, tiver o interesse de adentrar mais profundamente nessa prática corporal, deve buscar em uma academia de Judô um aperfeiçoamento, tanto na parte de luta (*Shiai*), de golpes (*Waza*) ou da filosofia judoísta. Deliberador (1996, p. 39) ainda considera que:

³⁶ O termo *Bushi*, em muitos casos, é entendido como sinônimo de *Samurai*, porém segundo as assertivas de Carvalho (2007), a nossa compreensão, e utilização nessa pesquisa, é de que o termo *Bushi* é referente à casta dos guerreiros, representada pelos *Samurais*, que deveriam seguir o código de ética/honra dessa casta (nesse caso, o *Bushidô*), entendendo assim que o *Samurai* é um guerreiro e que pertence a tal casta, da mesma forma que o Cavaleiro na Europa representava a classe dos guerreiros.

³⁷ Quando utilizamos os termos “estética” e “ética” no Judô, estamos nos referindo, respectivamente, à etiqueta apreendida ao longo do tempo na modalidade praticada, ou seja, os gestos, as padronizações e os hábitos de cumprimento e o respeito a hierarquia que tem no interior dessa prática, por exemplo. E quando nos referimos à ética, seriam os valores, posturas e conduta diante aos obstáculos do cotidiano e da vida que um judoca adota para si.

A faixa preta é o início do Judô. Ao conquistar a faixa preta, o Judoca demonstra que já domina o conhecimento e a filosofia do Judô, e passa a ser considerado, de fato, membro participante da comunidade judoística. O Judô se tornou um modo de vida.

O que gostaríamos de deixar claro é que a escolha de ser um judoca, ao invés de ser um dançarino, atleta, ginasta ou capoeirista é do estudante, mas os conhecimentos dessas modalidades devem ser apropriados, na escola, segundo a origem do conteúdo e a necessidade que determinou o seu ensino e/ou a sua existência entre os homens, para que os alunos compreendam a realidade que os cerca por meio da prática que vivenciaram nas aulas, no caso o Judô, e em um sentido mais amplo da Cultura Corporal. Logo, assim como o Judô, a Capoeira, por exemplo, também deve ser lecionada segundo seus condicionantes sócio-histórico-culturais. Soares *et al.* (1992) preconizam que os golpes da capoeira se constituem em movimentos da luta de emancipação do negro e escravo desde a época do Brasil colonial, e representam a “voz” do oprimido em sua relação com o opressor. Os gestos, esportivizados e ensinados em muitas “escolas” de Capoeira atualmente, já significaram um sentimento saudoso da liberdade e da sua terra de origem, e a capoeira era usada pelos negros como uma luta em que se utilizava apenas do próprio corpo, levando-nos a entender que a riqueza dos movimentos e ritmos que sustentam essa prática corporal não pode ser separada da sua história e ser transformada em mais uma “modalidade desportiva”.

No caso do Judô, ao criar essa arte seu fundador tinha como interesse consolidar um novo código de ética para o Japão, que vinha se transformando, modernizando e alternando as suas antigas relações de produção depois de pouco mais de dois séculos de isolamento político. Essa insulação tinha por finalidade proteger a sua independência e repelir a ideologia ocidental que já chegara à China e às Filipinas, sendo consideradas adversas ao espírito cultuado entre os japoneses e vergonhosa diante da luz de sua própria experiência. Os esforços em manter a antiga ordem que vigorava no Japão foram por água abaixo após a entrada dos norte-americanos, que impuseram ao país a obrigatoriedade de assinar tratados que permitissem aos ocidentais vantagens legais e

econômicas sobre o Japão. Após essa intervenção ocidental na Terra do Sol Nascente³⁸, os aspectos ético, político e pedagógico contidos no *Bushidô* se descaracterizaram, fazendo com que o sistema de castas, aparentemente ainda sólido no Japão, se desmanchasse no ar. Isso trouxe aos japoneses uma nova necessidade de agir diante das antigas relações, ou seja, um novo agir sob a ótica do capital, caminhando para um Japão mais mercantil, rompendo com os antigos valores e com o códex dos *Samurais*, já que estes deveriam se enquadrar no novo sistema que emergia na Terra das *Sakuras*. Foi nesse contexto que Jigoro Kano criou o Judô, no ano de 1882³⁹ (CARVALHO, 2007).

As aulas ministradas para esta pesquisa tinham como uma das finalidades passar essa noção histórica, de que a luta contemporânea não é um conhecimento inato ou instintivo no ser humano, mas que essa luta passou por um longo processo de transformação desde sua criação até chegar aos dias atuais. Durante sua fase de construção, esse processo não se apresentou de forma casual e sem uma estrutura de transmissão de valores e princípios éticos. Por isso, ao compreendermos, ainda que de forma breve, algumas referências acerca do antigo Japão e os *Samurais* que nele habitavam, é de suma importância saber o que seu fundador acreditava e julgava ser fundamental para o novo modelo de sociedade que emergia no Japão. Os valores que legitimaram essa prática corporal na sociedade japonesa daquele tempo, esse novo modelo vinha de encontro e era conflitante com alguns valores nipônicos do antigo modo de vida. Portanto, nas primeiras aulas, quando ministramos o conteúdo em

³⁸ Da mesma forma que o Brasil é conhecido como a Terra do Samba, o País do Futebol ou da Capoeira, essa é uma das formas que pelas quais é conhecido o Japão, ou também Terra das Cerejeiras ou Terra da/de *Sakura*. *Sakura* traduzido para o português, significa cerejeira, não que a cerejeira seja exclusividade japonesa, mas da mesma forma que a sistematização do Futebol não foi feita no Brasil e há diversas contestações de que a Capoeira é de origem africana, o Japão recebe esse “título” pela valorização nipônica dessa árvore.

³⁹ Quanto ao ano exato da criação do Judô, não encontramos materiais escritos em um idioma acessível para nós e que nos permitissem afirmar com precisão esse dado. Porém, em um artigo virtual de Alfonso Gutiérrez Santiago, do site (<http://www.efdeportes.com/efd51/kano.htm>, acessado em 24 de setembro de 2010), encontramos dados sobre a vida de Jigoro Kano que nos permitem compreender a divergência de tal data. No ano de 1882, Kano fundou de fato o seu próprio *Dojô*, com apenas 12 (doze) *Tatamis* para a prática de Judô em um templo religioso. Em 1884, começou a sistematização do método de ensino de golpes e da sua filosofia; e em 1886 os alunos de Kano *Sama* participaram de um torneio de Ju-Jutsu organizado pela polícia japonesa, quando, em virtude do êxito desses judocas nesse torneio, o Judô foi reconhecido pelo governo e pela sociedade japonesa como uma prática benéfica ao homem e eficiente enquanto luta.

questão, tivemos a intenção de utilizar os jogos como um meio lúdico para que os alunos desenvolvessem essa noção de historicidade, sem que isso exigisse uma compreensão puramente teórica sobre assunto, além de ser um recurso didático para eles adentrar no contexto da prática de forma fantasiosa e interpretativa, assumindo uma postura ativa de buscarem tais valores no processo de ensino-aprendizagem.

Esse esforço, de assumir tal postura durante as atividades propostas, segundo Leontiev (2006, p. 121), nada mais é do que uma tentativa de: “[...] integrar uma relação ativa não apenas com as coisas diretamente acessíveis a ela, mas também com o mundo mais amplo, isto é, ela se esforça para agir como um adulto”. O jogo executado pelos participantes da pesquisa, que nesse caso foi uma atividade lúdica, permitiu que eles experimentassem as situações da vida adulta sem ter a obrigatoriedade de produzir um resultado ao término da sua participação. Leontiev (2006) entende que o alvo do jogo lúdico está na própria ação de quem participa. Ou seja, o jogo lúdico está livre dos modos obrigatórios de agir ou de operar uma determinada situação para se produzir um resultado específico. O que, durante a realização da pesquisa se apresentou ao pesquisador, por parte dos alunos nas atuações dos jogos, foi a exposição de alguns valores e compreensão da realidade que os estudantes carregaram e/ou adquiriram ao longo da vida ou das aulas ministradas nos primeiros módulos sobre Judô.

Na aula do dia 09 de abril, quando desenvolvemos o Jogo de Caça aos Saqueadores⁴⁰, notamos uma compreensão insuficiente de algumas virtudes judoísticas apresentadas em momentos anteriores. O jogo referido funciona da seguinte maneira: a turma é dividida em 2 grupos, o grupo dos *Samurais* e o grupo dos Saqueadores. O pano-de-fundo⁴¹ é que houve um grupo de Saqueadores que assaltaram o *Fudai Daimyô* (nobre feudal japonês) e furtaram-lhe o dinheiro. Assim, o *Fudai Daimyô* convocou os seus *Samurais* para recuperar esse dinheiro roubado. Porém os Saqueadores, que eram os vilões despidos de honra, foram instruídos a tentar subornar os *Samurais*. A instrução nada mais foi do que o acirramento de uma situação passível de acontecer nos dias de

⁴⁰ O jogo ficou conhecido/chamado pelos alunos como “Jogo do Suborno”, em virtude do que acontecia no andamento da atividade.

⁴¹ Pano-de-fundo nada mais é do que criar uma situação imaginária no jogo para que o estudante compreenda melhor a situação e o que ele deve fazer. Nesta pesquisa de campo, utilizamos como estratégia metodológica para que os alunos assumissem com maior clareza uma postura ativa.

hoje. Logo, a conduta dos alunos diante da situação nos mostraria a apropriação, de fato, de alguns princípios judoísticos e/ou do meio social em que a criança vive. O que gostaríamos de deixar claro, antes de fazermos qualquer apontamento sobre a atividade e correremos o risco de sermos julgados equivocadamente, é que não acreditamos que os alunos agiram de má fé na atividade, até porque, quando o jogo foi aplicado, o conceito de “suborno” teve que ser lecionado a eles, juntamente com o esclarecimento de que é um gesto errado. A necessidade de tal esclarecimento aos alunos nos mostra que é uma situação em que as crianças não detêm um conhecimento profundo das causas/consequências e dos valores embutidos no interior desse ato.

Outro fato que devemos levar em conta é o de que os Saqueadores eram os próprios alunos em uma rodada, e na outra rodada eles eram *Samurais*, e os novos Saqueadores eram os antigos *Samurais* na rodada seguinte. Esse fato pode levar os participantes do jogo a confundir alguns princípios, valores e funções dos papéis atribuídos a cada grupo, já que, se em uma rodada estou subornando e devo fazer isso como meta do jogo, na outra serei subornado e devo atingir a meta também. As metas de ambos os grupos são diferentes e opostas. No caso, um grupo deve ser individualista e não deixar ser capturado para assegurar a riqueza saqueada, e o outro deve ser honrado e capturar os saqueadores para cumprir sua função. A mudança de forma rápida, na postura em que cada personagem ocupa no jogo, não contribui para que o estudante mude sua postura e compreenda que agora ele está em um momento que deve inverter a sua meta antiga. Por isso, o jogador que começou como saqueador, ao passar para o outro grupo na próxima rodada, pode manter uma postura individualista solicitada na primeira rodada e continuar objetivando o lucro próprio, esquecendo-se da função do seu personagem, já que o jogo “permite” essa opção. Portanto, seria injusto julgar um aluno que em um momento foi instruído a agir de uma forma, e que em outro momento foi cobrado a agir de outra maneira, podendo não ter notado, assim a diferença dos papéis e a necessidade de inversão de postura.

Também esclarecemos que o jogo não foi desprovido de uma reflexão e ensino do que é correto. Fizemos uma análise, ao término do jogo, mostrando o porquê do ato de aceitar e oferecer suborno são errados e não contribuiu para uma formação de uma sociedade mais igualitária. Acreditamos que tal jogo contribuiu para a formação dos estudantes, pois ao vivenciarem tal ato, tiveram a oportunidade de compreender, dentro de um sentido prático, o que é o gesto de subornar. Por meio das reflexões ao término

do jogo, e executadas novamente na aula do dia seguinte, 13 de abril, para reforçarmos os princípios corretos e ressaltar o valor incorreto que envolviam esse ato, mostramos outra vez suas implicações de sustentar qualquer ação nesse sentido. A compreensão insuficiente das virtudes judoísticas e de alguns valores sociais a que nos referimos são: a justiça (*Gi*), a lealdade (*Chigi*), a honra (*Meiyô*) e a sinceridade (*Makoto*). Se entendemos que esse conteúdo não ficou claro para os alunos até a aplicação desse jogo, certamente a noção do que é correto e errado ainda não estava clara na mente dos participantes, por isso se fez importante aplicar tais princípios éticos ao longo da formação dos estudantes para que se tornem indivíduos cientes das decisões que tomam frente à sociedade em que vivem; em outras palavras, formar cidadãos que cumprem com coragem (*Yu*) o que é correto. Kurachi *apud* Carvalho (2007, p. 59) postulam que o lema do Judô seria:

[...] dotar a vida social de uma determinada ética, histórica e coletivamente construída, na qual o *judoca* é aquele que não tem preço, que não se deslumbra com as formas sem formas postas e impostas pelas sociedades do consumo sumptuário. O *judoca* é aquele que não se vende, posto que aprendeu desde muito cedo a arrostar os perigos e neles encontrar a máxima – prosperidade e benefícios mútuos (*Jita-Kyoei*) – segundo a qual os combates demandam sua razão de ser.

Um fato que nos chamou bastante a atenção nesse jogo foi a desmotivação de alguns alunos em participar do jogo após entenderem a lógica de funcionamento. Ou seja, quando notaram que o errado era “permitido”, o interesse em estar executando a atividade deixou de existir. Leontiev (1978, p. 301) aponta que:

Para que surja uma acção, é necessário que o seu objecto (o seu fim imediato) seja conscientizado na sua relação com o motivo da actividade em que esta acção se insere. Este ponto é muito importante. Resulta daqui que o fim de uma única e mesma acção pode ser conscientizado de diferentes maneiras, segundo o motivo a que ela se liga. Ao mesmo tempo, o sentido da acção para o sujeito muda igualmente.

A ação, nesse caso, seria o ato de suborno e o seu fim imediato seria o fato de não ser capturado e entregue ao *Fudai Daimyô*. Se a criança repara que o ato na atividade é algo contrário aos seus valores e princípios, o motivo em realizar tal feito passa a ser contrário ao motivo de querer participar da atividade *a priori*. Isto é, se ela julga que o jogo não vai contemplar os seus interesses, a negação em participar pode representar uma postura ética diante do mundo e as situações que ele nos apresenta. O termo “atividade”, trabalhado nesse momento da pesquisa, é pautado na definição de Leontiev (1978), que afirma que a atividade são os processos que realizam as relações do homem com o mundo, ou seja, a atividade, e os processos que estão em seu interior, respondem a uma necessidade particular que é própria do homem que a executa⁴². Neste caso, as crianças que se recusaram a participar da brincadeira da forma que foi proposta já possuem certa distinção dos valores de desonestidade, egoísmo, malandragem e falsidade, em contrapartida à honestidade, altruísmo, justiça e sinceridade. A necessidade em estar no jogo é a de cumprir os seus deveres enquanto cidadão e não conseguir um resultado a qualquer custo. Dizemos isto, pois se a criança tivesse somente a intenção de participar da brincadeira sem estar consciente das implicações do ato de suborno, ela não teria se negado a participar do jogo quando ocupou a posição de saqueadora, já que o motivo real da sua atuação seria a sua participação somente e independente do ato em si, que ainda não possuiria um significado valorativo em sua vida.

Leontiev (1978, p. 297) apresenta outro traço psicológico importante da atividade afirmando: “[...] que ela está especificadamente associada a uma classe particular de impressões psíquicas: as emoções e sentimentos”. Logo, com o ato de suborno, ao despertar emoções e sentimentos considerados ruins pela criança, a decisão de não participar se torna a melhor conduta a seguir diante do fato visto por ela, dando sinais de que a apropriação de tais valores foi feito anteriormente ao jogo, seja no interior de sua família e meio social, seja nos ensinamentos transmitidos em aulas anteriores ou até mesmo em ambos. Leontiev (1978, p. 298) nos mostra outra relação importante que ocorre no interior da atividade, que é crucial compreender para darmos continuidade na análise desta atividade: “Há uma relação particular entre a actividade e

⁴² Leontiev (1978, p. 296) destaca também que: “nem todo o processo é uma actividade. [...] Assim, os processos de memorização não são, propriamente falando, uma actividade, pois não realizam, regra geral, qualquer relação autónoma com o mundo e não respondem a qualquer exigência particular”

a acção. O motivo da actividade, deslocando-se, pode tornar-se objecto (o fim) do acto. Resulta daqui que a acção se transforma em actividade”. Portanto, se o ato de subornar fosse tido como aceitável ao término do jogo, se apenas colocássemos de uma forma simplificada de que é errado tal feito e se não mostrássemos o porquê dessa atitude não gera benefícios mútuos, poderia acontecer de alguns valores individualistas sobressaírem aos coletivistas lecionados, estes últimos constituídos por todos e atendendo ao interesse comum da sociedade.

Essa conduta individualista poderia gerar um pensamento de que, se o subornador não vê ou negligencia as consequências do seu ato, o problema em si não existiria *a priori*. Quando na verdade a pessoa fecha os olhos diante do ato valorativo que há na ação, e dependendo da posição que o sujeito ocupa na sociedade, pode até transformar essa ação de suborno em uma atividade ilícita (digamos de passagem), como exemplo, citamos o caso de policiais que se utilizam da autonomia em fiscalizar para criar uma situação propícia ao ato desonesto e assim o exercerem, ou de políticos que se utilizam do suborno, arrecadado por meio do dinheiro dos cofres públicos, para construir “esquemas” que atendam interesses pessoais. Portanto, a sua atividade, enquanto profissão, deixa de ser policial, ou de político ou qualquer outro profissional da sociedade para ser um profissional corrupto.

Com essa análise, não queremos dizer que, por meio desse jogo e reflexões, asseguramos a esse grupo de jovens que não exercerão o suborno em sua vida, mas queremos dizer que eles tiveram algum subsídio para compreender tal fato e terão condições de decidir cientes, e dentro das limitações possíveis da compreensão dessa atitude, as suas consequências e o seu compromisso enquanto cidadãos e ideal de sociedade. O fato só poderá ser confirmado na própria vida dos futuros trabalhadores, pois como afirma Leontiev (1978, p. 291):

O que determina directamente o desenvolvimento do psiquismo da criança é a sua própria vida, por outras palavras, o desenvolvimento desta actividade, tanto exterior como interior. E o desenvolvimento desta actividade depende por sua vez das condições em que ela vive.

Ou seja, o desenvolvimento efetivo do psiquismo de cada indivíduo é dado primordialmente pela atividade realizada por ele e também pelas relações desta com a sociedade (exterior) e/ou com o indivíduo (interior). As “condições que ela vive”, no caso referido dos alunos desta pesquisa, serão aquelas de sua profissão e as que teve nas condições que eles viveram, e lhe possibilitaram desenvolver tal senso crítico, de personalidade, caráter e de consciência para as suas escolhas, que podem continuar na sua atividade vital futura, no caso o trabalho.

A atividade principal (ou dominante) é entendida por Leontiev (1978; 2006) como uma atividade promotora de um desenvolvimento dos processos psíquicos e das particularidades psicológicas da sua personalidade para um novo estágio e mais elevado no nível de desenvolvimento da criança. Essa atividade dominante muda conforme a idade, o desenvolvimento da criança e do conteúdo em questão, pois a atividade, tanto a principal como as secundárias, depende das condições que o sujeito vive. Assim, a idade da criança não determina o conteúdo do seu estágio de desenvolvimento, apesar de ser um fator importante, mas o que determina a passagem de um estágio a outro seria o conteúdo propriamente dito das atividades e as condições sócio-históricas. Tais condições determinam a atividade dominante em um dado estágio de seu desenvolvimento, da mesma forma que a atividade dominante que, quando trocada, pode mudar tais condições (LEONTIEV, 1978).

Não estamos querendo afirmar que os jogos realizados nas aulas de Educação Física assumem/assumiram o papel de atividade dominante para a criança estamos cientes de que os jogos podem ou não ocupar tal papel. Para afirmarmos como, por que e quais os jogos assumiram, ou não, tal posição, seria preciso um estudo específico sobre essa particularidade, o que não é o caso desta pesquisa.

Aplicamos também “jogos com regras” no decorrer das aulas ministradas, que Leontiev (2006, p. 138) considera como “[...] jogos cujo conteúdo fixo não é mais o papel e a situação lúdica, mas a regra e o objetivo. [...] O desenvolvimento do jogo com regras consiste também em uma diferenciação e uma consciência cada vez maiores do objetivo da brincadeira”. Cientes de que trabalhamos com crianças que estavam no início do processo de escolarização, trabalhamos em conjunto os dois tipos de jogos, o lúdico e o regrado, já que não se encontram em uma fase tão afastada da criança do maternal que brinca do jogo simbólico/lúdico ou de representações sociais e já

compreendem melhor o contexto do “jogo com regras”. Conforme Leontiev (2006), os jogos contribuem na formação da personalidade da criança e, sobretudo, desenvolvem a habilidade de submeter a criança a uma regra. Dominar as regras do jogo significa dominar o seu próprio comportamento, aprendendo a subordiná-lo a um propósito definido.

Os jogos regrados, utilizados inicialmente para o ensino da contextualização histórica do Japão e dos *Samurais*, embasaram-se nos apontamentos de Soares *et al.* (1992), que pontuam que os jogos no ciclo de 1º a 3º séries do Ensino Fundamental devem atender ao critério de abrangência na possibilidade de captação da realidade que cerca a criança, e ter características que impliquem o reconhecimento de si mesmas e das próprias possibilidades de ação; reconhecimento das propriedades externas dos materiais/objetos para jogar, sejam eles do ambiente natural ou construídos pelo homem; impliquem a identificação das possibilidades de ação com os materiais/objetos e das suas relações com a natureza; impliquem a inter-relação do pensamento sobre uma ação com a imagem e a sua conceituação verbal, como forma de facilitar o sucesso da ação e da comunicação; inter-relação com as outras matérias de ensino; impliquem relações sociais: crianças-família, crianças-crianças, criança-professor, criança-adultos; a vida de trabalho do homem, da própria comunidade, das diversas regiões do país, de outros países; o sentido da convivência com o coletivo, das suas regras e dos valores que estas envolvem; auto-organização, a autoavaliação e a avaliação coletiva das próprias atividades; impliquem a elaboração de brinquedos, tanto para jogar em grupo como para jogar sozinho.

As vivências desses jogos realizados em aula contribuiu para aflorar alguns conflitos nas relações pessoais e entre os alunos, tais como autoconfiança e compreensão de trabalho em equipe. Esses conflitos nos possibilitaram orientar os alunos para as questões de organização/ordem coletiva e sobre importância do respeito ao companheiro durante a atividade, critérios necessários para a realização da prática dos golpes de Judô em momentos posteriores.

Durante os jogos do primeiro módulo, antes de serem aplicados era explicitado o fundamento lúdico-histórico da atividade proposta, isto é, a explicação do jogo acompanhava o ensinamento teórico que deveria servir de pano-de-fundo. Portanto, o conhecimento era assimilado dentro de uma compreensão teórica e compreendido de

forma mais clara durante a prática do jogo, que tinha por finalidade facilitar a compreensão da realidade teórica, pois, o professor ministrava o conhecimento produzido e sistematizado sobre o assunto abordado em aula, e prática pois, utilizando-se dos jogos eram assimiladas, por meio de simulações, as situações e condições apreendidas sobre o conteúdo.

Um caso em que pudemos constatar claramente esse fato ocorreu no jogo do Código de Ética, realizado no dia 23 de março de 2010. Esse jogo objetivava elucidar aos alunos como os conhecimentos de um *Samurai* eram passados de geração em geração. De acordo com Carvalho (2007, p. 79); “a essência do *Bushidô* era passada oralmente de pai para filho, através das gerações, não sendo possível a definição da data precisa em que ele foi criado”. O jogo basicamente funciona com a turma dividida em 2 grupos, em que um grupo tem o objetivo de ir passando uma bola de mão em mão, sendo que quem está com a posse da bola não pode correr, devendo a outra equipe apenas interceptar a bola durante o passe. A equipe que possui o domínio da bola deve entregar a bola para um pequeno grupo de 2 ou 3 companheiros, que se encontram em uma área fixa e afastada do ponto de início da equipe que está com a bola. Antes de iniciar a partida, era passada uma frase, que seria o código, pertinente aos valores que os *Samurais* possuíam. Após terem completado o objetivo de entregar a bola ao pequeno grupo, a criança que passou deveria recitar novamente a frase anunciada no começo da rodada para o aluno do grupo pequeno que recebeu a bola, devendo este repetir a frase recitada para validar o ponto.

Um dos fins desse jogo foi para que os alunos memorizassem alguns princípios *samuráicos* apreendidos em outras atividades. A memorização foi estimulada por meio da seguinte regra: o ponto só seria computado caso eles conseguissem transmitir a frase para os demais colegas que não a ouviram no início da rodada. Para isso, era imprescindível a atenção deles quando a frase fosse dita, podendo recordar das outras atividades realizadas em que constavam tais valores para memorizar a informação apresentada. Outra finalidade do jogo foi o desenvolvimento do coletivo entre os praticantes, pois a bola deveria ser entregue em mãos aos alunos que estavam do outro lado, e também quem estava com a posse de bola não podia andar; passar a bola para os demais companheiros da equipe era fundamental para o cumprimento do objetivo. Logo, o trabalho coletivo dos alunos era o meio para atingir o objetivo, de forma que, caso algum aluno, ou até mesmo todos, se dispusessem em querer se sobressair ao

coletivo se configuraria um problema. Ou seja, o aluno que quisesse “carregar” a equipe inteira nas costas ou quisesse decidir sozinho, por ser mais habilidoso que fosse, buscando uma satisfação própria em executar a tarefa, vangloriando-se ou atendendo a qualquer outro interesse individualista, esquecendo-se de que os demais companheiros também têm interesse em jogar e participar da conquista, não atingiria a finalidade da atividade proposta, que teria por missão integrar a todos da equipe para atingir o objetivo.

Elkonin *apud* Facci (2004, p. 69) assinalam que:

O principal significado do jogo é permitir que a criança modele as relações entre as pessoas. O jogo é influenciado pelas atividades humanas e pelas relações entre as pessoas e o conteúdo fundamental é o homem – a atividade dos homens e as relações com os adultos. Ao mesmo tempo, ele exerce influência sobre o desenvolvimento psíquico da criança e sobre a formação de sua personalidade: “(...) a evolução do jogo prepara para a transição para uma fase nova, superior, do desenvolvimento psíquico, a transição para um novo período evolutivo” (ELKONIN, 1998, p. 421).

No caso do jogo analisado, as regras instituídas tiveram como intenção fazer com que os alunos assumissem a necessidade de atuar com vistas ao coletivo, priorizando um desenvolvimento do coletivismo ao invés do individualismo⁴³.

O jogo, trabalhado sob essa perspectiva nesta pesquisa, foi formulado para que fosse priorizado o coletivo e que este atingisse um objetivo comum a todos: marcar ponto para a equipe com a participação de todos; caso o indivíduo rejeitasse ou se opusesse ao coletivo e apenas buscasse o mérito próprio, dificilmente ele teria êxito. Assim, o jogo em equipe, deve zelar primordialmente pela união de um time para um fim comum a todos, sem que se sacrifiquem uns e/ou abdique a ludicidade de alguns na prática dada. O jogo de equipe em si não deve inibir o aprimoramento individual ou o destaque de um indivíduo da equipe por ser mais habilidoso, pois isso seria uma forma de inibir a individualidade do aluno e poderia desmotivar o seu aprimoramento técnico-tático. Porém, esse(s) atributo(s) melhor(es) desenvolvido(s) não pode(m) ser um meio

⁴³ Para Carvalho (2007, p. 119): “[...] o *individualismo* como o princípio individual independente das normas e dos interesses coletivos e sociais, isto é, o indivíduo acima do coletivo”.

de isolamento dos menos aprimorados que participam da brincadeira, ele deverá trabalhar sua(s) habilidade(s) com vistas ao coletivo, permitindo que todos participem da conquista e ele se aprimore.

Como Carvalho (2007) enuncia, no Judô, um sentimento comum nos que o praticam Judô e sendo algo bem aceito, o valor do individualismo, até pelo fato de que, quando Jigoro Kano fundou o Judô ele pode ter sofrido demasiada influência desse princípio. Quando ele sistematizou e disseminou a filosofia judoísta, ocorreu a entrada compulsória dos norte-americanos no Japão, obrigando-os, assim, a se enquadrarem no modo de produção econômica regido pelo capital. A nosso ver, uma prática corporal, por mais que seja uma luta de um indivíduo contra o outro, em seu treinamento e aprendizado é tida dentro de um contexto coletivo. Isto é, a apropriação do conhecimento humano existe graças a todo o desenvolvimento de uma sociedade ao longo dos séculos, portanto uma construção de todos os homens que se apropriaram de um conhecimento e o aprimoraram para satisfazer suas necessidades. Mesmo que esse homem e essas necessidades tenham surgido no interior da sociedade burguesa, que prioriza e valoriza o indivíduo sobre o coletivo, a construção é coletiva, já que toda a sociedade atual é um constructo de todos os seres humanos que vieram antes dela. Portanto, o Judô, mesmo sendo uma prática elaborada em sua essência por um indivíduo, a construção dos conhecimentos, da filosofia e dos princípios judoísticos carregam consigo toda a construção histórica da sociedade. Não que por meio do Judô e da Educação Física possamos promover a revolução do modo de produção capitalista, mas podemos contribuir para a formação de seres sociais que carregam consigo essa possibilidade. Por isso, acreditando que o princípio individualista não contribui para a superação do sistema econômico burguês, propomos lecionar o conteúdo em questão sob outra orientação: a coletivista.

Essa nova orientação no Judô permite, na formação humana do ser social, subsídios para a construção de uma personalidade e caráter do ser social comprometido com a ética e a moral para com toda a sociedade e não para si só. Esse princípio coletivista não deve ser voltado para a estruturação/manutenção da sociedade capitalista, pois caso isso ocorra, estaríamos concordando que os indivíduos devem ser divididos em classes sociais de forma que uma classe explore a outra. Pensamos que o princípio coletivista pode ser interiorizado por indivíduos da classe trabalhadora, tendo como base o próprio convívio social e atendendo aos interesses em comum aos que

pertencem a essa classe, na qual as relações tidas no interior desse convívio social devem respeitar as necessidades do coletivo na mesma medida que as dos indivíduos. Portanto, o princípio de individualismo pregado na essência do código de ética do Judô em voga, atualmente deve abrir espaço para uma concepção mais ampla, para que abranja a máxima de Jigoro Kano: prosperidade e benefícios mútuos (*Jita-Kioyei*), no caso, não expandir o princípio do *individualismo*, mas o princípio da *individualidade coletiva* (ou coletivista).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lutas encontram-se, desde há muitos séculos, no interior da sociedade humana, em diferentes períodos e diferentes nacionalidades. Um exemplo disto são a Capoeira e o Judô, que surgiram em diferentes épocas e foram desenvolvidos em lugares e contextos diversos, sendo ambos, lutas. A Educação Física tem, entre suas funções, a de ensinar a Cultura Corporal de Lutas desenvolvidas pelos homens. Este é um meio eficiente dos estudantes aprenderem sobre a realidade que a humanidade viveu e vive. As Lutas, sejam elas quais forem, constituem um saber humano que se mantém presente na vida de todos, tendo a sua relevância social no interior desta sociedade. Sua legitimação, ao longo do desenvolvimento da humanidade, existiu como um meio sistematizado de combate para abater o oponente, portanto, em grande parte é ou foi uma prática corporal letal. Atualmente, a função da luta corporal, enquanto um meio de conquista ou defesa de território, não tem mais a mesma funcionalidade. O homem inventou outras tecnologias que permitem abater o adversário sem que haja o contato corporal.

A mudança nas condições de existência do homem fez com que as lutas tivessem sua função social alterada. Deliberador (1996) relata que iniciou no Judô em virtude de uma debilidade física; no entanto, afirma que existem pessoas que buscam nas lutas um instrumento para se proteger de agressões físicas ou porque ficaram impressionadas com as habilidades corporais dos lutadores. A função das lutas, no interior da sociedade atual, é diferente daquela de outras épocas. Mas a luta ainda é utilizada para a formação dos seres humanos e pode ser utilizada como um instrumento na compreensão da condição atual da sociedade sob uma perspectiva histórica. Como um meio de formar seres sociais, o Judô e as demais lutas carregam em si valores, métodos e finalidades para a sua realização. Valores que refletem aquilo que está posto na sociedade e legitimam a sua existência, ou seja, como um espetáculo de embate entre os homens no qual um sairá vitorioso em detrimento da negação do outro. Ou como um meio de educar o indivíduo para a sociedade atual. A luta é usada como uma forma para atingir uma compreensão da realidade, isto é, contribui para uma visão da realidade humana de forma naturalizada, passando a ideia de que os homens se confrontam, competem e se

exploram por esta ser sua essência natural. Tem, em função disso, a finalidade de formar cidadãos aptos e adaptados a viver na sociedade contemporânea.

O conflito surge justamente nesse ponto. A filosofia que carrega, e todo desenvolvimento histórico e ideológico das lutas e das artes marciais sucumbe e é considerado ultrapassado e sem propósito para o momento atual. Temos a impressão de que as lutas surgiram apenas como entretenimento ou promoção pessoal, deixando de lado o valor histórico dos motivos que levaram os homens a criarem essas lutas, carecendo de explicações que façam os praticantes compreenderem a totalidade da prática corporal executada e do mundo em que vivem. O fato das lutas corporais ainda existirem no interior da sociedade não implica que estas ainda possuam a mesma função social que tiveram no momento de sua criação. Todavia, a insuficiência dessa prática corporal em cumprir a função original não implica que a problemática tenha deixado de existir. Esse problema ainda está presente na sociedade contemporânea, mas de outra maneira, na forma de guerras armadas, na qual as lutas corporais não têm a mesma utilidade e eficiência do momento histórico que as criou.

Sob a ótica de Saviani (2004), os problemas educacionais, portanto de formação humana, nos remetem à questão de valores e à necessidade de reformular a nossa ação para ser coerente com os nossos objetivos. Nesse contexto, entendemos que, em uma sociedade dividida em classes com interesses antagônicos, sendo preconizados os mesmos valores e interesses a ambas as classes, a educação, para possuir um viés crítico-progressista, deve possibilitar aos estudantes uma leitura da realidade que atenda aos seus interesses de classe, e uma formação humana que permita que eles se desenvolvam como seres sociais no sentido mais amplo possível. Dessa forma, existe a possibilidade, por meio da educação e dentro de suas limitações, de constituir seres sociais que trabalharão e lutarão para a transformação da sociedade e de seu modo de produção para outro que não seja regido pelo capital, e uma sociabilidade que não tenha por característica a exploração do homem pelo homem.

O Judô e as Lutas representam um meio de formar seres humanos que compreendam os motivos históricos dos quais se originaram as guerras atuais na sociedade. O Judô e as Lutas, em sua prática, apresentam, por meio de suas especificidades, elementos das suas próprias filosofias que divergem dos valores que a sociedade preconiza como certos. Saviani (2004, p. 35-36) pontua: “Uma vez que a

experiência axiológica é uma experiência tipicamente humana, é a partir do conhecimento da realidade humana que podemos entender o problema de valores”. Assim, por meio do conflito de valores, podemos analisar e problematizar as incoerências e contradições da relação do homem com o mundo, da relação do homem com o homem, e do impacto que determinado tipo de estrutura social gera em sua vida. Isto possibilita, ao ser social em formação, um posicionamento político coerente com os seus interesses de classe e subsídios para a construção de sua identidade. Esses saberes serão frutos dos elementos clássicos da produção humana no que diz respeito à materialidade corpórea, e pautados no que a realidade humana proporciona e possui de mais desenvolvido para formar os seres sociais. Tais saberes devem ser apreendidos na escola por meio de uma pedagogia lastreada na ciência histórica.

Nesta pesquisa, a apropriação do conhecimento desenvolvido com os alunos pode ser vista à medida que estes vivenciaram a prática e perceberam empiricamente as diferenças essenciais entre as práticas corporais. As considerações sobre a atividade física saíram de um plano puramente mecânico e empírico para uma visão mais ampla da materialidade corpórea, na qual o exercício em si passou a ser visto como uma manifestação cultural que teve os seus devidos propósitos e significados para a existência dos educandos. Apropriar-se dessa manifestação cultural possibilitou-lhes serem mais humanos, pois como afirma Saviani (2004), é impossível o homem sem cultura, da mesma forma que é impossível cultura sem o homem. Escobar (2009, p. 127) avança que as produções da Cultura Corporal dos homens possuem: “[...] múltiplas relações entre experiências ideológicas, políticas, filosóficas e sociais e os sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonistas, competitivos ou outros, relacionados à realidade, às necessidades e as motivações do homem”. Por isso, o agir do homem frente ao mundo, também por meio da prática corporal, possui significados e propósitos socialmente produzidos que caracterizam e complementam a totalidade da cultura humana produzida.

Escobar (2009, p. 130-131) nos mostra o significado histórico da prática corporal humana da seguinte forma:

Se a gente olhar para a história, vai ver que na Roma, na Grécia, os guerreiros tinham uma vida na luta pela posse da terra ou por outras ideais que eles defendiam. Desenvolviavam a atividade guerreira, como

trabalho e, na hora do descanso ou do ócio, desenvolviam as mesmas atividades como não trabalho, como jogos de guerra. Por isso a luta ia para o circo e era motivo de diversão. Aqueles carros romanos, as bigas, que eram carros de combate, em determinado momento se transformavam em aparelhos lúdicos. Quer dizer, a atividade humana, toda ela, nasce do trabalho mesmo sendo a de produção não material. Ainda, nessa mesma época, os indivíduos de castas mais baixas ou de menos hierarquia social não participavam nem das lutas, nem dos jogos de lutas. Eles criavam outros tipos de jogos. Quais? Relacionados ao próprio trabalho. Então, quando você vê a história dos jogos encontra os jogos de trabalho doméstico em que se procurava converter a atividade trabalho em atividade também lúdica. O singular, o que foi essas atividades especiais, sejam elas criativas ou imitativas, é que o seu produto não se separa do ato de produção. É por isso que podemos dizer que essas atividades são atividades que compõem a cultura corporal, ou dizer, até, o “esporte”.

Um dos meios que utilizamos para ensinar o conteúdo histórico é pelo jogo, que retratou essa história de forma lúdica, ensinando aos estudantes o contexto em que emergiram as lutas nipônicas, sem que para isso o ensino fosse uma mera explicação abstrata que distanciasse a criança da compreensão histórica do conhecimento. Nesses jogos, conseguimos colocar os fatores lúdicos que representam, de forma simbólica e artificial, a realidade (mesmo que parcial) daquele período. Claparède *apud* Snyders (1974, p. 109-110) advertem que o interesse da criança pelo jogo é fundamental,

[...] pois que, por definição, uma criança é um ser que só se interessa pelo jogo... [os valores sociais, morais, estéticos], estes valores não existem para a criança, não devem existir para ela. Uma função simples e única os substitui a todos: o jogo... [o jogo compensa a incapacidade da criança] para se interessar pelas realidades da vida.

Um dos motivos desse desinteresse pelas grandes questões da humanidade é que elas “sabem” que são insuficientes para interagir de forma satisfatória no que diz respeito a produzirem algo ou transformarem qualitativamente a realidade. Já no jogo, essa possibilidade é mais próxima de sua realidade e não há a obrigatoriedade de produzir determinado resultado. Por isso, o jogo é um meio que deve ser usado pelo professor de Educação Física para ensinar de forma prático-teórica e prazerosa o conteúdo teórico e histórico a ser aprendido pelo aluno. Segundo Escobar (2009), a criança que joga se envolve na prática realizada; ela se preocupa com a própria

subjetividade durante o desenvolvimento da atividade e de seu objetivo implícito. No ato da realização do jogo, a criança que joga produz e consome, ao mesmo tempo, o produto, dando um sentido lúdico para a atividade proposta pelo professor, que só será de fato lúdica se possuir as características de jogo.

A participação da criança no jogo permite que ela, no momento da prática, visualize algumas relações e condições existenciais do contexto histórico do conteúdo ministrado, auxiliada pela mediação e intervenção pedagógica do professor. Assim, quando os alunos forem trabalhadores e tiverem a oportunidade de tomar algumas decisões frente ao mundo, terão a possibilidade de visualizar os problemas e conflitos da sociedade como fruto de um processo histórico, em virtude de um pensamento crítico desenvolvido e de caráter coletivo. Portanto, os jogos e os conceitos das práticas corporais, quando compreendidos sob uma ótica histórica, contribuem na formação humana dos seres sociais e permitem que eles entendam as relações que a materialidade corpórea tem com a cultura, com o trabalho e com a formação de uma sociedade emancipada.

A compreensão das diferenças ontológicas, na gênese das práticas corporais, permite um melhor esclarecimento sobre a sua importância e os motivos da sua criação por parte dos homens. Isto faz com que os estudantes tenham subsídios para entender a realidade e os fenômenos humanos produzidos no que tange à materialidade corpórea. Caso essa compreensão não seja apropriada pelo ser social, possivelmente a ideia que fica é a de que o combate entre os homens é algo natural, em que o ser humano é visto como malvado ou bondoso em sua natureza, não considerando que as raízes históricas, das quais a sociedade atual emergiu, condicionam o homem a ser o que é. Sob essa perspectiva anistórica, as lutas atuais mostram-se como uma prova de que os embates entre os homens podem ser civilizados na sociedade regida pelo capital. Não discordamos que os embates entre os homens possam ser civilizados, mas para isso o embate deve ter uma conotação de construir o melhor caminho para o aperfeiçoamento de ambas as partes, diferentemente do embate que tem por finalidade evidenciar a supremacia de um sobre o outro para adquirir um prêmio ou vantagens com a vitória.

Um professor que almeje ministrar aulas sobre a temática Lutas deve estar ciente sobre o ideário que existe nas lutas no interior da sociedade. Na pesquisa, não tivemos tempo hábil para irmos a campo extrair tais dados e apresentarmos sua análise. Porém,

sabemos que um conteúdo lecionado deve proporcionar aos alunos condições para refletirem acerca da existência das lutas na sociedade e como esse fenômeno cultural interfere em sua vida cotidiana. A reflexão relativa ao conteúdo deve ser encaminhada juntamente com o desenvolvimento prático-teórico das aulas, por isso trabalhar com os fundamentos práticos do Judô torna-se crucial para os alunos terem a possibilidade de entender como Kano *Sama* materializou a luta idealizada.

Inicialmente, pensamos em dividir os fundamentos práticos do Judô em três grupos: fundamentos físicos, que seriam: flexibilidade, velocidade, força, resistência, equilíbrio e agilidade; fundamentos gerais, que seriam: postura, movimentação, giros do corpo, pegadas e amortecimento de quedas; e fundamentos técnicos ou de luta, que seriam: imobilização, projeção, chave-de-braço e estrangulamentos. Como não era nosso objetivo formar um judoca, não houve a necessidade de desenvolver todos os fundamentos. Nosso interesse foi possibilitar aos estudantes uma compreensão dessa prática corporal nos aspectos práticos, e para tanto selecionamos os fundamentos julgados mais básicos e de fácil apropriação e execução por parte dos alunos, quais sejam:

Postura (Shinsei): Posição na qual o corpo se mantém durante o treinamento ou luta para melhor performance da atividade.

Equilíbrio: Permanecer em pé vencendo a aplicação de golpes ou condições que se interponham ao aluno.

Movimentação (Shintai): Deslocamento no *tatame* sem que se retire o pé completamente do chão.

Giros do corpo (Tai-Sabaki): Giros que o corpo faz para fuga ou aplicações dos golpes.

Pegadas (Kumikata): Maneira de segurar no *Judo-Gi* do oponente para a aplicação de técnicas. Caso os alunos não possuam *Judo-Gi*, substituir pegando no braço e na cintura escapular, ou no braço e no ombro.

Amortecimento de quedas (Ukemi): Movimento de proteção do corpo quando se é desequilibrado.

Golpes (Waza): Aplicação das técnicas de luta que utilizarão para desequilibrar o oponente.

Os fundamentos selecionados e apresentados acima foram desenvolvidos em nossa pesquisa com os alunos no decorrer do plano de ensino. Entretanto, não foi para todos os fundamentos aplicados que tivemos a oportunidade de elaborar atividades que permitissem aos alunos vivenciá-los em forma de uma luta de Judô ou de luta-lúdica, em virtude das condições materiais. Notamos que os fundamentos como pegada (*Kumikata*), movimentação (*Shintai*), postura (*Shinsei*) e amortecimento de quedas (*Ukemi*) tiveram maiores dificuldades de serem expostos quando perguntamos aos alunos quais eram os fundamentos do Judô. Acreditamos que o fato dessas atividades não terem sido lecionadas de forma direta com a luta Judô ou alguma outra luta-lúdica ocasionou certa dificuldade, por parte dos alunos, em recordar e exteriorizar quando solicitados. É preciso pensar em outras formas de transmitir esses fundamentos, para que sua assimilação fique mais clara para os alunos.

Os outros fundamentos, por terem sido trabalhados em forma de luta-lúdica, como equilíbrio e giros do corpo (*Tai-Sabaki*), foram expostos mais prontamente, sem que o pesquisador-professor tivesse que recordar das atividades desenvolvidas no momento da aula. Quanto ao fundamento golpe (*Waza*), até o momento da revisão das aulas ministradas ainda não havia sido trabalhado com os alunos, mas acreditamos que em virtude da transmissão de eventos televisivos dessa luta e o contato que os alunos têm/tiveram com a modalidade não seria difícil de eles reconhecerem que os golpes são um elemento essencial para essa luta tanto quanto os demais fundamentos.

O meio utilizado para que os alunos compreendessem o conteúdo foi o método dialético da Pedagogia Histórico-Crítica. Essa abordagem permitiu que tivéssemos os argumentos necessários para propor uma sistematização inicial da temática proposta e os critérios que esta deve atender para que os alunos se apropriem do conhecimento histórico produzido pelo homem, possibilitando uma visão total do mundo, propiciando ao ser social entender que a realidade não é algo imutável, místico ou natural, mas, uma realidade na qual o estudante pode se tornar um membro ativo na transformação do mundo, contudo, cientes das limitações concretas que o mundo impõe.

As reflexões da parte teórica da pesquisa permitiram-nos um melhor esclarecimento sobre o como, o por que, o que e para que abordar o conteúdo em aula.

Tais constatações nos apontaram os possíveis fundamentos, elementos e valores que deveríamos considerar quando fôssemos buscar, na pesquisa de campo, a resposta para nosso problema. Já a parte prática nos permitiu verificar as apropriações e objetivações do conteúdo trabalhado nas condições existentes da escola pública brasileira, constatando uma forma possível de abordar o conteúdo e uma maneira de promover um salto qualitativo da concepção e compreensão de luta por parte dos estudantes. Isso nos permitiu, de acordo com o desenvolvimento teórico da pesquisa e as limitações da prática, considerarmos alguns critérios quando abordamos o conteúdo Judô ou Lutas.

Os critérios julgados como importantes, e adotados nesta pesquisa, para desenvolver as atividades pertinentes à temática Lutas no primeiro ciclo de Educação Infantil foram:

A) Lecionar os motivos, o contexto histórico da criação da luta determinada e o seu desenvolvimento histórico por meio de jogos lúdicos e ilustrativos.

B) Utilizar-se de atividades lúdicas que permitem aos alunos explorar os fundamentos básicos da Luta e, preferencialmente, que a atividade possua alguma semelhança com a prática da luta escolhida.

C) Lecionar as técnicas dos golpes aos alunos, apresentando os critérios para sua execução, e ensinando segundo a capacidade motora e dentro dos limites de segurança em sua aplicação.

D) Propor atividades que permitam ao estudante explorar situações de combate corporal em forma de brincadeira, como queda-de-braço, cabo-de-guerra, entre outras (recomendamos que sejam atividades com equilíbrio de força, coordenação motora e habilidade entre os praticantes, para que a atividade não fique desestimulante).

Os principais conteúdos julgados como importantes nas atividades pertinentes ao Judô, em concordância com os critérios da temática Lutas, no primeiro ciclo de Educação Infantil foram:

a) Apresentar o código de ética dos Samurais e explicar a influência na criação do Judô, por meio de jogos e atividades lúdicas.

b) Atividades que permitam os alunos experimentarem os 7 (sete) fundamentos básicos do Judô, no caso: Postura (*Shinsei*) ou Equilíbrio/Desequilíbrio (*Kusushi*);

Movimentação (*Shintai*); Giros do corpo (*Tai-Sabaki*) Pegadas (*Kumikata*) e Amortecimento de quedas (*Ukemi*) ou Golpes (*Waza*)

c) Ensinar as técnicas de imobilização e as de projeções sem a queda, independente da existência ou não de acolchoados (*Tatame*) e vestimentas (*Judô-Gi*)

d) Propor atividades que ponham em cheque o equilíbrio dos alunos em combate com outros sem que a atividade possua grandes riscos à integridade física do aluno.

A apropriação histórica do conteúdo permite que este seja apreendido de forma prazerosa, podendo ocorrer por meio do jogo que, segundo Soares *et al.* (1992, p. 66): “[...] satisfaz as necessidades das crianças, especialmente a necessidade de ‘ação’”. Os fundamentos da luta podem ser transmitidos posteriormente ao aprendizado do contexto e o desenvolvimento histórico, ou podem ser desenvolvidos simultaneamente com o processo histórico. Isto dependerá de como o professor julga qual é a melhor forma de transmiti-los. Todavia, quando os estudantes vivenciarem os golpes, é de suma importância que a compreensão dos princípios filosóficos do Judô ou da Luta em questão já esteja clara, pois a criança deve ter ciência de que a técnica aplicada é fruto de uma necessidade histórica, mas a realidade contemporânea atribuiu outra função ao golpe e à luta que não é mais a de contundir ou matar o outro.

Os golpes da Capoeira diferem dos golpes do Judô, da mesma forma que diferem as vestimentas da luta de cada uma das modalidades, ou a maneira que o conteúdo é transmitido. Diferenças que existem por conta das necessidades, dos contextos históricos e de suas intencionalidades no momento da criação de cada uma dessas culturas corporais. Logo, o golpe é aquilo que materializa a luta, enquanto uma prática corporal de combate, devendo ser ensinados os sentidos da prática que fizeram os golpes assumirem tais características e não outras. Dessa forma, a execução não adquire um significado da técnica pela técnica e dentro apenas dos interesses subjetivos do executante, mas sim com interesses subjetivos do executante vinculados com a objetividade que a prática exige. Em outras palavras, a técnica deve ser vista como o meio mais sofisticado de atender à finalidade que a luta possui e, contemporaneamente, o significado que essa luta tem entre os homens. Aquilo que levou as lutas a existirem ainda não deixou de existir, apenas foram inventados outros meios para atingir a finalidade desejada. Desta forma, as temáticas Lutas têm a sua importância no currículo escolar, pois se constituem em um meio de lecionar os problemas da humanidade aos

jovens, possibilitando que eles se apropriem de uma produção cultural humana, sem restringir as atividades que lhes geram prazer.

A abordagem teórica e prática de cada um dos fundamentos da Luta selecionada, para o trato com os alunos, deve promover uma prática satisfatória aos educandos, por isso a noção de respeito ao corpo do companheiro e o controle de si mesmo devem ser zelados. O equilíbrio, tanto o físico quanto o mental, deve ser buscado no momento da prática e, quando não for possível, é importante que a aula tenha um espaço no qual os alunos possam refletir sobre o ocorrido e pensar nos obstáculos que o desequilibraram ou dificultaram a sua execução. Dessa forma, a prática dos golpes, atividades e luta com o companheiro representam um obstáculo a ser superado, mas na relação, um não nega o outro, mas atuam como uma só unidade, na qual cada um representa um contrário que se completa. Sendo assim, um não pode progredir no seu máximo possível sem a participação do outro.

Outros estudos que nos apontem as relações das lutas com a sociedade, das guerras com a necessidade de produção, ou do despojamento dos princípios e valores das lutas para atender melhor às exigências do esporte-espetáculo podem contribuir para uma sistematização mais satisfatória e crítica dessa temática. Até porque esta pesquisa representa apenas um tijolo em uma enorme construção. Muito ainda deve ser pensado, refletido, aplicado e repensado para uma sistematização das Lutas que possibilite ao estudante compreender esse elemento da Cultura Corporal e as implicações em sua vida.

5. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. 7. ed. São Paulo: Boitempo, 1999.
- AZEVEDO, Fernando de. **Da Educação Física**: O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960.
- BRACHT, Valter. **Educação Física & Ciência**: Cenas de Um Casamento (In)Feliz. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, (Coleção Educação Física), 2003.
- _____. **Sociologia Crítica do Esporte**: Uma Introdução. 3.ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- BRASIL, Constituição de 1988. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> ou <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 31 de Agosto de 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CARVALHO, Máuri de. **Judô: Ética e Educação**: Em busca dos princípios perdidos. Vitória: EDUFES, 2007.
- CORDEIRO JÚNIOR, Orozimbo; FERREIRA, Marcelo Guina; RODRIGUES, Aegleyce T. **Evolução Sócio-Histórica do Judô**: Primeiras Aproximações. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 10, nº 1, p. 13-21, 1999.
- DELIBERADOR, Ângelo Peruca. **Metodologia da Participação**: Judô. Londrina: Editora Porto Belo, 1996.
- DUARTE, Newton. **A Individualidade para-si**. Campinas: Autores Associados (Coleção Educação Contemporânea), 1993.
- DUARTE, Newton. **Vigotski e o “Aprender a Aprender”**: Críticas às apropriações neoliberais e pós-moderna da teoria vigotskiana. 4. ed. Campinas: Autores Associados (Coleção Educação Contemporânea), 2006.
- ESCOBAR, Micheli Ortega. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. *In*: CASTELLANI FILHO, Lino; SOARES, Carmem Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elisabeth; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **A Periodização do Desenvolvimento Psicológico Individual na Perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski**. Caderno da CEDES, Campinas: v.24, n.62, Abril de 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br/>>. Acesso em 29 de Outubro de 2010.

- FIJ. Federação Internacional de Judô. Disponível em <<http://www.intjudo.eu/>>. Acesso em 27 de Julho de 2010.
- FINOCCHIO, Jose Luiz. **Trabalho, Tempo Livre e Cultura Física: Aspectos do Desenvolvimento Humano**. 169f. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 1991.
- GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico Crítica**. 4. ed. Revista e ampliada. Campinas: Autores Associados, 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Tradução Célia Neves e Alderico Toríbio. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí: (Coleção Educação Física), 2004.
- LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Tradução Manuel Dias Duarte – Lisboa: Editora Livros Horizonte, 1978.
- _____. **Actividade, Conciencia y Personalidad**. 2º Reimpressão – Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1983.
- _____. Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-Escolar. *In*: VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanivich; LEONTIEV, Alexis. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 10. ed. São Paulo: Ícone Editora, 2006.
- LESSA, Sérgio. **Para Compreender a Ontologia de Luckács**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, (Coleção Filosofia), 2007.
- MARKUS, Gyorgy. **Teoria do Conhecimento no Jovem Marx**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1974.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret LTDA, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Educação Física**. Ano de 2008, Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/diretrizes_2009/out_2009/ed_fisica.pdf> Acesso em 02 de Março de 2011.

- SANTIAGO, Alfonso Gutiérrez. **Estudio Cronológico sobre los Acontecimientos más importantes en la Vida de Jigoro Kano**. Revista Digital – ARG, Buenos Aires: Ano 08, Número 51, Agosto de 2002. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd51/kano.htm>>. Acesso em 24 de Setembro de 2010.
- SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política** Campinas: Autores Associados, 2003.
- _____. **Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica**. 12. ed. Campinas: Editora Autores Associados, (Coleção Educação Contemporânea), 2004.
- _____. **Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras aproximações**. 8. ed. Revista e ampliada. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SOARES, Carmem Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elisabeth, CASTELLANI, Lino Filho; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. – São Paulo: Editora Cortez, (Coleção Magistério. 2º Grau. Série Formação do Professor), 1992.
- SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. 3. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 1994.
- SHUARE, Marta. **La Psicología Soviética Tal Como Yo la Veo**. Moscou: Editorial Progreso, 1990.
- TONET, Ivo. **Educação Contra o Capital**. Maceió: Editora EDUFAL, 2007.
- RIZZO, Marco Antonio Lima. **A Participação do Judô nas Aulas de Educação Física Escolar**. 93 f. Monografia para a conclusão do curso. Departamento de Educação Física. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2006.
- _____. **O Conceito de Consciência em Vigotski: O que expõe o autor e o que dizem os intérpretes**. 82 f. Monografia para conclusão do curso de pós-graduação em Teoria Histórico-Cultural. Departamento de Psicologia. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2009.
- ROSSLER, João Henrique. Educação como aliada da luta revolucionária pela superação da sociedade alienada. In: DUARTE, Newton (Org.). **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- SNYDERS, Georges. **Pedagogia Progressista**. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria Marxista da Educação**. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.
- TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanches. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

VIGOTSKI, Lev Semenovic. **A Construção do Pensamento de da Linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2001.

_____. **Psicologia Pedagógica**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

**6. APÊNDICES: MODELOS DE PLANOS DE AULAS APLICADAS E
TRANSCRIÇÕES DAS AULAS CITADAS E REFERENCIADAS NO
CORPO DO TEXTO**

APÊNDICE A – MODELO DE PLANO DE AULA TEÓRICA

Plano de Aula 01**Período:** Vespertino**Idade:** 7 anos**Professor Ministrante:** Marco Rizzo**Data:** 16 de março**Número de Alunos:** 12 alunos**Horário:** 14:15 – 15:00**Sexo da Turma:** Misto**1) Tema Central:**

Judô, luta e cotidiano.

2) Objetivo:Geral: Apresentar o projeto que será trabalhado com a turma e as condições que a pesquisa/plano de ensino será desenvolvida.Específico: Conhecer o ponto de vista que os alunos possuem de Luta e de Judô e verificar se a luta faz parte do seu cotidiano.**3) Atividade 01:**

Indagar aos alunos as seguintes questões: 1. O que vocês entendem por Luta?; 2. Quais lutas vocês conhecem?; 3. Todas as lutas têm socos e chutes?; 4. Vocês conhecem uma luta chamada Judô?; 5. Onde vocês viram o Judô?; 6. Qual a diferença do Judô com as outras lutas?; 7. Vocês sabem qual é a origem do Judô?; 8. Por que foi criado o Judô?; 9. Vocês praticaram ou conhecem alguém que já praticou Judô?; 10. Para interarmos o conteúdo aos demais companheiros da turma, como que se luta Judô?; 11. O que é preciso fazer no Judô para podermos lutar?; 12. Qualquer criança da sala de aula pode lutar Judô?

3) Atividade 02:

Solicitar que os alunos se apresentem e quais atividades, jogos e brincadeiras eles gostam de fazer.

3) Atividade 03:

Solicitar que copiem um desenho de um Judoca, caso sobre tempo.

4) Recursos Materiais:

Giz e quadro negro.

5) Referencial BibliográficoGASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 4ª Edição Revisada e Ampliada. – Campinas, SP: Editora Autores Associados. 2007.

SOARES, Carmem Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elisabeth, CASTELLANI, Lino Filho; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter.

Metodologia do Ensino de Educação Física. – São Paulo, SP: Editora Cortez, (Coleção Magistério. 2º Grau. Série Formação do Professor), 1992.

APÊNDICE B – MODELO DE PLANO DE AULA TEÓRICO-PRÁTICO

Plano de Aula 02**Período:** Vespertino**Idade:** 7 anos**Professor Ministrante:** Marco Rizzo**Data:** 19 de março**Número de Alunos:** 12 alunos**Horário:** 15:00 – 15:45**Sexo da Turma:** Misto**1) Tema Central:**

O desenvolvimento histórico do Judô e contexto que vivido pelos antigos *Samurais*.

2) Objetivo:

Geral: Verificar os possíveis atributos físicos e mentais que um *Samurai* desenvolvesse no seu treinamento.

Específico: Vivenciar, por meio de jogos lúdicos, as condições de vida os antigos japoneses.

3) Atividade 01:

Jogo do Já: São determinados na quadra um número de setores (geralmente quatro e dispostos como arestas de quadrado), no qual, deve se posicionar um número igual de participantes em todos os setores das pontas e os que sobram ocupam o lugar do meio das arestas, que estará representada por um círculo. Assim quando o professor falar “JÁ” os alunos devem se deslocar até um outro setor das pontas, não podendo sair e voltarem para o mesmo setor que estavam no início. Os que não conseguirem um setor livre devem se posicionar para o centro preparados para o próximo “JÁ”. Durante o jogo, o professor, pode falar de maneira direta e repetidas vezes o “JÁ” sem aguardar o posicionamento dos alunos ao centro, o jogo termina no anúncio do último “JÁ”. Esse jogo deve ser transmitido comparando modo de vida dos antigos japoneses que eram de forma isoladas e quando saíam do seu território corriam o risco de serem saqueados.

3) Atividade 02:

Jogo do Já-Já: Os alunos devem ir de um lado ao outro da quadra. Eles saem quando o professor diz “Já”, e quando falar “Já”, novamente, eles devem parar imediatamente. O aluno que continuar correndo, parar atrasado ou parar com um pé a frente do outro voltará ao ponto de início. Os que não erram devem aguardar o próximo “Já” e só saírem quando anunciado este. Ao concluírem todo o percurso, deverão permanecer sentados, aguardando a outra rodada. Fazer analogia a atenção e a disciplina que eram exigidas do *Samurai* durante os seus treinamentos.

3) Atividade 03:

Passagem pelo Arco: Os alunos formarão duas equipes, nas quais, cada equipe deverá ficar de mãos dadas em forma de círculo e com um arco (bambolê) nos braços. Os estudantes deverão passar por dentro do arco para o outro lado do seu corpo, isso sem soltar as mãos do companheiro. Devendo o outro companheiro realizar a mesma ação até que o arco volte à posição inicial passando por todos da equipe. A relação da agilidade que os alunos tiverem deve ser associada com a agilidade que os *Samurais* possuíam para o combate corporal ou munidos de espadas ou outro aparato de luta.

3) Atividade 03:

Desatando Nós: Os alunos devem formar um grande círculo e fecharem os olhos. E todos juntos devem ir de encontro ao outro companheiro que estará indo de encontro a ele também, ambos com as mãos projetadas para frente. Ao encontrar a mão do companheiro ele deve segurá-la e abrir os olhos. Quando todos estiverem de olhos abertos e segurando a mão de um companheiro deverão tentar desfazer todo o embaraço que ficou entre as mãos, sem soltar uma mão para desfazer o “nó”. A analogia feita nesse jogo é a de que os *Samurais* devem raciocinar para resolver os seus problemas.

4) Recursos Materiais:

2 arcos e Giz para marcar os espaços na quadra da Atividade 01.

5) Referencial Bibliográfico

- CARVALHO, Máuri de. **Judô: Ética e Educação: Em busca dos princípios perdidos.** 1º Edição – Vitória, ES: EDUFES, 2007.
- CORDEIRO JÚNIOR, Orozimbo; FERREIRA, Marcelo Guina; RODRIGUES, Aegleyce T. **Evolução Sócio-Histórica do Judô: Primeiras Aproximações.** Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 10, n. 1 p. 13-21, 1999.
- DELIBERADOR, Ângelo Peruca. **Metodologia da Participação: Judô.** Londrina, PR: Editora Porto Belo, 1996.
- GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica.** 4º Edição Revisada e Ampliada. – Campinas, SP: Editora Autores Associados. 2007.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA AULA DIA 16 MARÇO 2010

Professor

Criançada a câmera vai ficar aqui! Quem quiser dar um tchaozinho pra câmera pode dar.

Aluno:

Oi!

Professor

Está bom! Senta todo mundo no lugar. Vamos ver quem vai aparecer na câmera. Se vocês me perguntarem: eu preciso aparecer na câmera? Não precisa, mas se você quiser vai poder aparecer. Aqueles 3 do canto não estão aparecendo, ele tem que ir lá pra trás (para aparecer). E você aqui do canto também não aparece.

Aluno

Ou pode ficar aqui no meio

Aluno

Eu posso ficar no lugar da amiguinha?

Professor

Pode, mas não pode bagunçar as coisas dela não, está bem?

Aluno

Eu apareço?

Professor

Aparece. O que é que o povo está dançando aí? Eu pedi pra sentar e não para dançar. Tudo bom o meu nome é Marco Rizzo, sou professor de Judô, sou professor de Educação Física. Calma aí, levantem a mão para falar. Se vocês querem falar alguma coisa levantem a mão e esperem. Todo mundo que é professor de judô eles tem que usar a faixa preta

Aluno:

Se for muito bom!

Professor

Não! Não é se for muito bom, para dar aula de judô tem que ser faixa preta.

Aluno

Se não for não pode

Professor

Se não for não pode. Mas eu posso passar o judô na escola sem eu ser faixa preta e formado em Educação Física?

Aluno

Pode.

Professor

Pode, não tem problema. Só que eu vou poder ensinar luta?

Alunos:

Não.

Professor

Por que não?

Aluno

Porque não é faixa preta.

Professor

Porque não é faixa preta e você também não tem o kimono.

Aluno

E também não tem o tatame.

Professor

Também não tem o tatame, exatamente. Primeira coisa... psiuu... rapaz, quando o professor esta falando tem que fazer silêncio. Vocês podem me chamar de duas formas: ou de professor Marco, ou melhor, três formas: Professor Marco, ou só de Marco ou de Sensei. Alguém sabe o que significa Sensei?

Aluno:

Professor

Aluno

Mestre.

Professor

Mestre ou professor. Então podem me chamar de sensei também. Primeira coisa... psiuuu... quando eu estou falando quero que todo mundo faça silêncio. Ehhh... Agora que vocês ficam falando me atrapalha tudo, não pode falar.

Aluno

Sensei?!?! Está certo?

Professor

É. Sensei. Eu vou fazer aula de judô com vocês e o que agente vai aprender? Agente vai aprender todos os golpes de judô?

Alunos

Não!

Aluno

Só alguns.

Professor

Agente vai aprender a lutar?

Alunos

Não.

Professor

Não, também não. Agente vai aprender a derrubar o amigo?

Aluno

Não.

Professor

Não! Agente vai aprender a fazer rolamento e cambalhota?

Alunos

Não.

Professor

Não???

Alunos

Sim!

Professor

Vocês sabem fazer rolamento e cambalhota?

Alunos

Sim.

Professor

Alguém saber fazer muito bem rolamento e cambalhota levante a mão. Quem sabe fazer mais ou menos levanta a mão.

Aluno

Eu sei fazer mais ou menos

Professor

E quem não sabe fazer rolamento e cambalhota.

Aluno

Eeeeeuuuuuu!!!

Alunos

Ahhhhhh!!!

Prof.

Ué... Vocês nasceram sabendo falar? Eim rapaz?

Aluno

Não.

Professor

Você não teve que aprender? Então, ele também, ele vai aprender a fazer cambalhota como todo mundo. Não tem problema.

Aluno

Você tem que virar assim olha.

Professor

Não tem que virar assim não. Primeira coisa, eu vou pedir para vocês se apresentarem, porque eu não conheço o nome de todo mundo, então às vezes eu fico na dúvida. Eu vou pedir para falar o nome, falar se gosta de educação física, se faz algum esporte ou se gosta de brincar na rua e do que gosta. Se gosta de pintar, se gosta de pular amarelinha, de esconde-esconde, se gosta de jogar futebol, se gosta de fazer judô, se gosta de jogar bet's.

Aluno

O que é Bet's?

Professor

Vocês nunca jogaram Bet's?

Alunos

Não.

Professor

Então em uma outra aula vocês podem pedir para o professor Bira ensinar, ou até mesmo eu posso ensinar na aula se tiver como, está bom? Mas agora não vai dar. Bet's é uma brincadeira simples, tem uma casinha aqui (um determinado ponto) e tem outra casinha aqui (ponto diferente e mais distante do outro) e dois moleques ficam com as Bet's, que é tipo um taco de beisebol e o outro vai ter que tacar (a bolinha na casinha). Tacou e derrubou a casinha eu perdi.

Aluno

Ahhh tá! É Taco's

Professor

Como é que vocês chamam aqui? É Taco's aqui? Lá na minha cidade agente chama de Bet's, mas pode ser taco também. Agora vamos começar a apresentação de vocês.

Aluno

Você torce para que time?

Professor

Pra Seleção Brasileira de Futebol

Aluno

Só?

Professor

Só. E pro São Paulo Futebol Clube.

Alunos

Êêêê!!!

Aluno

O meu pai torce para esse.

Professor

É aula de futebol que agente vai passar aqui hoje?

Aluno

Sim.

Professor

Não. Eu torço pelo judô na verdade. (risos) O seu nome é?

Aluno

Giovani

Professor

Giovani, o que você gosta de fazer? Gosta de xadrez? Gosta de basquete? Futebol? Judô? Natação? Ballet?

(acenou positivo para todos menos o ballet, a resposta do não ao ballet causou um certo riso na turma)

Professor

Como é que é o seu nome?

Aluno

Pedro.

Professor

Pedro. Você gosta de fazer o que Pedro?

Aluno

De correr

Professor

De correr?

Aluno

De vez em quando.

Professor

De vez em quando você corre? Que gostoso. Você faz algum outro esporte fora da escola?

Aluno

Eu gosto de jogar futebol com os meus amigos (João Pedro se levanta e simula que está correndo, o professor como meio de brincadeira bate um pedaço de papel enrolado na cabeça e pede para se sentar)

Professor

Senta lá!

Professor

Só futebol com os amigos? (acena positivamente) E pratica Judô?

Aluno

Minha mãe vai me colocar ainda.

Aluno

Minha mãe também vai me colocar.

Professor

Calma aí que já já chega em você.

Professor

Como é seu nome mocinha?

Aluno

Maria Eduarda.

Professor

Maria Eduarda. E você faz o que Maria Eduarda?

Aluno

Pular corda, brincar de amarelinha.

Professor

Brincar de amarelinha? Você não faz futebol, ballet, dança...

Aluno

Eu ia fazer dança de salão, mas a mulher lá não liberou ainda.

Professor

Ah bom! E o seu nome, do menino que tem formiga na carteira, e que não para sentado. Fique sentado direitinho na carteira, vai lá.

Aluno

João Pedro.

Professor

João Pedro você faz o que?

Aluno

Jogar bola, brincar de pega-pega e andar de bicicleta

Professor

E anda de bicicleta? Que gostoso eu também gosto de andar de bicicleta.

Aluno

Só de bike.

Professor

E você faz judô? Você gosta de judô também?

Aluno

(acena a cabeça positivamente)

Professor

Quem bom, eu acho que você vai se dar bem nessa aula. Você aí do fundo.

Aluno

Mateus. Eu faço futebol, gosto de brincar de pega-pega e esconde-esconde.

Professor

Pega-pega e esconde-esconde. Você gosta da aula de educação física também?

Aluno

(acena positivamente)

Professor

Legal.

Professor

Você ali do fundo.

Aluno

Kaue. Eu gosto de andar de bike, andar de skate e jogar xadrez.

Professor

Então você gosta de esportes radicais e um jogo mais tranquilo.

Alunos

E o seu nome!

Professor

E o seu nome é?

Aluno

Kaue.

Professor

Kaue? Kaue você gosta da aula de Educação Física?

Aluno

Gosto!

Professor

Qual das atividades que o Bira passa pra você que você mais gosta? Futebol ou algum outro jogo?

Aluno

Futebol de prego.

Professor

Futebol de prego? Esse eu não conheço, aí vocês podem mostrar um dia desses. Agora o último lá no fundo.

Aluno

Pedro Henrique.

Professor

Pedro. Pedro você faz o que?

Aluno

Brinco de esconde-esconde, pega-pega, lá no pátio todo mundo chama pra brincar de esconde-esconde.

Professor

Hummm... Você se esconde bem?

Aluno

Eu me escondo atrás dos outros.

Professor

É um jeito de se esconder também. E você (Pedro Henrique) faz algum esporte?

Aluno

Não.

Professor

Mas nem jogo bola na rua com os amigos?

Aluno

Ahhh sim, isso eu jogo.

Professor

De vez em quando?

Pedro Henrique

(acena positivamente)

Professor

Seu nome mocinha.

Aluno

Luiza.

Professor

E você faz o que Luiza?

Aluno

Gosto muito de brincar de elástico, pular corda e de bambolê.

Professor

Você faz algum esporte fora da escola?

Aluno

Não.

Professor

Nem dança e nem nada? Você não brinca de esconde-esconde na rua com os amiguinhos?

Aluno

Brinco.

Professor

Ahhh bom. É gostoso. Seu nome?

Aluno

Jean Felipe.

Professor

Diego Felipe?

Aluno

Jean.

Professor

E você gosta do que Jean?

Aluno

Jogar futebol.

Professor

Você faz escolinha fora da escola?

Aluno

Faço.

Professor

E o que mais você faz?

Aluno

Andar de bicicleta, correr e judô.

Professor

Mas correr? Brincar de esconde-esconde e pega-pega, você não gosta? Nem brincar de polícia e ladrão?

Aluno

Sim.

Professor.

É quase um pega-pega, é a mesma coisa só muda algumas regras. E você?

Aluno

João Pedro

Aluno

Outro João Pedro.

Professor

Qual o outro João Pedro que tem aqui?

Aluno

João Pedro Queiroz e João Pedro Costa

[INTERRUPÇÃO]

XX:XX até XX:XX – Entrega de um bilhete para uma aluna

Professor

E você gosta de fazer o que João Pedro?

Aluno

Jogar futebol, andar de bicicleta, brincar de polícia e ladrão e...

Professor

E qualquer outra brincadeira que foi gostosa?

Aluno

E vôlei e também eu gosto de jogar ping-pong.

Professor

Que legal, Ping-Pong é gostoso.

Professor

Seu nome?

Aluno

Caio.

Professor

E você faz o que Caio?

Aluno

Eu gosto de andar de bicicleta, tomar banho de piscina

Professor

Como?

Aluno

Tomar banho de piscina.

Professor

Ahhh! Aí é gostoso eim, no calorzão é bom! O que mais você gosta de fazer?

Aluno

Brincar de basquete.

Professor

Hum... Legal! E você faz algum esporte fora da escola?

Aluno

[...] na universidade [...]

Professor

Legal! Muito bom. Eu vou virar a câmera aqui pra você, pois você é um garoto muito bonito, não pode ficar de fora. Vamos lá, como é o seu nome?

Aluno

Sidney.

Professor

O que você gosta de fazer Sidney?

Aluno

Jogar futebol, jogar ping-pong e brincar de esconde-esconde.

Professor

Você faz algum esporte fora da escola?

Aluno

Futebol

Professor

Faz o futebol? Que gostoso.

Alunos

Ele faz escolinha.

Professor

Junto com vocês?

Alunos

É.

Aluno

Professor eu posso ir beber água?

Professor

Tem como esperar um pouquinho?

Aluno

Não!

Professor

Mas vai esperar porque o senhor foi muito rude e não pediu “por favor”. Espera só um pouquinho que já já eu te deixo ir beber água. Teve dois (alunos) que levantaram a mão, João você queria falar o que?

Aluno

Eu esqueci o que eu ia falar.

Professor

Então não era importante. E quem foi a outra pessoa que levantou a mão?

Alunos

Foi o João Pedro Queiroz

Aluno

Eu não.

Professor

João Pedro, você pode ir beber água, mas sem correr. Primeira coisa, eu vou fazer algumas perguntinhas pra vocês pra ver se vocês sabem (sobre o judô). Por exemplo: o que é uma luta? Vocês sabem o que é uma luta?

Alunos

É um esporte

Professor

É um esporte. Mas nesse esporte acontece o que para ser uma luta?

Alunos

Eles têm que lutar!

Professor

Mas o que é lutar? O que acontece quando vocês lutam?

Alunos

Se machuca?

Professor

Se machuca? Aí não pode! Tem luta que machuca não tem?

Alunos

Luta livre.

Professor

Mas aí tem soco e chute. Judô tem soco e chute?

Alunos

Não

Professor

Não! É para machucar alguém?

Aluno

É pra imobilizar.

Professor

É para imobilizar o cara no chão ou derrubar em pé. Mas esse derrubar machuca?

Alunos

Não porque tem o tatame.

Professor

Não porque tem o tatame e a gente ensina a forma certinha de cair. Não é igual à brincadeira de pega-pega e tropeça e rala o joelho, ou é a mesma coisa?

Alunos

Não.

Professor

Não né? Porque você vai derrubar (o outro) certinho e bonitinho, é diferente. O judô é uma luta, mas não machuca. Diferente da luta livre que tem soco e chute. Aí é um outro esporte que eu nem gosto de fazer. (Caio levanta a mão) Fale Caio.

Aluno

Eu tenho Sky TV, e tem luta que o cara chutou o outro e jogou pra fora do ringue.

Professor

É aí é um esporte pra dar soco e chute. Vocês querem se machucar fazendo esporte?

Alunos

Não.

Professor

Eu também não quero me machucar. Então eu vou fazer luta livre?

Alunos

Não.

Professor

Não, porque eu não quero me machucar e o Judô não machuca.

Aluno

É tipo o Judô, mas é mais violento.

Professor

Ahhh sim, algumas coisas na luta livre têm, mas não é a mesma coisa. (interrupção da aula, a Priscilla, irmã do Kaue o chamou).

Professor

Uma outra coisa, onde vocês viram essas lutas que me falaram? A luta livre e o Judô?

Aluno

Na TV.

Professor

Na televisão?

Alunos

Sim.

Aluno

Eu vi em filme.

Aluno

Nas Olimpíadas.

Professor

Nas Olimpíadas também?

Alunos

Sim.

Aluno

Eu vi na minha irmã, minha irmã tem Sky e eu assisti UFC (Ultimate Final Combat) lá.

Aluno

Eu tenho em jogo Play (PlayStation)

Professor

Vocês já viram o judô na televisão?

Alunos

Não. Já. (Alguns sim, outros não)

Aluno

Eu já vi Mai Tai.

Professor

É um tipo de luta também.

Aluno

Muitai.

Professor

Não, é Mai Tai ou (também) Boxe tailandês.

Aluno

Ou Karatê.

Professor

Não, o Karatê é outro tipo de luta ainda. Existe um monte de luta.

Aluno

É parecida com o Judô.

Professor

Eu já dei uma dica pra vocês, mas todas as lutas sem soco e chute?

Alunos

Não.

Professor

O Judô tem soco e chute?

Alunos

Não.

Aluno

Você só tem que pegar o carinha e imobilizar no chão e deixar parado.

Professor

Isso. E esse imobilizar machuca?

Alunos

Não. Sim. (apenas o Jean)

Professor.

Ahhh sim, se fizer errado, mas é igual no futebol, as vezes você não chuta (sem querer) a canela do amiguinho e machuca? Às vezes no judô também machuca. Mas é para machucar?

Alunos

Não.

Professor

(Quando acontece) É sem querer, igual acontece no futebol.

Aluno

Se agente se comportar você vai ensinar golpes pra gente?

Professor.

Vou ensinar alguns golpes, bem fáceis e sem derrubar. (Alunos com a mão levantada pra perguntar)

Professor

Vamos começar por aqui.

Aluno

[...] é mentira assim, porque na luta de verdade de luta livre sai mais sangue.

Professor

Ahhh não, mas no Judô não é um esporte pra sair sangue. João fale lá.

Aluno

Há muito tempo atrás eu fazia aula de capoeira

Professor

É um esporte muito gostoso a capoeira.

Aluno

É tipo o Judô.

Professor

Não, não é tipo o judô não. A capoeira tem estrelinha, tem auê, tem macaquinho. É uma luta tipo uma dança.

Aluno

Também tem que passar a perna por cima da cabeça dos outros.

Professor

Aí é um outro golpe de capoeira. Mas olha, o pessoal hoje está muito bagunceiro, estou pedindo para ficar sentado e não estão ficando sentado. Eu pedi que quem quiser falar levante a mão, olha que bonito o amiguinho. Fala lá Caio.

Aluno

Eu sou melhor quando eu caio de bicicleta do que de patinete.

Professor

(Quando você cai) você quer se machucar (acena negativamente a cabeça). No Judô agente também não quer se machucar.

Aluno

Professor é verdade que quando um cara estiver lutando judô em um torneio e ele machucar a cabeça ele é desclassificado ou...

Professor

Se o médico falar que ele não pode continuar lutando ele tem que parar, ele vai ser desclassificado. Psiu (para o João Pedro) você levantou a mão? Então levante a mão se quiser falar, senão não fala. Num torneio se o cara torcer o pé... Igual jogador de futebol, o jogador de futebol às vezes não machuca o joelho e não fica fora do jogo?

Alunos

Sim.

Professor

Mas ele deixa de jogar futebol no mês seguinte se ele ficar bom?

Aluno

Não.

Professor

No judô também. Machuca o dedinho e não dá para continuar a luta, não tem problema.

Vai ter mais campeonatos. Está bom? Vocês sabem por que o judô é um esporte que não tem soco e chute?

Alunos

Não.

Professor

Por quê?

Aluno

Porque não é violento.

Professor

Porque não é um esporte para ser violento. Sabe quem inventou o judô?

Alunos

Quem?

Professor

Foi o sensei Jigoro Kanu. Lá no Japão há muito tempo atrás.

Aluno

Sensei Jigoro Kanu (com ar de riso por conta do nome)

Professor

É o nome dele. É que ele era japonês, imagine o pessoal falando João Pedro lá no Japão, eles devem achar engraçado. O nome Marco Rizzo no Japão, eles também devem achar engraçado. Então o Sensei Jigoro Kanu inventou esse esporte não para machucar. Ele inventou esse esporte para poder ficar com o corpo bastante forte, porque ele era bem pequenininho e magrinho o sensei Jigoro Kanu. Ele tinha uns 55kg e tinha mais ou menos esse tamanhozinho aqui (1,55m aproximadamente), muito pequenininho.

Aluno

Mas ele não era anão?

Professor

Não, ele não era anão, por aí ele tinha um tamanho até grandinho. Não era tão pequenininho assim, mas ele é maiorzinho (do que um anão). Então ele inventou esse esporte para que pudesse ficar forte e saber se defender, porque tem gente que é muito grande e muito forte não é? O judô ajuda a você se defender dessas pessoas que são grandes e fortes e querem machucar. Mas agora, se eu faço judô eu posso ir lá bater no cara só porque eu quero bater?

Alunos

Não.

Professor

Não, por que é o que?

Aluno

É errado.

Professor

É errado, não é legal, brigar não é gostoso, você machuca o outro ainda pode se machucar. O judô não é para isso, está bom? Pedro!. (19:11)

Aluno

Professor! Uma vez eu vi na televisão que um professor de judô treinava os alunos, fazia um balacuzinho e ia lá bater nos caras lá na noite.

Professor

Aí é diferente! Há um pessoal que aprende luta pra poder machucar. Eu não ensino luta pra machucar! Digamos que eu ensine um golpe de judô pra vocês, então vocês vão lá,

na casa de um primo ou de um amiguinho na rua e mostra o golpe e o machuca, vocês acham que eu vou continuar ensinando mais golpes de judô pra vocês?

Alunos

Não.

Professor

Não, porque eu não quero que vocês aprendam o judô pra machucar. Quero que vocês aprendam o judô pra gostar, pra se divertir e pra ter saúde. E não pra ficar mostrando e machucando os amigos, quem sabe não precisa mostrar. O judô só se faz junto com o professor sem o professor não pode.

Aluno

Só luta quando o professor estiver.

Professor

Só luta quando o professor estiver. Muito bom Pedro.

Aluno

Com o tatame e com o negócio (judô-gi)

Aluno

Se for lutar judô tem que ter kimono e tatame.

Professor

Era a minha próxima pergunta: o que precisava pra lutar judô. Mas já foi respondido. Fala Caio.

Aluno

Tem um negócio no computador que se chama [...] aí tem que conquistar espaço pra poder [...] aí eu conquistei a faixa preta.

Professor

Como é que é o nome desse jogo?

Aluno

Não... é que tem que fazer isso pra [...]

Professor

Ahhh sim... Continuando... E como é que é uma luta de judô, alguém sabe? Vocês já me falaram que viram uma luta de judô como é que é uma luta de judô?

Aluno

Eu vi assim numa coisa um judoca de branco tentando derrubar o outro (mostra gesticulando como um judoca segura no judô-gi do oponente e derrubando ele).

Professor

Isso. O Caio falou certinho, é um tentando segurar no kimono do outro tentando derrubar o outro no chão (tatame), depois você tem que imobilizar, está bom? Pedro.

Aluno

Teve uma vez que tinha dois caras segurando um no kimono do outro, daí começou a luta e o outro puxou assim a mão dele (mostrando o movimento realizado pelo atleta) pegou e pranchou-o. Daí então ele imobilizou, daí o outro perdeu e o outro ganhou dele.

Professor

Fala João.

Aluno

Quando eles começam a lutar, um segura no kimono do outro, daí ele vai empurrar pra trás, daí ele vai colocar o pé atrás e daí ele vai cair no chão e imobilizar.

Professor

Isso também é judô.

Aluno

É isso que eu ia perguntar.

Professor

Bom vocês sabem como é que é um kimono de judô?

Aluno

Tem uns que são brancos tem outros que são azuis.

[INTERRUPÇÃO]

21:58 até 22:09 – Se pode apagar o que está escrito na lousa.

Aluno

Desenha um kimono

Professor

É o que eu vou fazer, pra vocês verem o que é um kimono. O que é o kimono? Vocês sabem me falar o que é o Kimono?

Aluno

Uniforme de judô.

Professor

É um uniforme de judô. Ele é mais ou menos assim (desenhando no quadro para mostrar para eles como é a vestimenta). Tem a manga e tem aquele saiote.

Aluno

Saiote! (risos)

Professor

É! Tem um saiote, que fica tipo uma saiazinha, mas é tipo um saiote pra ficar melhor pra lutar.

Aluno

Aí tem a faixa...

Aluno

Ai tem uma faixa que fica bem aqui (indicando onde fica a faixa).

Aluno

A faixa é para segurar o kimono.

Aluno

Se soltar a faixa, cai.

Professor

Parece um kimono isso aqui?

Alunos

Sim.

Aluno

Parece também um roupão.

Professor

Isso mesmo parece um roupão daqueles de banho. Só que o tecido dele é mais grosso pra não acontecer o que?

Alunos

Machucar.

Professor

Não. Pra não acontecer o que?

Alunos

Rasgar.

Professor

Rasgar. Então esse aqui é um kimono de judô. Um dia desses, eu vou trazer um ao vivo pra vocês verem e trazer também a minha faixa preta para vocês verem.

Alunos

Oba!

Professor

Quem levantou primeiro a mão foi o João Pedro. Fala João Pedro.

Aluno

Escreve B,-R-A ali.

Professor

Por que B-R-A? Do Brasil? O BRA vai às costas (do kimono). Mas vou escrever aqui em cima a palavra...

Alunos

Kimono.

Professor

Kimono! Que é a roupa que nós usamos para fazermos judô. E eu posso fazer uma perguntinha pra vocês?

Aluno

A roupa do meu amigo é azul e a faixa dele é branca.

Professor

Tem o kimono azul também, o que eu vou desenha aqui é o kimono branco. Mas o que eu acho mais bonito é o kimono branco, porque ele parece mais limpinho e dá pra ver mais certinho. A perguntinha que eu quero fazer pra vocês: toda criança pode fazer judô?

Alunos

Sim.

Professor

Todas as crianças, todas?

Alunos

Não.

Professor

Não? Por que não?

Aluno

Por causa da idade.

Professor

É! Quando é muito bebezinho e tem uns 2 anos de idade não dá e... Olha o cara (João Pedro) falando de novo sem levantar a mão rapaz! Quando são muito pequenininho eles choram muito pela mamãe. Então quando já estão mais grandinhos, na idade de vocês, já conseguem, andar, correr, brincar e se divertir já pode começar a fazer judô. Eu comecei a fazer judô na idade de vocês, há muito tempo atrás, em 1992. Eu acho que nem nascidos vocês eram.

Aluno

Mas minha mãe já era!

Aluno

O meu pai e minha mãe já eram!

Professor

Aí sim... Qual é a tua pergunta Caio? Você está com a mão levantada faz tempo.

Aluno

Por que você não desenha a faixa nele?

Professor

Vocês querem que desene a faixa também?

Alunos

Sim, sim, sim sim.

Aluno

A faixa preta.

Professor

Então eu vou desenhar a faixa aqui.

Aluno

Vai ficar bem massa.

Professor

Vou fazer uma faixa branca.

Aluno

Professor aí um dia tu vem com a tua faixa?

Professor

Um dia eu trago pra vocês verem como é a minha faixa, pode ser?

Aluno

Aí você já vem com o kimono.

Professor

Também venho. Ficou legal o kimono de judô?

Alunos

Sim.

Professor

Vocês tem caderno de desenho aí?

Alunos

Sim. Não. De desenho não. (Alguns dizem sim outros não)

Professor

Mas pode ser um caderno uma folha qualquer mesmo. (26:00) Pega o caderninho de vocês e vamos, todo mundo, desenhar rapidinho esse kimono de judô.

[INTERROMPIDO]

26:15 até 26:50 – Pegar o material para a atividade

.

Aluno

Professor, a gente não vai fazer aula hoje?

Professor

Hoje a gente vai só conversar. Estou falando pra vocês o que é o Judô e o que vocês sabem de judô. Porque se não eu começo a fazer aula e vocês ficam sem entender nada, então eu quero conhecer vocês, quem são vocês, eu quero que vocês me conheçam pra depois começarmos as aulas.

[INTERROMPIDO]

27:10 até 29:00 - Momento que os alunos ficaram desenhando.

Aluno

Professor, pode desenhar a mão?

Professor

Criançada, o Caio perguntou se pode desenhar a mão, a cabeça e as pernas, pode fazer?

Alunos

Pode!

Professor

Vocês querem fazer?

Alunos

Sim.

Professor

Então pode fazer!

Aluno

Professor pode fazer uma menina?

Professor

Pode! Se quiser desenhar uma menina de kimono tudo bem. Porque menino e menina podem fazer judô. Até se quiser desenhar e pintar o kimono de cor-de-rosa pode, só não pode usar o kimono cor-de rosa. (No judô) ou você usa o branco ou usa o azul.

[INTERROMPIDO]

29:30 até 37:20 - Continuação da execução do desenho, com algumas comentários sobre o que eles querem desenhar e como querem desenhar. Em alguns momentos eu expliquei sobre o porquê da gravação das aulas por meio de filmagem.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA AULA DIA 23 DE ABRIL 2010

Professor

Criançada, sem desmanchar, a corda que está tudo separada aqui, senta todo mundo em volta aqui pertinho, vem cá. Pode sentar, pode sentar ai.

Aluno

Eu levo o lanche.

Professor

Deixa o lanche em cima da mesa.

É para sentar assim, ó. Sentar aqui no chão, sem desmanchar a corda. Sem desmanchar a corda.

Aluno

O professor, deixa eu fazer dez.

Professor

Sem desmanchar a corda. Pode sentar, pode ir pertinho Sidnei. Ae, está bom, está bom. Criançada, tudo bom com vocês?

Aluno

Tudo.

Professor

Ó, hoje estamos com dois amiguinhos a mais, outro grupo aqui, então se todo mundo estiver fazendo barulho agente não consegue fazer?

Nada

Professor

Nada né? Eu ia usar o outro espaço, mais o outro professor está usando, vamos ficar com este daqui por enquanto, ta bom? Fazer o seguinte aqui, espera ai, calma, esqueci do horário do recreio. (...), enquanto isso, vamos conversar uma coisa.

Aluno

Cheiro de cachorro quente.

Professor

Vende na cantina, estamos do lado dela, primeira coisa, no judô, o que você tem que fazer para ganhar é?

Aluno

Derrubar o outro.

Professor

Derrubar o outro, e quem derrubou, aconteceu o que?

Aluno

Ganhou

Professor

Não, o que caiu, alias, aconteceu o que?

Aluno

Perdeu.

Professor

Por que ele perde?

Aluno

Porque ele foi derrubado pelo adversário.

Professor

Ta, ele foi derrubado, mais porque ele foi derrubado?

Aluno

Porque ele (...).

Professor

Não.

Aluno

Porque tacaram pedra nele.

Professor

Não. O Gean acertou uma coisa, porque ele não ficou firme no?

Aluno

No chão.

Professor

Quem não fica firme no chão, é porque está o que?

Aluno

Porque estava pulando, outra hora estava (...).

Professor

Se você está em pé, você está como?

Aluno

Normal.

Professor

Com o pé firme no chão, você está com equilíbrio, se você caiu, aconteceu o que?

Aluno

Desequilibra.

Professor

Desequilibrar, hoje nossa aula vai ser sobre equilíbrio, e desequilíbrio.

Professor

Tem que passar a corda aqui.

Aluno

Também.

Aluno

O professor. O Sidnei está passando a corda e...

Professor

Não tem importância, só não desmanchar.

Aluno

E para que são aquelas bolas?

Professor

As bolas são para outras atividades.

Aluno

O que agente vai fazer?

Professor

Mas é depois desta. Bom, primeira coisa, quando que vocês estão em equilíbrio?

Aluno

Quando a gente está em pé.

Professor

Quando vocês estão em pé, então para ficar em pé, você tem que ter o que?

Aluno

Força nos pés.

Professor

Força nas pernas. Força nas pernas, para manter sempre o?

Aluno

Equilíbrio.

Professor

Controle, só que ó, o professor (...) vai falar, eu vou pedir assim, Sidnei, pegue esta corda pequena.

Aluno

Eu professor.

Professor

Aluno 1, Aluno 2 e Aluno 3, peguem a corda grandona. João Pedro, pega aquele baú, junto com a Aluno 4, para agente vir para cá. O resto vem junto comigo. Não, não o tambor ali, isto o cesto, pode pegar.

Aluno

O professor, cuidado a câmera.

Professor

Verdade, obrigado.

Aluno

O professor, o Aluno 5 fica fazendo bambolê com a corda e fica machucando todo mundo.

Professor

Aluno 5, Aluno5, olha. Senta todo mundo aqui e faz silencio. Deixa lá, depois pega. Sidnei, pedi para você brincar ou trazer a corda? Caue, Caue, pode deixar ali, pode deixar ali. E podem ir sentando, vamos lá, sentando todo mundo. Sentando todo mundo.

Aluno

Carambola, senta.

Aluno

Que frio que está aqui.

Professor

Ae, podem sentar, é, daqui a pouco agente começa a se movimentar e começa a ficar mais quente.

Aluno

Eu estou com frio.

Professor

Bom, voltando ao que nós estávamos falando, o judô é um esporte que você tem que se equilibrar, e desequilibrar o?

Aluno

Os pés, pernas.

Professor

Pernas? Você tem que equilibrar você e equilibrar as pernas? Que perna?

Aluno

Equilibrar a gente.

Aluno

Desequilibrar o adversário.

Professor

O adversário, só que se você está muito fraco, está balançando para lá e para cá, você consegue fazer isso?

Aluno

Não.

Professor

Não né? O equilíbrio agente só usa no judô?

Aluno

Não.

Professor

Aonde mais agente usa o equilíbrio?

Aluno

Nas brincadeiras.

Aluno

Aquele cara do circo, que anda na bicicleta na corda bamba.

Professor

Ó, o rapaz do circo que anda na bicicleta na corda bamba. Mais algum outro lugar?

Aluno

Surf, skate, snowboard.

Professor

Surf, skate, snowboard, só que lá o equilíbrio é um pouco diferente.

Aluno

Diferente.

Professor

Na bicicleta, todo mundo já sabe, até no futebol você precisa de equilíbrio, se não tem você?

Aluno

Cai.

Professor

Cai, aí não dá muito certo. Ó, está todo mundo falando junto e eu não vi ninguém levantando a mão pra falar. Só vou pedir para um falar. Fala Pedro Henrique.

Um dia eu estava jogando futebol, daí eu chutei pra fazer o gol e desequilibrei.

Normal, quando agente está aprendendo sempre é mais difícil. Depois que agente aprende fica mais fácil, é, tem que tomar cuidado, está bom? Pedro pode abaixar a mão que não precisa falar. Agora vou montar um circuito para vocês. Moçada, formem uma fila aqui ó, o Mateus atrás do Aluno 1.

Aluno

O professor, essa eu vou (...)

Professor

Aluno 6 lá para o fundo, Aluno 7.

Aluno

Ele furou fila.

Professor

Pedro lá para o fundo, não quero ver empurrar. Está difícil. Tem que ir em cima da corda.

Aluno

Para de empurrar Aluno 8. Vou contar para o professor o que você fez.

Aluno

O Aluno 9, dá a frente?

Aluno

Não.

Fala assim ó, dá a frente que eu te dou a frente, daí você dá uma roda.

Aluno

Eu não sei nem andar em corda.

Aluno

Deixa eu tirar o casaco.

Aluno

To ferrado.

Aluno

Ali é a linha de chegada.

Aluno

O Aluno 10 dá a frente?

Aluno

Não.

Aluno

Isso é mais um obstáculo.

Aluno

A linha de chegada vai ser assim ó, você chegou parabéns, você ganhou mil prêmios.

Professor

Criançada.

Aluno

Oi professor.

Professor

Esta daqui é uma atividade bem simples que agente vai fazer com? Aluno 3, Aluno 6 agora prestem a atenção. Esta daqui é uma atividade bem simples que agente vai fazer de equilíbrio. Que, que agente vai fazer? É um pequeno circuito que vocês vão conhecendo as diferentes superfícies que vão ter que pisar, por exemplo, passar por esta corda é diferente de passar por cima dos?

Aluno

Cones.

Professor

Madeiras, só que tem um detalhe.

Os objetos.

Professor

Os objetos, só que tem um detalhe. Calma Aluno 2, ainda não começou, só que tem um detalhe, se vocês estiverem andando em cima da corda e caírem para o lado, vocês tem que voltar lá para o final da fila e fazer tudo de novo, ta bom?

Aluno

Gostei desse joguinho.

Aluno

O professor, o Aluno 2 caiu, volta aqui atrás.

Professor

Lógico, lá atrás do Sidnei que é o ultimo da fila, ta bom? Sempre na ordem.

Aluno

O professor, aquela ali verde e amarela (...).

Professor

Você tem que passar pelo meio, ó, prestem a atenção aqui, naquela ali verde e amarela tem que passar por meio do? Dois bastões, não pode cair e nem derrubar.

Aluno

Não pode encostar nos bastões?

Professor

Na vermelha você tem que passando, pisando com os pés.

Aluno

Professor não pode tocar no bastão?

Professor

Aluno 8, eu to explicando, espera, na preta tem que passar por cima, da tabua e tem que terminar ali na azul, aquela vermelha vocês estão vendo que é bem estreitinha né? É difícil de passar ali, vamos ver quem consegue.

Aluno

Não pode fazer assim ó?

Aluno

Ta bom? Começando Aluno 2, espera um pouco Aluno 11.

Aluno

Professor não vale se segurar.

Professor

Não, anda assim Aluno 2, com a perna para frente, isso. Boa Aluno 2. Pode ir saindo Aluno 11.

Aluno

Não pisa nesse negocio preto.

Aluno

Vai Aluno 2.

Aluno

Aluno 4.

Aluno

Ai cáí.

Professor

Aluno 2 volta lá, volta lá. Passa por cima do preto agora Aluno 2.

Aluno

Eu posso ir já professor?

Professor

Espera ela passar para a outra corda. Caiu Aluno 2.

Aluno

Que raiva.

Professor

Aluno 2 foi bem heim?

Professor

Eu cai na corda. Não é mais fácil a corda. Não é não.

Aluno

Á professor.

Professor

Já Aluno 1?

Aluno

O Aluno 1 caiu ali ó.

Aluno

Strike.

Aluno

Ela conseguiu ou não conseguiu?

Aluno

Ela derrubou.

Professor

Derrubou. Aluno 3, volta lá. Pode vir. Está caindo.

O Aluno 4 de frente.

Professor

Pode voltar lá para fazer de novo Aluno 10.

Aluno

Consegui. É campeão.

Professor

O Aluno 11, fica segurando lá a madeira para o professor por favor.

Aluno

Se não tivesse a corda eu conseguiria.

Aluno

O professor, agora agente faz de novo?

Professor

Faz de novo, faz de novo. Só que Aluno 11, espera um pouquinho. Aluno 7 sem gritar né.

Aluno

Pode ir professor?

Professor

Pode, chegou na outra corda pode.

Aluno

Professor, professor.

Professor

Aluno 10, calma que eu estou falando Aluno 10. Não adianta você falar na minha frente.

Aluno

Professor posso ir? Professor.

Professor

Vai. Pode ir.

Aluno

O Aluno 10 fica segurando a madeirinha.

Aluno

Eu encostei os braços no coisa.

Professor

Não tem problema volta (...).

Aluno

O professor, ele está ajudando (...).

Professor

Não, pode deixar ele segurar. Não Aluno 10, segura assim ó.

Aluno

Eu consegui, eu consegui cara.

Professor

Meu caderno lá, pego lá, fazendo o favor, meu caderno, em cima da mesa.

Aluno

Eu fui correndo.

Aluno

Consegui, segunda vez.

Aluno

Obrigado.

Aluno

O professor, fica engatando aqui.

Professor

Oi?

Fica engatando aqui.

Professor

Vai de ladinho (...). a criançada está gostando.

Aluno

A professora da biblioteca está me chamando.

Professor

Ta, vai lá rapidinho.

Aluno

Deixou cair.

Professor

Aluno 9 volta lá, e arruma.

Aluno

Não foi eu não.

Professor

Volta lá e arruma Aluno 9.

Aluno

Você saiu e eu fiquei aqui.

O Aluno 8 que tinha deixado.

Aluno

Posso ir ali? Ali.

Professor

Ali aonde?

Aluno

Ali.

Aluno

Não, vai lá e segura Aluno 10, (...).

Aluno

O professor, eu perdi, só porque esse daqui, e aquele lá estava bambo.

Professor

Vai, mas é difícil mesmo manter o equilíbrio.

Aluno

Mas eu consegui uma vez pelo menos.

Aluno

Eu consegui duas vezes. É campeão.

Professor

Quem for terminando espera aqui. Aluno 11, você que foi o primeiro a terminar, pega a bolsa do professor, sabe qual que é?

Aluno

Não.

Professor

É uma verde e preta, por favor, bem grande, do lado da rosa.

Vai Aluno 8 vai.

Professor

Aluno 8 e Aluno 2. Espera aqui se terminou, pode sentar já.

Aluno

Eu consegui três vezes.

Aluno

Segunda, segunda.

Aluno

O professor, professor, essa?

Professor

Pode deixar aqui no armário, por favor.

Aluno

Professor pode ir?

Professor

Já terminou? Pode sentar e descansar.

Aluno

Eu fui o primeiro a ganhar (...).

O Aluno 6. Eu pedi para sentar, não, senta e descansa agora, é para a próxima atividade.

Aluno

Tem que ganhar três? Tem que ganhar três?

Aluno

O que?

Aluno

Tem que ganhar três?

Professor

Não, não é por vezes.

Aluno

Quem quiser pode ir de volta?

Professor

Não, senta e espera.

Aluno

Campeão, campeão.

Professor

O criançada, e pedi para comemorar? Não, não, vem cá todo mundo, vem todo mundo.

Não, vem aqui todo mundo. Pode sentar Sidnei, eu pedi para todo mundo sair gritando, pulando e comemorando?

Aluno

Não.

Professor

Podia comemorar depois que terminasse? Podia, mais é para fazer essa bagunça toda que vocês todos estão fazendo?

Aluno

Não.

Professor

Viram que feios que vocês ficaram? Sabem o que vocês estavam parecendo? Quando um macaco vê um monte de bananas e fica pulando feito uns doidos. É engraçado mais é feio, muito feio, quando vocês tem que comemorar, podem se divertir, pode pular, mais agora ficar pulando, atrapalhando os amigos, bagunçar. Ai não né? Assim você atrapalha a atividade do amiguinho, que está tentando fazer certinho. Ta bom? Legal. Eu gostei de fazer a atividade de equilíbrio, mais o (...), quer falar uma coisa para vocês ali também.

Professor Titular

Licença. Atrapalhar o professor aqui. Só que nós, eu e o outro professor que também (...) que estávamos assistido aqui do lado de fora. Gostaria de dizer para vocês, que eu estou decepcionado com o comportamento de vocês. Eu e o (...), estamos decepcionados, agente estávamos elogiando muito vocês, mais vocês estão provando justamente o contrario do que eu falei. Eu estou pagando mico, passando por mentiroso. A aula do professor aqui está show de bola. Então participar, vocês sabem o que fazer, tem condições de fazer, agora não precisa fazer algazarra, nem bagunçar com o amigo (...) com o professor Marcos, bem (...), está entendido?

Aluno

Está.

Professor

Obrigado professor. Bom, essa segunda atividade, vai ser com aquele papel de novo, só que agente não vai arrastar os?

Pés.

Professor

Pés, agente vai fazer um pouco diferente hoje, e pedi para trazer a bolsa, porque aqui tem os papeis para agente fazer o jogo de? Balsa.

Aluno

O que é isso?

Professor

Jogo da Balsa, é para o equilíbrio. Eu vou dar três papeis para cada um de vocês.

Aluno

É para arrastar?

Aluno

Lembra que de novo, vai ter que limpar esse chão todinho.

Aluno

Para arrastar professor?

Professor

Não. Eu falei que não era para arrastar, vocês irão ficar com os pés aqui, vão movimentar para cá, ai você tem que movimentar o pé aqui, pegar papel.

Aluno

Legal.

Professor

De novo pegar papel, ó, está longe não ta? Ai você tem que virar aqui, pegar papel, e vai de novo, vira para cá, está pertinho, vai lá, agora eu quero colocar o papel muito longe, será que dá para pegar o papel aqui atrás?

Aluno

Não.

Professor

Eu não posso, fazer assim?

Aluno

Pode.

Professor

Pode, pode, pode fazer assim sim, e aqui dá para pegar? Não, ai você não pode fechar, (...) pode fazer assim? Pode, e se eu pisar fora? Vale pisar fora?

Aluno

Não. Posso tentar.

Professor

Não né. Sem tentar, vamos fazer o seguinte, eu vou dar o papel para vocês, e vocês. Só que vão precisar de mais espaço, aqui agente tem pouco espaço. Por isso, o João Pedro, Sidnei, por isso, eu vou ficar em um ponto, e vocês vão ter que vir até mim? E eu vou mudar de ponto, conforme o tempo for passando, estamos entendidos?

Sim.

Professor

Aluno 2 para você.

Aluno

Não, eu fui o primeiro a ganhar esse daí.

Eu quero que vocês tentem chegar de todas as formas no professor, é obrigado a chegar?

Professor

Não, não né, mais tudo bem, o importante é vocês não?

Aluno

Cair.

Professor

Caírem, se caírem, volta para o ponto. Calma João Pedro, calma que eu ainda estou entregando. Ó, quem já quiser tirando esses papezinhos e deixando ali no armário para não sujar, para não sujar, ter que recolher depois podem fazer.

Aluno 4, olha para a câmera aqui ó.

Professor

Não meche ai.

Aluno

Não dá para ver ali.

Esses que estão cutucando minha mão não vai ter (...) não.

Professor

Vai, vai lá. É para você aparecer ali na frente.

Aluno

Ganhei um papel. Está aparecendo.

Professor

Agora faz tu Carlos. Está ficando legal.

Vai tu ali, e faz a mesma coisa que eu. Faz que nem eu agora, faz.

Professor

Criançada, todo mundo com (...) na parede.

Aluno

Não, não apareceu.

Professor

Caue, Caue, vem cá, vem cá. O que eu pedi para vocês? Não, não foi isso que eu pedi.

Eu pedi para ir para? A parede. Natalia, Caio. Aliás Carlos desculpe, você poderia recolher o material do professor aqui?

Aluno

Tu é Carlos?

Aluno

não

Professor

O Carlos, pegue estas madeirinhas e espalhe elas no chão, todas no chão, todas assim ó.

Aluno

Por que espalhar?

Professor

Porque precisa.

Olha ali, espalhar tudo para nós (...).

Aluno

O professor. Deixa só a moça passar ali primeiro. Ae. Fala Lú.

Aluno

O professor, posso falar com a minha irmã?

Professor

Sobre?

Aluno

Não, é que eu quero dar oi pra ela.

Professor

Depois você dá, bom agora vamos a aula. Ó, o professor vai começar aqui. Depois, eu vou mudar de?

Aluno

Lugar.

Professor

Lugar, tá bom? Começando. Natalia, agora vou pedir para ficar sentada no cantinho, se não atrapalha a atividade. Natalia senta lá no banco por favor. E, mais tem uns malandros que estão relando a mão no chão, não pode relar a mão no chão.

Aluno

O professor.

Professor

Oi?

Aluno

Ele está no caminho.

Professor

Espera um pouquinho. Sem colocar a mão no chão, ó. Para todo mundo. Para todo mundo, imagine que isto aqui é tudo um?

Aluno

Circuito.

Professor

É um rio. Não um circuito, vocês podem colocar a mão no rio para se apoiar?

Aluno

Não.

Professor

Então não adianta nada, e ó, essa parte aonde estão as madeiras, você não pode colocar em cima Caue, tem que colocar sempre do lado, está bom? Sem colocar a mão no chão. Ixi, volta todo mundo dê de o zero, todo mundo dê de o zero.

Aluno

Á, por que?

Professor

Porque tem muita gente colocando a mão ainda.

Aluno

Eu não estou colocando.

Professor

Volta todo mundo dê de o zero. Volta lá, volta lá Lucas. Sem botar a mão no chão, sem botar a mão no chão. É para equilíbrio não é para colocar a mão no chão.

Aluno

O professor, ele fica colocando o papel na minha frente. E, não é corrida ai.

Aluno

Corrida.

Professor

Vamos ver como que vocês se saem. Quem botar a mão no chão seja honesto e volte dê de o começo.

Aluno

Joguei muito longe.

Professor

E agora vai ter que dar um jeito de pegar. Não deu, volta dê de o zero. Para todo mundo, para todo mundo. Professor vai trocar de lugar, para todo mundo Pedro, é para parar.

Aluno

Vou chegar primeiro.

Professor

Voltando. E, pisou no pé, volta lá no canto Gean, volta lá no canto Gean, de novo.

Aluno

Professor estou chegando.

Professor

É só relar na minha mão. Pode parar ai rapidinho, recolhe esse outro papel. Ae, quem chegou pode parar aqui.

Aluno

O Sidnei jogou o meu papel lá para o outro lado.

Professor

Oi?

Aluno

O Sidnei jogou o papel lá ó.

Professor

Sidnei, volta lá pra pegar o papel dela. Você jogou o papel.

Aluno

Eu não joguei.

Aluno

O professor.

Professor

Está bom, podem ir para o canto. Oi. Aqui para trás ó. Volta lá, volta lá, João Pedro. Para todo mundo de novo. Quem já relou na minha mão.

Aluno

Eu não.

Professor

Volta com o papel aqui onde eu estou.

Aluno

Eu não. Agora relei.

Professor

Que eu vou voltar desde o começo.

Professor

Não pode arrastar, volta. O Gean, você não relou o papel na minha mão?

Aluno

Relei.

Professor

Então, desde o começo lá no final. É, não tem problema (...) vai ser outro.

(...)

Professor

Espera Duda, tem que apitar. Mais Pedro, João Pedro, eu ainda não apitei para continuar. Volta lá Pedro, volta lá Pedro. Não, volta desde o começo, lá aonde o João está ó. O João relou também.

Aluno

Eu estou na liderança.

Professor

Ae, ae está bom. Não apitei, seus bando de.

Aluno

O professor.

Professor

Ansiosos.

Professor

Vai lá Pedro, vai, vai, vai. Vai Pedro, muito bom Pedro. Vai Pedro.

Aluno

Eu estou na liderança.

Professor

Está empatado com o Sidnei. Parou.

Aluno

Professor.

Professor

Aqui para o canto.

Aluno

Vai. Peguei.

Professor

Olha a técnica do Sidnei como é diferente.vamos. tem que chegar aqui na minha mão rapais. Parou de novo.

Aluno

Ganhei.

Professor

Você não relou na minha mão. Agora é tarde.

Aluno

Agora que eu ia relar professor.

Professor

Mudando de lado, mudando de lado.

Aluno

O professor para lá, para lá.

Professor

Pra cá, pra cá, Gean.

Aluno

Agora eu te pego.

Aluno

Eu to do lado do professor, agora dá para ver tudo. Está chegando, esta chegando. O Caio está chegando. O Caio vai ganhar. Tem que bater na mão do professor heim. E o Caio ganhou.

Professor

Pode vir aqui para o canto Caio.

Aluno

O Caio ganhou.

Professor

E, se apoiou no Caio, volta desde o começo.

Aluno

Não vou.

Professor

Desde o começo.

Aluno

Segundo.

Aluno

Primeiro.

Aluno

Cheguei.

Professor

Espera, de novo, Caio desde o começo, volta lá volta lá. Desde o começo agora.

Aluno

E o ultimo lugar.

Aluno

Professor muda heim.

Professor

Caue, volta, calma, calma que eu não apitei. Caue, volta Caue.

Aluno

O professor muda e eu mudo junto.

Professor

Espera, espera, espera, espera que eu não apitei ainda.

Aluno

Não esta gravando.

Professor

Rapaz, olha a Duda rapaz!

Aluno

É para bater a mão no professor.

Aluno

Ae, consegui.

Professor

Ae, quem bateu a mão no professor. Pedro, ó, quem bateu na mão do professor pega os três papeis e joga lá no lixinho.

Aluno

No lixo?

Professor

É.

Aluno

Consegui.

Aluno

Posso tomar água professor?

Professor

Vai lá, jogando os papezinhos no lixo. João vai ter que fazer uma abertura doida.

Aluno

O professor, posso tomar água professor?

Professor

Pode.

Aluno

Vai.

Professor

João Pedro, volta João Pedro. O loco rapais, olha um ninja aqui ó.

Professor

Quem?

Aluno

E consegui ainda por cima pegar.

Aluno

Eu posso pegar?

Professor

Pega o papel e joga lá no lixinho do Eduardo. Pedro está ligado. Gean vai lá, i Caue, volta desde o zero.

Aluno

Pois eu ainda falei eu.

Professor

Volta desde o zero Caue.

Aluno

Eu ainda falei eu.

Professor

Você voltou desde o zero?

Aluno

Não.

Professor

Tem que voltar desde o zero, então não vale.

Aluno

Era pra você bater na mão do professor. Tu não bateu.

Professor

Caue, volta desde o zero Caue.

Aluno

Sorte.

Professor

Não tem problema.

Aluno

Que sorte né professor?

Professor

Sim. Conseguiu fazer uma abertura linda heim. O que você está fazendo ai Mateus?

Cadê o seu papeu?

Aluno

Eu já joguei.

Professor

Você já bateu na minha mão aqui?

Aluno

Já.

Professor

Aqui?

Aluno

Já.

Professor

Certeza?

Aluno

Já.

Aluno

Eu vi ele.

Professor

Então está bom. Eu acredito em você.

Aluno

Eu vi, o Mateus bateu em um, dois segundos atrás de mim.

Professor

Boa Giovane, coloca o papel lá no lixo e vai beber água.

Aluno

O professor, o Carlos pensou que eu não bati em sua mão.

Professor

Oi?

Aluno

O Carlos pensou que eu não bati a mão em sua mão.

Professor

Mais é lógico que bateu. Aluna X, tem que sentar no banco meu anjo.

Aluno

Isso daqui é um pé de carbono né? Isso daqui é um pé de carbono né?

Professor

Ae, vai lá beber água.

Aluno

O professor, isto daqui é um pé de carbono não é?

Aluno

Eu consegui.

Aluno

O professor eu estou banguelinha, caiu o meu dente aqui na escola.

Professor

Vixi. joga o papel no lixo e pode beber água.

Aluno

Olha professor. Professor.

Professor

Calma.

Aluno

Olha, o Caue roubou, o Caue roubou.

Professor

Caue volta desde o começo Caue.

Professor

Caue e João Pedro podem ir jogar o papel no lixo e beber água e voltem aqui. Quem já chegou, cada um pega um material e coloca aqui no cesto para o professor, para o sensei, coloca aqui dentro do baú.

Aluno

Baú da felicidade.

Aluno

Caiu, baú da felicidade.

Professor

Não, não, sem pegar a bola, se não vai dar bagunça. Acabou?

Professor

Não, mais uma atividade.

Aluno

É da bolas?

Professor

Não das bolas, não vai dar tempo. Fazemos outra aula.

Aluno

A professor deixa.

Professor

Não vai dar tempo.

Aluno

Professor, o da bola era como?

Professor

Todo mundo está aqui de volta?

Aluno

Sim.

Professor

Senta todo mundo aqui no chão rapidinho.

Aluno

Senta.

Professor

João, senta aqui juntinho da gente. Carlos, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, ó está faltando, o Pedro Henrique cadê? Criançada. Caue, se continuar atrapalhando de novo eu vou te tirar da brincadeira, pode ser? Não, está atrapalhando já né Caue. João Pedro também está valendo isso daí. Se continuar atrapalhando eu tiro.

Aluno

Eu posso (...), ó.

Professor

Carlos, você também, ai eu te suspendo da próxima semana.

Aluno

Olha que legal.

Professor

Vocês já conhecem a brincadeira da terra, sol e lua?

Aluno

Não.

Professor

Não. Já conhecem a brincadeira da terra, sol e lua?

Aluno

Não.

Professor

Terra, sol e lua. Á, então cada um vai ficar falando e nos não vamos brincar?

Aluno

Sim, não.

Professor

É isso que vocês querem?

Aluno

Não.

Professor

Então vamos fazer silencio, o professor esta falando, para pra ouvir, eu fiz uma pergunta e todo mundo esta falando um monte de coisa, a brincadeira do terra, sol e lua é muito fácil, ela é muito simples é para ver quem é esperto e? inteligente, quando eu dava aula de judô. Quando eu dava aula de judô lá em Maringá. Eu fazia esta brincadeira para os meninos ficarem com os reflexos bem rápidos, sabem o que é reflexo?

Aluno

Sei, é assim.

Aluno

Tipo assim, uma bola está caindo.

Professor

Uma bola. Ó, novamente todo mundo está falando e eu não estou escutando ninguém. Pedro fala o que é reflexo.

Aluno

Uma bola, um prato, uma bola vai cair daí você pega bem aqui.

Professor

Segura, é quando você consegue antecipar, sem precisar pensar muito no movimento.

Aluno

Antecipar os acidentes.

Professor

Antecipar os acidentes. Podem abaixar os braços que eu não quero sentir o cheiro de sovaco de ninguém.

Aluno

A, professor eu quero falar.

Professor

Eu também quero. Terra, sol e lua é para isso, quando eu gritar sol. Pra gente treinar. Você. O meu Deus do céu, João Pedro faz silêncio.

Aluno

Coloca uma fita na boca dele.

Professor

Não, é certo?

Aluno

Não.

Professor

Ai se você está correndo muito, você acha certo eu amarrar as suas pernas? É legal? Não né? Então só aprender a ficar quietinho que não tem problema nem um. O terra, sol e lua é bem fácil, quando eu falar sol, vocês vão ter que estar correndo. Quando eu falar terra, vocês irão ter q ficar sentados, e quando eu falar lua vocês irão ter que ficar deitados, só quem errar vai ficar de fora. Mais. No judô.

Aluno

Como? O ultimo a lua é o que mesmo?

Professor

Lua é deitado. Ó, lua deitado, quando vocês estão dormindo, terra é sentado, quando vocês estão estudando, e quando tem sol vocês estão correndo. É bem simples. Só que vamos fazer diferente. Como que agente vai fazer? Eu vou falar Shisei que significa movimentação em japonês, shisentai que é a posição natural, então tem que ficar firme, e jigotai que é posição de defesa.

Aluno

Gigotai.

Professor

Todo mundo de pé.

Aluno

Gigotai e?

Aluno

Não entendi nada.

Professor

Todo mundo ó. Shisei é movimentando, todo mundo andando, andando, andando.

Shisentai, como é que é shisentai? Ó, para assim ó, assim, igual o Giovane está ó, que bonito, jigotai, shisentai, jigotai, shisentai, shisei, á bom. Shisei é como Pedro?

Andando. Shisentai, jigotai é assim, jigotai, como é que é jigotai? Não, jigotai dobra o joelho, dobra o joelho, shisentai, jigotai, jigotai, jigotai é como?

Aluno

Assim.

Professor

Então fica na posição parado olha como todo mundo ficou.

Aluno

É que nem morto vivo.

Professor

Que nem morto vivo.

Shisei, jigotai, shisei, jigotai, shisentai, como é que é shisentai Pedro? Á bom. Shisei, jigotai. Agora quem errar vai ficar sentadinho aqui está bom?

Aluno

Certo.

Professor

Shisei, e Caue vem pra cá, jigotai, to vendo a Duda parada em Duda, shisei é como?
Vem cá Duda, pode sentar, pode sentar, shisentai, só o Mateus que fica no jogo, o resto.
Todos erraram, shisentai era como? Parado, todo mundo saiu se movimentando.

Aluno

Eu fiquei aqui parado.

Professor

Você ficou agachado, ó, Mateus ganhou esta rodada, volta todo mundo, para mais um,
vamos lá,

Mateus, Mateus.

Gigotai.

Aluno

Eu me esqueci.

Professor

Gigotai, olha para os seu amigos ,Caue, jigotai é parado eu se movimentando? É com
você mesmo, é parado eu se movimentando? Você está se movimentando não está?

Shisei

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA AULA DIA 04 DE MAIO 2010

Professor

Chi! Não estava gravando? Droga.

Um!

Correndo!

CINCO!

Caio, Caue e Pedro podem sentar.

Correndo! Correndo! Correndo!

TRÊS!

Giovani sentou Giovani.

Correndo!

SETE!

Sai Pedro Henrique, sai João, Pedro Henrique senta lá Pedro Henrique.

Aluno

Eu?

Professor

É o é. Pedro Henrique está mais fora do que os outros.

Correndo! Correndo! Correndo!

DOIS!

Chi! Deu certinho. Ali rapaz do seu lado. Abraça a Lu rapaz, vamos Sidnei. Aí.

Correndo! Correndo!

QUATRO!

Chi! Pedro Henrique sentou.

Voltando a correr. Voltando a correr.

UM!

Caio e Giovani senta porque os dois se relaram.

Correndo!

Aluno

Posso voltar?

Professor

É só uma rodada.

SEIS!

Não deu os cinco sentam.

Correndo! Correndo!

TRÊS!

O que aconteceu João Pedro? (O professor avalia e pega no colo o aluno que caiu no chão).

Correndo! Correndo!

Deixe-me ver o que aconteceu com você. Você bateu o joelho?

Aluno

O esquerdo.

Professor

O esquerdo? Hum!

UM!

Vou deixar você falar o próximo.

Correndo! Correndo!

Deixe-os correr um pouquinho, grita um número.

Aluno

QUATRO!

Professor

QUATRO! O João Pedro já gritou quatro.

Ficou alguém de fora? Senta lá João descansa um pouquinho.

Correndo!

Grita João.

Aluno

CINCO!

Professor

Maria Eduarda senta e o Carlos senta, os dois ficaram de fora. A Maria foi a última a chegar.

Carlos senta Carlos.

Correndo! Correndo!

UM!

Correndo!

Aluno

DEZ!

Professor

DEZ! Vamos. Sidnei e Luísa sentem. Tá certo, tá certo é o Sidnei e a Luísa que sentam. Dez com o Gigio estava certo.

Correndo! Correndo!

Agora deixe comigo João.

TRÊS!

Caio sentou Caio.

Correndo! Correndo!

Número ZERO!

Senta todo mundo pra cá.

Aí criançada, quando estava começando a aula eu até esqueci-me de colocar a câmera para filmar e acabou perdendo uns momentinhos,

Aluno

Ah! Não.

Professor

Mas não tem problema, foi só um pouquinho, talvez uns cinco minutinhos de aula. Acho que nem isso, talvez um pouquinho mais uns sete, mas isso é o de menos.

Bom eu falei sobre o que de observação?

Aluno

Observando a gente aprende.

Observação.

Professor

Oi? O que é observação que eu falei?

Aluno

Observando a gente aprende.

Professor

Observando a gente aprende. O Sidnei até ressaltou um negócio importante que nas poças de água é pra tomar cuidado que a gente pode pisar e?

Aluno

Eu pisei e até já secou.

Professor

Escorregar. É eu vi você, pisou na parte rasiinha.

Aluno

Ali ó.

Professor

Foi na parte boa, tá bom. Primeira coisa tem que observar para aprender. Então quando o professor está falando sempre tem que prestar bastante?

Aluno

Atenção.

Professor

Atenção. Até citei o caso do Ronaldinho Gaúcho que ele aprendeu a jogar futebol sem fazer?

Aluno

Escolinha.

Professor

Escolinha, mas ele observou?

Aluno

E aprendeu.

Professor

Muito. Ele aprendeu muito sozinho, tá. Hoje em dia ele treina no clube, aí no clube o pessoal ajuda ele, o técnico ajuda e o preparador físico, mas aí foi depois de grande né?

Aluno

O Ronaldinho gaúcho?

Professor

É lógico, no futebol o professor ensina.

Aluno

Professor pode tomar água?

Professor

Chi! Mas o que eu falei, Caio, sobre a água?

Aluno

Eu sou o próximo.

Professor

Não tem próximo porque senão vão ficar fora da atividade. Tenta se conter um pouquinho agora. Bom, a próxima atividade que nós vamos fazer é o jogo de cotonete,

Aluno

Eh! Eh! Eh!

Professor

Só que ele vai ser um pouquinho mais?

Aluno

Alto.

Professor

Alto. Por isso que eu,

Aluno

Vai ser muito complicado.

Professor

Eu estou falando, por isso é que eu trouxe esses dois colchoes, pra deixar embaixo do?

Aluno

Banco.

Professor

Banco. Porque se, vocês caírem, vocês caírem no?

Aluno

No colchão.

Professor

No colchão, no banco não, no banco vocês vão estar em cima, vocês vão cair do banco.

Aluno

Pra amortecer a queda.

Professor

Vai amortecer um pouquinho, mas mesmo assim tem que tomar um pouquinho de cuidado.

Aluno

Pode cair fora do colchão.

Professor

Mas alguns de vocês devem pensar professor isso daqui não é aula de judô, porque você ensina cotonete? Alguém sabe?

Aluno

Não. Não.

É como se fosse uma luta.

Professor

É como se fosse uma luta, um duelo. Muito bom Sidnei. Muito bom.

Aluno

Uma luta de espada.

Professor

O que é que é igual no colchonete e no judô?

Aluno

Tem que derrubar pra ganhar.

Professor

Ó fala alto Mateus. (O professor).

Aluno

Tem que derrubar pra ganhar.

Professor

Tem que derrubar pra ganhar, então aqui a gente trabalha equilíbrio e desequilíbrio. Certo? O que é que vocês têm que fazer pra derrubar o outro?

Aluno

Tem que bater nas costas e... Na bunda.

Professor

No bumbum. E quando ele cai acontece o que?

Aluno

Ele perde.

Professor

E por que ele perde?

Aluno

Porque o outro o derrubou.

Professor

E derrubar é o que?

Aluno

O adversário derrubou.

Professor

Ele derrubou. Mas quando você não consegue ficar em pé o que aconteceu?

Aluno

Desequilibrou.

Professor

Você desequilibrou, agora se eu estou batendo e os dois caem? Quem é que ganha?

Aluno

Empate.

Professor

Empate, porque ninguém teve equilíbrio para continuar no?

Aluno

Jogo.

Professor

No jogo. Então o equilíbrio e desequilíbrio no judô é a mesma coisa. Às vezes acontece dos dois entrarem nos golpes e os dois caírem no chão ao mesmo tempo, vale ponto para alguém?

Aluno

Não.

Professor

Não, porque o judô é uma luta e o que é que tem, como é que o esporte tem que ser pra ser uma luta?

Alguém lembra? Alguém lembra? Vichi! Vocês estão vendo o Bira secando a quadra e não estão prestando atenção no professor? É isso? Em ô, seus bandos de orelha seca.

Aluno

(Alunos riem.)

Professor

O que é que o esporte tem que ser pra ser uma luta? Que é diferente dos outros?

Aluno

Porque o futebol tem que fazer gol e o judô tem que derrubar o adversário.

Professor

Derrubar.

Aluno

No futebol tem que fazer gols e nos outros esportes são pontos.

Professor

Não, no futebol você tem que marcar o gol, não é quem marcou mais pontos. E na luta com é que funciona? Quem é que ganha?

Aluno

É quem derruba.

Professor

É mas isso é no judô. E em todas as lutas?

Aluno

É a mesma coisa?

Professor

No futebol é quem marca mais?

Aluno

Gols

Professor

Gols. No basquete é quem marca mais?

Aluno

Cestas ou pontos.

Professor

Cestas ou pontos. No handebol é quem marca mais?

Aluno

Gols.

Professor

Pontos ou gols.

Aluno

É um tipo de futebol?

Professor

Sim. Mas e no caratê?

Aluno

Caratê já é...

Professor

O caratê já é uma luta. E quem é que ganha?

Mas no caratê não tem so... Não tem queda, não é queda que ganha. O que é que ganha no caratê?

Aluno

Socos.

Professor

Socos e golpes. E no boxe?

São golpes. E no judô?

Aluno

Tem que cair.

Imobilizar.

Professor

Imobilizar o que?

Aluno

O adversário.

Professor

O Adversário. Quando você imobiliza o adversário você mostrou o que para todo mundo?

Aluno

Força.

Professor

Que você é forte. Que você conseguiu dominar. Então nas lutas você precisa dominar. É diferente dos esportes coletivos que você precisa marcar.

Aluno

O professor os dois aqui estão conversando, eles acham que sabem tudo.

Professor

É eu estou vendo, depois eles veem pra brincadeira e não vão saber o que fazer. É muito feio os dois.

Então é essa a diferença da luta e dos outros esportes.

Por exemplo, na dança tem que fazer o que?

Aluno

Dançar.

Professor

E você tem que dançar. Mas o que é que difere a dança do judô?

Aluno

É porque na dança você dança e não cai.

Professor

Não. Aí é que está, na dança você também cai, porque tem alguns saltos que são muito difíceis de fazer. Certo ou errado?

Aluno

Certo.

Professor

Certo né? Dançar até com as meninas é fácil né?

Aluno

É.

Professor

Mas e aquele bailado que a pessoa joga a outra pessoa pra cima, cai em pé, passa por debaixo das pernas e pega no colo?

Aluno

Dança dos cavalos.

Professor

Não precisa equilibrar?

Aluno

Patinação.

Professor

Sim. Precisa ou não precisa ter equilíbrio? É igual no judô, não é?

Mas porque é que balé é uma dança e não é uma luta?

Aluno

Porque é pra divertir as meninas.

Professor

Não! Pode ter homem bailarino, não tem problema nenhum.

Aluno

Mas eles são mais afeminados.

Professor

Vocês não ouviram falar na dança dos famosos? Não é sempre um homem e uma mulher que dançam? Então um homem também pode dançar.

Aluno

Mas é mais para o afeminado o balé.

Professor

Não. Não é mais para afeminado, é que geralmente tem mais mulheres tá. Mas não é mais pra menina não.

Bom, qual é a diferença entre a dança e a luta?

Aluno

Na dança você tem que dançar e na luta você tem que bater.

Professor

Quando você dança você faz o que? Você mostra o que para os outros?

Aluno

Que sabe dançar.

Professor

Que sabe dançar. É um movimento mais bonito, elaborado, é um pouco mais bonito de se ver. Diferente do futebol. No futebol qual que é a graça do futebol?

Aluno

Fazer gol.

Professor

Na dança qual que é a graça da dança?

Aluno

Dançar.

Professor

Dançar bonito. Quanto mais bonito melhor é. Aí, vocês se divertem mais, e no futebol **também, tá bom?**

Então, essa atividade do cotonete que nós vamos fazer agora, vai ser um pouco mais parecida com o judô por quê?

Quando vocês forem subir no banco vai acontecer o que com o banco?

Aluno

Vai tremer.

Professor

Como é que está o pé de vocês?

Aluno

O meu está limpo.

Professor

É mais ou menos, tem um pouco de poeira, um pouco de sujeira, não é?

Então se todo mundo subir com o tênis no banco vai deixar esse banco imundo e a próxima turma ou até mesmo vocês se forem sentar nesse banco vão ficar com a roupa toda suja.

Aluno

Vai tirar o tênis?

Professor

A gente vai tirar o tênis, mas calma, calma, calma, calma. Antes de tirar o tênis segura um pouquinho, porque vocês vão tirar o tênis antes de subir no banco. Vão subir primeiro no colchão. Por isso eu vou pedir para que todos se levantem do banco e todo mundo levante do colchão.

Aluno

Professor só de meia o pé não vai deslizar no banco?

Professor

Acho que não.

Antes de tirar eu pedi que todos se levantem. Eu preciso tirar o banco, vamos lá.

Não, não, não; cuidado, cuidado Carlos, pega lá na ponta Carlos. Isso. Pedro ajuda lá o Carlos, Pedro.

Calma, calma, calma, calma.

Carlos do outro lado.

Aluno

Espera aí que está muito pesado.

Professor

Segura lá. Leva mais para o meio. Mais pro meio, mais pro meio. Aí tá bom. Tá bom, tá bom, tá bom. Isso!

Chi! Criançada eu não pedi pra tirar o tênis ainda, bota todo o mundo o tênis, vamos!

(Enquanto isso o Professor ajusta dois colchonetes atravessado entre os pés do banco).

Agora senta todo mundo ali no chão.

Bom, a brincadeira de cotonete, chi! Olha o tanto de pegada que está tudo sujo aqui. A brincadeira de cotonete é fácil, quando vocês forem subir no banco ou até mesmo no colchão têm que tirar o tênis, para manter sempre limpinho. É como na sua casa, vocês sobem em cima da cama de tênis?

Aluno

Não!

Professor

Não né, porque vocês vão dormir lá não é? Imagine vocês com o travesseiro com aquele cheiro de chicletes que outro pisou no chão.

Aluno

Credo!

Professor

O tatame do judô e isso daqui (colchonete) é a mesma coisa, tem que sempre subir descalço pra sempre manter ele limpo.

Aluno

Mas e se ficar com chulé?

Professor

Mas aí passa um paninho que já tira. Cem por cento, limpo, nunca vai estar.

Quem aqui é cem por cento, limpo? Que não tem nenhuma sujeirinha no corpo?

Aluno

Eu. Eu. Eu.

Professor

Estou vendo você suado.

Aluno

Mas quando eu tomo banho eu fico limpo.

Professor

O vento não tem poeira?

Aluno

Sim porque ele trás a poeira de outros lugares.

Professor

Mas acontece que, o Carlos está inteiro sujo ou fedorento?

Aluno

Não. Tá. Não.

Professor

Não. Porque ele está limpo, mas não é cem por cento, cem por cento, não está. Um pouquinho sujo sempre vai ficar.

Aluno

É só depois que sai do banho.

Professor

É, depois do banho, mas logo depois que ficar fora vai sujar um pouquinho.

Aluno

Mas e dentro do banho?

Professor

Normal.

Aluno

É cem por cento.

Professor

Quase cem por cento, porque a água também contém alguma sujeirinha, mas não é nada que nos mate. Nós não somos tão fraquinhos assim.

Vem para cá demonstrar comigo o Sidnei.

Aluno

Eu. Deixa-me ir.

Professor eu nunca mostrei, deixe-me mostrar.

Professor

Um vai subir aqui (o professor sobe no banco) tira o tênis Sidnei, gostei de ver garoto.

Aluno

Eu não mostrei, deixe-me mostrar.

Professor

Eu chamei o Sidnei, eu falei: Sidnei.

Aluno

(A aluna faz de conta que está chorando).

Professor

Vem Sidnei.

O Sidnei vai segurar um cotonete, vira para lá Sidnei, e eu vou segurar o outro.

PRIMEIRA regra: posso bater na cabeça dele?

Aluno

Não.

Professor

Se bater na cabeça o que acontece?

Aluno

Perde ponto.

Professor

Não. Eu perco. Não perco ponto.

Posso bater aqui embaixo na perna dele?

Aluno

Não.

Professor

Imaginem se ele cai de cabeça aqui no chão,

Aluno

Meu Deus!

Professor

Olha a altura que está aqui, vocês iam querer cair de cabeça?

Aluno

Não.

Professor

Então vamos fazer uma regra assim: Jean,

Aluno

O Colchão está sujo.

Professor

Não, mesmo com o colchão pode machucar, vamos fazer uma regra assim: pra todo mundo ter segurança não bater aqui abaixo do joelho e nem na cabeça bater sempre nas costas e no “popozão”.

Recuperando a regra, posso bater aqui em baixo (abaixo do joelho)?

Aluno

Não.

Professor

Posso bater na cabeça?

Aluno

Não.

Professor

Posso bater nas costas?

Aluno

Pode.

Professor

Ah! Bom. Se eu bater e derrubar ele (professor bate nas costas e na bunda e o aluno desce do banco) quem ganhou?

Aluno

Você.

Professor

Fui eu. Volta Sidnei, não fica pisando fora não. Sobe lá. Ele pode me bater também?

Aluno

Pode.

Professor

Eu posso bater nele assim (bater com o colchonete na parte da frente do aluno)?

Aluno

Não.

Professor

Não porque assim também é perigoso. Venha para cá Sidnei.

PREPARAR.

JÁ!

Bate forte. Bate forte.

Se cair o cotonete (colchonete) eu perdi.

Como é que é o nome do jogo?

Aluno

COTONETE

Professor

Sem cotonete você faz alguma coisa?

Aluno

Não.

Professor

Não né, porque senão vira bagunça. Tira o relógio que é pra não machucar.

Aluno

Vai fazer fila por tamanho?

Professor

Sim. Vamos ver se vocês fazem rápido hoje. Quanto mais rápido mais brinca.

Sidnei põe esse tênis rapaz.

Ei! Não é pra tirar a meia senão vocês sujam o pé e sujam lá em cima rapaziada. Bota todo

mundo o calçado. Bota o tênis, todo mundo calçado, ninguém pediu pra tirar.

Assim como o Jean está pode, é como se fosse um chinelo.

Aluno

É igual a mim né?

Professor

É desse jeitinho pode. Vem pra cá...

Só que o João ganhou bastante da outra vez, fica entre o Sidnei e a Lu.

João fica entre o Sidnei e a Lu, porque da outra vez você ganhou “**bastantão**”.

Aluno

O que é que tem?

Professor

O que é que tem nada, vem pra cá, senão não vai participar. Vamos, vamos você é forte rapaz.

Vamos lá João.

João Pedro e Pedro Henrique.

Olha o cotonete. Tirem os tênis. Peguem os cotonetes.

Calma aí, calma aí.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! Vai lá pegar o cotonete Pedro Henrique.

UM a ZERO para o João Pedro.

Espera o Jean, fica de meia que está bom. Jean é melhor de três.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! Caiu o João.

UM a UM. Quem ganhar fica.

PREPAROU!

Aluno

Espera um pouquinho.

Professor

Estou esperando. Estou esperando.

JÁ!

De lado João, de lado João.

Aluno

De lado João.

Professor

João parou, parou, parou. João Pedro como é que é pra ficar? De lado, então vai.

Tchau Pedro Henrique, passa o cotonete para o Jean.

Bota o calçado Pedro Henrique.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! Caiu João Pedro. Vai lá de novo João Pedro.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Vamos João Pedro. Parou, parou. O que é que aconteceu ali?

Aluno

Ele bateu na cabeça do Jean.

Professor

Bateu na cabeça, mas foi sem querer não foi?

Aluno

Foi.

Professor

Mas qual é a regra?

Aluno

Não bater na cabeça.

Professor

Bateu perdeu. João veste o calçado.

Aluno

Mas o Jean também bateu antes.

Professor

Não, não bateu.

Aluno

Bateu. Mas ele bateu aqui o Jean.

Professor

Ô Carlos, não bateu, ele bateu na nuca. Não mais pra baixo porque senão você acerta a cabeça e aí perdeu.

Espera, espera, espera o João vestir o calçado dele e sair aí de baixo.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Bate o cotonete e empurra. Chi! Caiu Dudinha.

Volta lá Dudinha.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Caiu Dudinha. Veste o calçado.

Vai lá Math Math.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! Caiu o Mateus. Volta lá de novo.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! Caiu.

Mas olha, gostei de ver o Duelo.

Olha segurem o cotonete, bate e dá uma empurradinha.

Aluno

Pode segurar o cotonete com uma mão só?

Professor

Não. Tem que ser com as duas mãos.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! Caiu o Jean. Vamos lá.

PREPAROU!

JÁ!

Tchau Jean.

Ô João Pedro é o senhor?

Vai lá Jean, vamos lá arrumar o colchão então.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! Perdeu o cotonete. UM a ZERO para o João.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! Caiu de novo. Tchau Sidnei.

Não é próximo é próxima. Espera o Sidnei sair dali pra não machucar ele.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! Caiu o cotonete Lu.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! Caiu de novo. Tchau Lu.

PREPAROU!

Só que segura certinho o cotonete senão você cai.

JÁ!

Tchau João. Vai lá de novo.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Ô parou. Pode deixar. Pode deixar que eu arrumo. Espera que eu tenho que arrumar o equipamento. Você já foi rapaz, volta lá pro seu lugar.

Vem Cauê.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Bate e empurra. Bate e empurra Cauê. Isso. Vichi Maria. Só que criança aí não.

Pedro, aí não. Força. Força.

Chi! Caiu o Pedro.

Só que calma aí, deixe-me ensinar umas coisinhas pra vocês.

Vira pra cá Cauê, vira pra cá, Vira pra cá Cauê. Se vocês só ficam batendo (nas costas) ele vai cair assim? Tem que dar um empurrãozinho senão vocês nunca vão derrubar um ao outro.

O que é que eu estou fazendo? Se você ficar dando murro vai atrapalhar. Lembrem-se do que eu falei, bate e dá um empurrãozinho.

PREPAROU!

Vira mais, de lado Cauê.

JÁ!

Parou, parou, parou. Ó (apito). Vocês viram o que o Cauê fez? Na hora que ele ia cair ele segurou no? Pedro.

Ponto para o Pedro. Não, ele segurou nele. Você tem que se equilibrar sozinho.

JÁ.

Aluno

Para Cauê.

Professor

Já está valendo.

Sem empurrar com a mão Cauê.

Aluno

Bate e dá um empurrãozinho.

Professor

Cauê. O que eu te falei? Você tentou segurar nele e nem se preocupou quando você foi cair, vem cá.

Criançada vocês viram o que aconteceu? Alguém viu o que aconteceu?

Aluno

Ele virou.

Professor

Não. Não foi isso que aconteceu. Quando ele caiu?

Ele segurou no Pedro, aconteceu o que? Ele caiu de qualquer jeito no chão, ele se preocupou em segurar o amigo que eu falei que não podia e caiu.

Machucou o braço Cauê?

Aluno

Só um pouquinho.

Professor

Foi um pouquinho, mas poderia ter sido mais. Você tem que se preocupar Cauê quando for cair de se proteger e não derrubar o amigo ou se segurar.

O próximo é o Giovani.

Carlos, Carlos, Carlos parou de mexer senão você vai acabar batendo aqui na máquina.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Caiu Giovani.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Caiu Giovani.

Passa o cotonete para o Caio.

Aluno

Depois a gente volta?

Professor

Não. Depois não vai dar tempo.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Chi! O Caio caiu. O Caio caiu.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Vichi! Caiu de novo.

Vai lá senhor Carlos.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Parou, parou. Ponto pro Pedro porque o Carlos tentou segurar nele. UM a ZERO para o Pedro.

Já falei, não é pra segurar no adversário. Se for cair cai no colchão bonitinho.

PREPAROU!

JÁ!

Vichi! UM a UM. Vamos lá de novo.

PREPAROU!

APONTOU!

JÁ!

Pedro ó! Gostei de ver o Pedro.

Aluno

Agora é o professor e o Pedro.

Professor

Criançadas agora todo mundo vistam o tênis. Não aí não dá porque eu preciso conversar com vocês.

Aluno

Pode tomar água?

Professor

Não, espere que já, já, nós vamos.

Pedro pode soltar o cotonete.

Carlos, João Pedro, João Pedro pode soltar o cotonete.

Aluno

Ele dava umas bofetadas no meu braço, cara.

Professor

Ai **nenénzinho**.

Criançada senta todo mundo ali rapidinho. Senta lá, senta lá todo mundo juntinho.

Querem ir para o colchão? Vão para o colchão e no banco então. Só que aí vocês ficam contra o sol né. Tá bom.

Criançada, bom...

Primeira coisa eu coloquei uma regra ali depois, qual que era?

Aluno

Não bater na cabeça e na perna.

Professor

Não, essa foi desde o começo.

O pessoal que está deitado fica sentado. Vamos fazer melhor, vamos tirar o colchão daqui e vamos botar na parede que vocês ficam contra a luz.

Se vocês ficam com a luz (no rosto) atrapalha vocês.

Cauê, Cauê, Cauê você está atrapalhando Cauê. Cauê. Bota lá, bota lá, bota lá. Bota aqui perto

Maria Eduarda. Bota aqui pertinho um do outro.

Pedro Henrique e Mateus, os dois para o banco.

João, os dois aqui para o banco.

João aqui para o banco.

Pedro Henrique para o banco.

Vou ficar pra conversar no final da aula com os dois. Do jeito que está vindo não dá. Bom, primeira coisa: a regra nova que eu coloquei qual foi?

Aluno

Não se pendurar no amigo.

Professor

Não se pendurar no amigo por quê?

Aluno

Porque senão o amigo pode cair em cima de você.

Professor

No judô as coisas funcionam assim: tem que ter bastante disciplina, existe bastantes regras e o judoca tem que?

Aluno

Cumpri-las.

Professor

Cumpri-las. Por quê? As regras são feitas para que?

Aluno

Para proteger.

Professor

Para proteger. Se você começa a desrespeitá-la acontece o que?

Aluno

Começa a se machucar.

Professor

Começa a se machucar, começa a fazer de qualquer jeito, começa a fazer do jeito que dá. É a intenção da atividade?

Aluno

Não.

Professor

A intenção da atividade é o que?

Aluno

É obedecer às regras.

Professor

Não, a intenção da atividade é outra. Ou é se divertir, ou é aprender.

Aluno

Se divertir.

O Pedro ganhou em cima daquele pau ali e ganhou em cima do banco também.

Professor

Não, ali no bastão foi você, né?

Aluno

Não. Foi ele.

Professor

Foi ele. É prova, aliás, isso é prova do que?

Aluno

De força.

Professor

Não é só força, tem mais. O Pedro tem bastante?

Aluno

Equilíbrio.

Professor

Equilíbrio. Porque equilíbrio vem de onde?

Aluno

Das pernas.

Professor

Das pernas é lógico, mas o resto do corpo também ajuda. Por exemplo, ter um abdômen bastante forte, ajuda ou não ajuda?

Aluno

Ajuda.

Professor

Fica de pé, pode ser o Carlos. Pode ficar de pé.

Aluno

Meu tênis está desamarrado.

Professor

Então pode ser o Giovanni, vem cá Giovanni.

Aluno

Pronto professor. Já amarrei.

Professor

Não, deixa o Giovanni agora. Olhe eu vou mostrar na barriga do Giovanni.

Fica de pé Giovanni, duro, firme e forte. Estão vendo a barriga do Giovanni? Se eu empurro ele para trás ele faz o que com a barriga? Faz de novo. Vocês viram a barriga ficando dura firme e forte?

Então o corpo todo tem que estar preparado.

Aluno

Olha bicho!

Professor

Normal, normal, tem que fazer força.

E os braços ajudam no equilíbrio também? Vocês já viram o jogador de futebol? Senta lá Giovanni. Vocês já viram jogador de futebol? Hein criançada, Mateus vocês já viram jogador de futebol? Quando ele está correndo e alguém tromba, ele não abre os braços?

Senta lá Carlos.

Pra que?

Aluno

Pra se equilibrar.

Professor

Pra se equilibrar e não cair e continua jogando.

Sem chutar Carlos, sempre pede licença.

Às vezes pode cair, o que acontece também, mas ele abre os braços pra se equilibrar. O corpo todo nosso ajuda no equilíbrio. Então na aula o Pedro teve mais equilíbrio do que os outros. É lógico, ele pensava também, porque eu via o Pedro batendo, ele batia só no bumbum ou só nas costas?

Aluno

Não.

Professor

Ele batia bumbum, bumbum, costas, costas, costas, costas, bumbum, e ajudava o que?

Aluno

A desequilibrar.

Professor

A desequilibrar porque às vezes o cara estava em pé esperando uma cotonetada na bunda e acontecia o que? Ele ficava duro e tum! Ele batia lá em cima e ele caía para frente. Então, o Pedro também soube pensar bastante como ele ia fazer. Gostei de ver bastante Pedro.

Aluno

Eu falei pra ele empurrar bastante o coisa.

Professor

Empurrar com o cotonete.

Aluno

Eu falei e aí ele começou a ganhar.

Professor

É eu ensinei para o pessoal essa técnica também tá. Isso no judô também conta porque às vezes a pessoa tem a perna muito forte, não tem, e aí você vai tentar passar um golpe de judô que é rasteira na perna, consegue?

Aluno

Não.

Professor

Por isso é que no judô, e vocês vão ver, tem um monte de golpe.

Por exemplo, tem golpe que coloca a pessoa nas costas, tem golpe que joga a pessoa por cima de você, tem golpe que só passa uma rasteira na perna dele, tem um monte de golpes pra que?

Aluno

Tesoura.

Professor

Não. Tesoura não. Existia, mas foi proibida porque pode machucar. Não vou nem mostrar porque é proibido. Mas o que acontece, tem bastantes golpes pra vocês terem bastantes opções. Vence quem? Calma, Carlos.

Aluno

Tesoura era assim, fechava as pernas e a perna do outro ficava aqui (entre as minhas pernas) e eu tentava derrubar.

Professor

Ó eu vou mostrar rapidinho pra vocês, só que se eu mostrar vocês tem que fazer o combinando. Aquele que a gente vem fazendo desde o começo da aula.

Vai mostrar em outra pessoa?

Aluno

Não.

Professor

Vai fazer em outro lugar?

Aluno

Não.

Só quando o professor te pedir.

Professor

Mas isso é depois, vai ser bem lá na frente. Vem para cá...

Aluno

Eu, eu, eu.

Professor

Pode ser o Caio. Senta lá Carlos. Ó vou mostrar só dois que são bem fáceis. Deixe-me ver se está filmando certinho, tem que ir mais para trás com essa máquina.

Tá, primeiro golpe: Bota a mão (direita) em cima do meu ombro (esquerdo) e esta mão (esquerda) segura aqui embaixo (do meu braço direito) e abre as pernas.

Primeiro golpe: neste golpe você leva a perna assim ó. Derruba né? É fácil né? É lógico que eu estou mostrando de um jeito bem simplesinho.

Tem outro que você...

Pode segurar aqui rapaz.

Só que você não vai **rasteirar** a perna você vai abraça-lo pelo quadril, põe ele aqui (nas costas e levanta) e está pronto para jogar.

Esse golpe é igual ao outro? Qual que é a diferença?

Aluno

É que um levanta e o outro derruba.

Professor

Rasteira a perna, é isso mesmo, é essa a diferença. Então no judô vocês vão encontrar bastante disso, bastante golpe para bastante tipo de,

Aluno

A tesoura não pode né?

Professor

Já falei que não. É a terceira vez que eu estou falando, acho Carlos.

Aluno

Professor, a tesoura é assim?

Professor

Não. Eu não vou nem mostrar nem falar como é.

Aluno

É só mostrar.

Professor

Não o Pedro também não sabe. Vocês nem tem ideia de como pode ser. Não vou nem mostrar porque não quero ver ninguém nem brincando ou querendo experimentar.

É proibido. Sabem por que é proibido?

Aluno

Porque machuca.

Professor

Porque machuca a perna e pode machucar outras partes do corpo. Tem outros golpes de judô que também foram proibidos, sabem por quê? Porque machucam. É este o fato de proibir.

CANIBASSAMI, os outros nomes eu não vou lembrar, mas tem o **CANIBASSAMI**. É o nome do golpe proibido tá. Por exemplo, esse que eu mostrei varrendo a perna por fora, essa rasteirinha na perna, se chama **HOSSOTOGARI**. Aquele que eu abracei as costas da pessoa se chama **OGOSHI**.

Aluno

É proibido?

Professor

Não. Estes são permitidos. O fato de proibir é porque machuca.

A regra que a gente colocou aqui de segurar é por quê?

Aluno

Pode cair e bater a cabeça.

Professor

Machucar, então pode segurar como o Cauê fez?

Aluno

Não.

Professor

Não né. As coisas têm que ser feitas da forma certinha. Alguém se machucou hoje?

Aluno

Não.

Professor

Só o João Pedro que trombou ali no jogo dos números, né? Mas ali foi sem querer.

Aluno

E eu quando caí.

Professor

É mas porque desobedeceu a regra. Sempre que vocês tiverem uma regra, tem que cumpri-la certinho. No judô a gente ensina muito isso. Mas professor porque que tinha que tirar o tênis, por exemplo. Evita de machucar ou não?

Aluno

Não.

Professor

Não, mas é um conforto a mais, então a regra não serve só pra não machucar, serve também pra higiene, limpeza e para ficar tudo limpinho e sempre bonito. A regra serve para as coisas funcionarem bem. Mas por exemplo, se eu dissesse na regra do cotonete que não pode bater com o cotonete.

Aluno

Não seria jogo né.

Professor

Aí não seria um jogo né? Então não teria como. Mas professor, como é que eu vou derrubar a pessoa se eu não posso bater com o cotonete, entenderam? Vai bater assoprando? Aí não dá né, acho que nem um passarinho ia cair ali.

O que é que vocês acharam dessa atividade? Gostaram ou não gostaram?

Aluno

Gostamos.

Professor

Sidnei gostou da atividade?

Aluno

Sim.

Professor

Qual foi a maior dificuldade que você encontrou Sidnei?

Alguém tem alguma dificuldade que encontrou?

Fala Cauê.

Aluno

Quando ele batia nas costas desequilibrava para trás ao invés de desequilibrar para frente.

Professor

É porque você forçava o corpo para trás para não cair. O que é que você tem que fazer da próxima vez?

Aluno

Desequilibrar.

Professor

Não. Não desequilibrar.

Aluno

A gente afina o corpo.

Professor

Aí você vai falar e ele também vai pensar: ele também vai tentar fazer isso agora e eu vou tentar proteger.

Aluno

Também quando ele batia começou a doer.

Professor

Mas sabe por quê? Você estava mais de frente do que de lado, foi por isso que eu pedi pra ficar de ladinho e não de frente entendeu?

Aluno

É mas quando eu fiquei de lado começou a doer aqui.

Professor

É, mas é porque já tinha batido muito aqui, quando você estava de frente. Por isso é que tem que bater só nas costas e no bumbum.

Fala Sidnei.

Aluno

Pra não cair para trás é só ficar mais firme.

Professor

É só ficar mais firme, você pode forçar um pouquinho.

Aluno

Pode afastar né.

Professor

Um pouquinho pode se afastar muito vira patinete, aí não dá muito certo. Alguém encontrou outra dificuldade? Segurar o cotonete alguém achou difícil?

Aluno

Eu achei sim.

Eu achei difícil derrubar o Carlão.

Professor

Porque que eu falei que não podia segurar com uma mão só?

Aluno

Porque tem que fazer muita força.

Professor

Passa o cotonete aqui. Digamos que eu vá fazer assim ó. Vem para cá agora Carlos.

Se eu pegar com uma mão só posso bater com mais força?

Aluno

Pode.

Professor

Mas e se eu desgovernar um pouquinho e bum! Na orelha dele.

Aluno

Machuca. Mas eu não segurei nesse negócio (tiras que amarram o colchonete enrolado).

Professor

Mas você ia segurar, lembra? Mas assim você pode ir e ele pode escorregar aqui ó, e bate na cabeça. Por isso é que eu falei sempre com as duas mãos para ter o controle. Entendido?

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA AULA DIA 18 DE JUNHO DE 2010

Professor:

Criançada, fazendo aquele círculo aqui (...)

Aluno

Não é em círculo?

Professor:

É

Aluno

Abre mais a roda

Professor:

Olha, eu comprei (...). Não quero ver empurra-empurra na hora de pegar, tá? Vamos fazer certinho, e outra, ainda aqui é uma aula, tá? É hora de comer, mas é aula. Porque o professor trouxe a comida pra vocês? Pra todo mundo comer e conversar um pouco sobre as aulas que?

Aluno

Tivemos

Professor

Aconteceram. Que tivemos isso muito bom João Pedro.

Professor

Bom, primeira coisa, o que vocês mais gostaram da aula?

Aluno

De comer

Professor

Vocês ainda não comeram como sabem que gostaram?

Professor

Olha Carlos, calma aí, o Caio falou uma coisa aqui, qual foi que você mais gostou?

Aluno

A brincadeira do colchonete

Professor

Do colchonete, do cotonete, lá?

Aluno

Eu também, eu também

Aluno

Brincadeira do pega-pega-cortês

Professor

Ah, com a bola, né? Aquele lá achei legal também

Aluno

Vocês não escutaram que é pra fazer uma roda?

Professor

Eu tenho uma perguntinha pra fazer pra vocês

Professor

O que vocês mais aprenderam com as aulas?

Aluno

Do samurai

Professor

Da primeira posição do samurai?

Aluno

E que ele é honesto

Aluno

Ágil

Aluno

E obediente

Aluno

E rápido

Professor

Rápido e ágil é quase a mesma coisa

Professor

Quem quer suco?

INTERVENÇÃO DE UMA PROFESSORA DE FORA

Aluno

Aquilo ali é pizza?

Aluno

Professor, é de que?

Professor

E de maracujá

Aluno

Docinho

PROFESSORA DE FORA:

Olha, primeiro a Maria vai entregar o presente para o professor

Aluno

Mas não era o Giovane?

Professor

Vai colocando ali, com cuidado

Professor

“Aqui dentro tem uma surpresa maravilhosa para você”

Professor

Hum, gostei do maravilhoso

Professor

Pode ir colocando

Professor

Vamos ver. Ah, gostei. Esse é da Natália? Obrigado

Professor

olha este colorido, rapaz, olha que bonito

PROFESSORA DE FORA:

Cada um tem uma mensagem

Professor

“Marco você é legal, Natalia.” Um beijo Natalia

Professor

“Professor, você é carinhoso, fofo, muito lindo e bonito, te amo muito. Beijos Kethellin”

Professor

“Você foi o professor mais legal do mundo, queria que não acabassem nossas aulas. Beijos Lê”

Professor

“Você foi o professor mais divertido do mundo. Beijos Natalia Lema.” Obrigado

Aluno

São Paulo

Professor

“Professor queria falar que neste pouco tempo que ficamos juntos, aprendi muitas coisas e você foi muito carinhoso com a gente. Muito obrigado. Beijos, sua aluna, Mariana”

Professor

“Você foi muito legal com a gente, um abraço de sua aluna, Luiza”

Professor

“Gostei muito da aula de judô, pena que acabou, queria que tivesse mais aula, um abraço Mateus”

Professor

Cadê o Mat-Mat?

Professor

Aí Mat-Mat

Professor

Vai matar de saudades assim

Professor

“Eu gostei muito de suas aulas, eu queria q tivesse mais, mas que pena q acabou. O professor é muito legal, Giovane”

Professor

“Flamengo 0, São Paulo 3”

Professor

“Professor Marco, gostei muito de suas aula e de seu nome também, obrigado por todo q ensinou varias vezes ate q aprendemos, você é legal. Carlos Eduardo de Souza Leal.”
Valeu Carlitos

Professor

Esse aqui é o uniforme de que? Ah uniforme de judô, azul e faixa preta

Professor

“Gostei muito de suas aulas, que pena q acabou queria mais aula. Abraço. Gian”

Professor

Gostei de ver Gianzão

Professor

“Sidney“

Aluno

Faltou.

Professor

“Adorei as aulas de judô pena q ta no final, você é muito legal.“

Professor

Ah que pena q o Sidney não esta aqui

Professor

Essa aqui é uma menininha de kimono de judô, uma judoca

Professor

“Meu amigo marco, professor gostei de você, gostei do pega-pega-cortês e do colchonete. Abraço.”

Professor

Isso aí garoto

Professor

Ah pensei que era uma chuquinha. Igual o Daniel San do Karate Kid

Professor

Olha este aqui ficou bem japonês

Professor

“Professor Marco, gostei muito de você e ter feito aulas com a galera toda, gostei muito das aulas de judô obrigado por tudo uma abraço de seu amigo. Pedro”

Aluno

Volta pro circulo

Professor

Não. Tá bom assim, ta organizado. Por enquanto está, Né?

Professor

“Gostei muito das aulas de judô e queria ter mais. Gostei muito de você. Obrigado por tudo um abraço do seu amigo, João”

Professor

Qual João que é?

Professor

Aí João

Professor

“Professor muito obrigado pelo Piquenique que nos vamos participar. Você é muito legal e muito carinhoso”

Professor

Pode ir comendo criançada. Cuidado pra não derrubar.

Professor

“Gostei das aulas de judô porque você me ensinou muitos golpes.” Este é do João Pedro

Professor

Peraí, vamos abrir pra todo mundo

Professor

Pode pegar

PROFESSORA DE FORA:

A mãe do caio preparou docinho. Vou passar assim e vocês vão pegando, ta?

Professor

Pronto

PROFESSORA DE FORA:

Marco, quer brigadeiro?

Professor

“Eu gostaria de ter participado das aulas, mas minha mãe não deixou, ela tem medo que eu me machuque”

Professor

Mas não machuca, né?

Professor

Você é o melhor professor do mundo, que pena que acabou. Espero que você me de mais aulas. Cauê”

Professor

Cadê o Cauê?

Professor

Ai Cauê

Professor

Esse eu já li, é da Natalia

Professor

Vou deixar aqui em Cima e guardar com muito amor e carinho

Professor

Deixa ai criançada depois a gente come. Senta aqui agora.

Professor

Vamo lá

Professor

Vocês aprenderam sobre o samurai, não aprenderam?

Professor

Sobre o que mais vocês aprenderam?

Professor

Caio e Gian venham para cá

Professor

Sobre o que mais vocês aprenderam?

Aluno

As brincadeiras

Professor

O que vocês aprenderam nas brincadeiras?

Aluno

Todo samurai e judocas...

Aluno

Ele tinha que defender as terras deles

Professor

Quem tem q defender as terras deles?

Aluno

Os judocas

Professor

Os judocas?

Aluno

OS samurais

Professor

Judocas são lutadores não são guerreiros pra defender terras

Professor

E o que mais vocês aprenderam? O que a Maria Eduarda falou do Japão Antigo? Que mais vocês aprenderam sobre Japão Antigo?

Aluno

Aprendi tanta coisa, mas esqueci tudo

Professor

E do jogo do suborno o que vocês falaram que gostaram bastante? O que vocês mais aprenderam?

Aluno

A não aceitar suborno

Aluno

E nem oferecer

Professor

E por quê?

Aluno

Porque senão vai acabar sendo culpado também

Professor

É o que acontece de errado acaba sendo culpado também

Aluno

Alguém me ajuda a abrir isso aqui?

Aluno

Tem mais bolinha de queijo?

Professor

Alguém mais quer suco de uva?

Aluno

Já vai acabar

Professor

Mas vocês comem e bebem tudo

Aluno

Vai ter recreio?

Professor

Vai, normal

Aluno

Opa, dá pra brincar?

Professor

E o que vocês aprenderam sobre judô?

Professor

Sobre as lutas Mateus

Professor

Os golpes

Aluno

Como derrubar o adversário

(...): Como cair

Professor

Como cair

Professor

E quando o amiguinho cai e está no chão, o que tem q fazer?

Aluno

Imobilizar

Aluno

Imobilizar, muito bom

Aluno

E também ajudar o colega a levantar

Professor

Ah sim, daí já é um gesto de amizade, solidariedade, educação

Professor

Vocês aprenderam mais o que no judô?

Aluno

No pega-pega tinha que fazer saudação pra poder sair

Professor

É só no pega-pega que tem que fazer saudação antes de começar?

Aluno

Não, quando eu ia fazer o golpe (...)

Aluno

Antes de entrar no tatame

Professor

Antes de entrar no tatame. Quando é pra fazer o golpe (...)

Aluno

Também na brincadeira do cotonete a gente aprendeu sobre equilíbrio

Aluno

Sobre um pouco de equilíbrio, né?

Aluno

E na bola também. Aquelas bolas que você jogou que nos tínhamos que ir de um pé só e ir atrás do (...)

Professor

Ah, que tem que pegar as bolas, né?

Professor

Aquilo lá é uma atividade que agente faz pra vocês treinarem o equilíbrio, experimentarem um pouco, né?

Professor

Porque o equilíbrio vocês usam tanto na corrida, tanto no futebol como no judô

Professor

Só que no judô, qual que é a diferença do futebol e do judô?

Aluno

Judô é uma luta e o futebol é um esporte

Professor

Futebol é um esporte e o judô é uma luta

PROFESSORA DE FORA:

E no futebol tem que correr

Professor

Futebol tem que correr e fazer o que?

Aluno

Fazer o gol

Professor

Marcar o gol e no judô tem que fazer o que?

Aluno

Derrubar o adversário

Professor

Imobilizar o adversário, tem que ter o domínio da pessoa

Professor

Ah vocês aprenderam bem sim, falaram que não lembravam de nada

Professor

Olha como aprenderam

Aluno

Estamos lembrando de todo

Aluno

Quando o professor está dando dicas...

Professor

Estou nada. Só estou perguntando, só estou falando

PROFESSORA DE FORA:

Passa a batata pra Maria

Professor

Teve alguma coisa que vocês não gostaram na aula

Aluno

Não

Professor

Alguma brincadeira ou alguma coisa que aconteceu

Aluno

Eu sei

Aluno

Quando eles não se comportam

Quando eles se comportam

Não se comportam

Professor

Olha, o Gian falou uma coisa

Aluno

Quando os companheiros não se comportam

Professor

Então, o comportamento... Calma aí... O comportamento... Perai João... Shiii senta aí
O comportamento não é só pra respeitar o professor, mas o amiguinhos de vocês
Vocês não brincam com o amiguinho no recreio?

Aluno

Sim

Professor

Porque você vai bagunçar na aula junto com ele ou contra ele
Tem que prestar atenção

Que daí o aluninho fica feliz, o professor também fica muito feliz e você faz a atividade
com o outro companheiro

Aluno

Professor?

Professor

Calma aí que tem a Lú

Aluno

Eu não gostei do futebol que teve

Professor

Ah na ultima aula, né?

Aluno

Aham

Aluno

Eu também

Professor

É que daí já tinha encerrado já as aulas

E eu dei um espaçozinho pra vocês

Porque o pessoal tava seco pra joga futebol só porque tem a Copa do Mundo, né?

Aluno

Eu gostei também na hora que tinha que fazer o corpo dos bonecos

Eu gostei daquela

Professor

O que vocês aprenderam lá?

Aluno

As partes do corpo humano

Professor

Caio, passa o brigadeiro?

Professor

As partes do corpo humano?

Aluno

Uma pessoa constrói um corpo só e sai mais bonito do que construírem separado

Professor

Cada um uma parte?

Aluno

É. Só que tem que ter mais criatividade

Professor

Ah sim, o pessoal que pegou corpos separados teve um pouco mais de criatividade pra
fazer o boneco. É verdade

Aluno

É foi mais ou menos o que aconteceu mesmo

Eu quero suco
 Está aqui. Tem ali
 Ninguém catou meu suco, né?
 Alguém percebeu que são das cores do Brasil?
 Eu fiz, todo mundo está aqui, mas minha mãe que montou
 Serio, por quê?
 Aluno (...)

PROFESSORA DE FORA:

Está muito bom

Aluno Não tem mais?

PROFESSORA DE FORA:

O que a Natália quer mais, Natália? Olha aqui Natália, o que você quer mais?

Aluno

Faltou o branco, faltou o branco

Aluno

Esse não tem branco

Professor

Olha o branco aqui

O Mateus quando você for abrir o brigadeiro, abre assim até o branco que o ele sai inteirinho

Também quero

Professor

E o Senhor Frederico que não falou nada, o que o Senhor aprendeu, Frederico?

Professor

Não aprendeu nada Frederico?

Aluno

Professor eu aprendi uma coisa boa. Comer brigadeiro.

Comer brigadeiro é bom?

Aluno

Professor, a lona é pra não sujar o chão, né?

Professor

O chão, o pé, onde está sustentado, né?

Lembra daquela hora porque eu falei pra vocês tiraram o calcado pra entrar na lona

Imagina a gente comendo nessa lona toda suja, cheio de pegada, pisada, areia pra tudo quanto é lado

Vocês viram?

Aluni

Ruim

Ia ser gostoso

Professor

Ia ser gostoso comer areia, né?

Está vendo como é bom manter as coisas todas limpas

Ainda não acabou, tem que esperar

Aluno

Vou pegar o ultimo pão de queijo

Não é de queijo, é de frango

PROFESSORA DE FORA:

professor era pra deixar pra ele um pouquinho

Professor

Vish, esses (...) aqui?

Aluno

Vamos comer tudo

Comi doce com salgado

PROFESSOR DE FORA:

Meu Deus.

PROFESSORA DE FORA:

Professor também quer brigadeiro

PROFESSOR DE FORA:

Vou pegar um salgadinho deste aqui

PROFESSOR DE FORA:

Meu Deus

Aluno

Meu Senhor

Aluno

É comida, é rango, é rango...

PROFESSORA DE FORA:

Qual é o nome dele mesmo? Marco?

Professor

Marco

PROFESSORA DE FORA:

Passa seu telefone pra eles, depois, pra entrar em contato?

Professor

Passo sim

PROFESSORA DE FORA:

Você vai voltar mais pra cá (pra cidade) mais?

Professor

Não, eu estou morando aqui. Mas vou passar e-mail e telefone pra manter contato mesmo

PROFESSORA DE FORA:

Que legal tudo isso aqui

Professor

Ah, a idéia foi da escola

Aluno

Professor, está acabando tudo, olha

Aluno

Professor, eu trouxe aquela garrafa de 2L e o pão de mel

Aluno

Estas batatinhas ficam aqui agora. A hora que (...)

Aluno

Pão de mel...

Aluno

Olha o meu espaço...

Professor

Eu ensinei a dançar desse jeito?

Professor

Cadê meu copinho de suco?

Professor

Rapaz, você fala mais que o “Madruga”. Olha.

Aluno

Ah, não posso comer mel. Não posso comer mel, professor

Professor

Tem alergia?

Aluno

Não. As abelhas vão todas correr atrás de mim. Última vez que comi mel, as abelhas me picaram

Professor

Você já é um doce de criança

Professor

Vocês podem comer que as abelhas não vão picar vocês

Aluno

Está filmando a gente comendo?

Professor

a gente conversando e comendo, né?

Aluno

Professor, daqui a pouco todo mundo vai ao banheiro

Aluno

Fazer xixi?

Professor

Mas a comida esta tão ruim assim?

Aluno

João. João. João sorria

Sai. Eu quero filmar o cara ali

Aí não tem tempo. Vamos fazer assim. Cadê?

Professor

Vem cá. Senta todo mundo aqui em volta de novo. Senta todo mundo aqui em volta de novo.

Vamos fazer o seguinte

Começando aqui da direita. Da Maria Eduarda

Aluno

Fazer o que?

Professor

Dudinha, o que você mais aprendeu que nunca mais vai esquecer na sua vida, nessas aulas?

OUTRA Aluno Eu não sei

Professor

Você é a Duda?

Aluno

É... deixa eu ver... muitas coisas...

Professor

Só uma

Professor Não, não, na sua vez você faz isso

Aluno

Que no suborno que a gente nunca pode oferecer suborno nem aceitar

Professor

Gian, fala outra coisa

Aluno

Não sei

Professor

Fala, tem um monte. Fala uma

Alno

Do cotonete

Professor

O que você aprendeu?

Aluno

Equilíbrio

Professor

Só equilíbrio?

Aluno

Não

Professor

O que eu falei pra você na hora da brincadeira do cotonete?

Aluno

Força e agilidade

Professor

Tá Pedro Henrique

Aluno

Eu não sei

Professor

Sabe sim

Professor

Você participou muito bem

Aluno

“Antes de entrar no tatame tem q fazer a saudação” (algum outro aluno soprou)

Professor

Agora, você falou

Aluno

Não da dica

Aluno

Eu não sei

Professor

Acabaram de falar pra você. Carlos, vamos lá!

Aluno

Eu aprendi q antes de... (falando de boca cheia)

Aluno

Mas olha, isso é bagunçar né?

Antes de entrar... tem que fazer os golpes tem que fazer a saudação

Fazer a saudação...

Professor

Joãozinho?

OUTRO Aluno Eu aprendi a comer, muito

Professor

Estou vendo, tá ficando gordinho. Vai lá, João! Psiu, olha, vez do João, é a vez do João

Aluno

De pegar a bola, do equilíbrio

Professor

Do equilíbrio, você gostou mais daquele? Foi difícil fazer o trabalho em dupla ou sozinho é mais difícil?

Aluno

Sozinho é mais legal

Professor

Caio, sua vez

Aluno

Gostei de todas as brincadeiras

Professor

E do que você mais gostou de todas as brincadeiras q você gostou?

Aluno

Tudo

Professor

E me diz uma coisa desse tudo...

Aluno Que você não deve aceitar suborno

Professor Que você não deve aceitar suborno

Olha o Cauê

Aluno

Eu?

Professor

É

Aluno

Eu aprendi a ser mais ágil e aprendi mais do Japão

Professor

Do Japão você aprendeu. O que você aprendeu do Japão?

Aluno

Da parte que tinha aquele samurai. Porque hoje em dia não tem mais nada disso

Professor

Giovane, o q você mais aprendeu?

Aluno

Que não deve aceitar suborno.

Professor

Tem mais alguma coisa? Sim ou não. Não lembra? Tá bom

Lu?

Aluno

Eu aprendi que não se deve aceitar suborno

Professor

Ah, mas vocês só aprenderam isso?

Aluno

Aprendi mais brincadeiras...

Aluno

Aquela brincadeira... Carlos! Carlos senta aqui no cantinho. Do outro lado, por favor.

Senta aqui Carlos, ficar ai no meio dos meninos você bagunça demais

Só isso que você aprendeu, Lú?

Aluno

Só

Professor

Tá. Joãozinho?

Aluno

Gostei do futebol e da comida

Professor

E do judô, o que você aprendeu do judô?

Aluno

Muita coisa

Professor

Mateus, vai lá! O que você aprendeu? Qual brincadeira nova você aprendeu?

Aluno

Pega-pega-cortês

Professor

E o que você aprendeu no pega-pega-cortês

Aluno

Que tem que fazer saudação antes de entra no tatame

Professor

Por quê?

Aluno

É uma forma de respeito

Professor

Você participou pouquinho, né?

Aluno

Aprendi a me defender. Gostei muito do judô, das brincadeiras e só

Professor

Faltou uma pessoa cadê?

Aluno

Ela?

Professor

Não. Ela não participou das brincadeiras

Aluno O João não falou nada

Professor

Ele falou sim

Aluno

Mas e ela e a Kethellin?

Professor

É que elas não participaram das aulas, mas estão participando do piquenique. Do piquenique

pode

Aluno

É pra comer esta daqui (batatinha)

Professor

Mas tem mais aqui não tem? Não tem mais, acabou.

ALUNOS E ALUNS BRINCANDO EM CÍRCULO:

“Coli Colá, vem brinca quem ficar de perna aberta vai ter que rebolar”

PROFESSORA DE FORA:

Marco?

Professor

Oi

PROFESSORA DE FORA:

Tivemos uma idéia.

Professor

Qual?

PROFESSORA DE FORA:

Você disse que dá aula de judô na escola

Professor

Só que tem que ver o tatame, o acolchoado, né?

Aluno

Quero suco

Professor

Tá

Aluno

Eu derrubei suco na minha calça, no meu joelho, na minha meia...

Professor

Nossa, tomou um banho de suco

Aluno

E ele derrubou em mim bem aqui assim, olha

Professor

E você também derrubou um pouco em você agora

ALUNO COM CÂMERA:

Vou mostrar os meninos brincando de Coli Colá

Aluno

Professor, eu te amo

Aluno

Eu não sei até quando as aulas vão durar

Aluno

Vai mais longe. Beleza

Aluno

Droga, pisei no suco

Aluno

Queria dizer professor, que eu te amo demais, muito obrigada por essas aulas

Aluno

I Love you, i Love you

Professor

Quem vai comer a última bolinha de queijo? A última bolinha de queijo

Professor

Ih, tem mais uma cochinha

Professor

Ninguém vai querer a última bolinha de queijo?

Aluno

Eu. Ah...

Professor

Acabou, acabou

Aluno

Este é o fim da comida (...)

Professor

Criançada, lixinho tudo aqui dentro, heim

Aluno

Ô João, João, João. Sorriso

Aluno

Sai daí Maria

Aluno

Sai Carlos

Professor

Carlos, não mexe não

Aluno

I Love you, professor

Aluno

Sai daí, eu tava aí

Aluno

Agora perdeu o lugar

Aluno

Ô Carlos...

Aluno

É bom pra ver se não tem cárie

Aluno

Me dá uma bolachinha

Aluno

Eu já comi

Aluno

Caio, Caio, Caio eu tive uma (...)

Aluno

Ô Maria, fila eu aí

Aluno

Sai, não é pra ficar mostrando essas bobices

Aluno

Cobiças?

Aluno

Sai Cauê, cruzes

Aluno

Ei, Pedro, vocês estão sendo filmados. Sorria você está na Record

Professor

Faz assim Duda... Com cuidado. Segura aqui e põe a mão por dentro. Isso. Segura lá

Aluno

Ô professor, tem o segundo presente

Professor

Depois nós vamos brincar

Aluno

Oi Naty, dá um sorriso

ALUNOS:

A surpresa, a surpresa, a surpresa...

Aluno

Vamos para o recreio que depois eu cuido da surpresa

Aluno

Ô professor, espera aí que vou buscar um presentinho pro professor

PROFESSORA DE FORA:

Você quer jogar (...)?

Aluno

Não

Professor

Cansou, cara?

Aluno

Professor, daqui a pouco, depois de 6 meses, alguém vai ficar com a barriga desse tamanho

Professor

Com a barriga assim

Aluno

Olha, professor

Professor

Ah, um presentinho pra mim, deixa eu dar um beijo em você

Professor

que abraço gostoso

Aluno

Dá licença, dá aqui, dá aqui

Aluno

Cauê, sou eu quem estava mexendo

Professor

Duda, deixa ele brincar um pouquinho

Aluno

Hum... Estou triste

Aluno

Vamos lá, vamos dançar

Aluno

Me machucaram, me machucaram

PROFESSORA DE FORA:

Ei, amarra o tênis que você vai tropeçar, vai atropelar e vai trombar. E esse bigode novo aí?

Aluno

Ah tá

Aluno

Ô Lú, vem Lú

Aluno

Deixa eu filmar, Cauê

Professor

Depois do... Deixa a Lú filmar um pouquinho também

Professor

Depois é a Kethellin, né?

Professor

Depois é você, depois é você, depois é a Lê

Aluno

Para Lê. Sai, eu estou filmando. Eu ainda estou filmando

Aluno

Dá pra Kethellin, dá pra Kethellin

Aluno

Deixa eu ver eles ali. Pega eles

Aluno

Chega Lú, senão a gente vai embora, chega Lú

Professor

Deixa elas mexerem um pouquinho

Aluno

Depois a Naty

Aluno

E eu não, né?

Aluno

Deixa ela desenhar o boneco dela

Professor

Manda um beijo pra Xuxa

PROFESSORA DE FORA:

Ei, ei, meu computador não

Professor

Maria Eduarda, Frederico? Ajuda o professor agora. Pega na pontinha

Professor

Não, espera um pouquinho, vai chacoalhando.

Professor

Só segura

PROFESSORA DE FORA:

Agora vocês. Vão lá e mandem uma mensagem vocês todos

Aluno

Maria, vem

Aluno

Eu também quero ir junto

PROFESSOR DE FORA: T

á gravando?

Aluno

Meu nome é amor, meu sobrenome é viver, meu destino é sonhar, meu sonho é você!

PROFESSORA DE FORA:

Hum, lindo

7. ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados pais e responsáveis,

Sou Pós-Graduando do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá/PR – UEM. Estou realizando uma pesquisa sob orientação do professor **Dr. João Luiz Gasparin**, cujo objetivo é Investigar as mediações pedagógicas dos alunos no processo de aprendizagem do conteúdo judô nas aulas de Educação Física Escolar e Sistematizar uma proposta inicial do conteúdo judô para a Educação Física Escolar.

Solicito-lhe, por meio deste, autorização para participação de (a) seu (sua) filho (a) na aplicação das aulas sobre o tema acima referido, com a realização aproximada de 25 aulas, que serão gravadas por meio de filmagem se assim você permitir, posteriormente as filmagens serão arquivadas no Departamento de Teorias e Práticas da Universidade Estadual de Maringá como meio de registro das aulas ministradas com acesso restrito a visualização das filmagens. As aulas filmadas não poderão ser divulgadas em meios de informação como internet, televisão, palestras ou qualquer outro meio de comunicação, caso isso ocorra o pesquisador em questão poderá responder judicialmente pela quebra do direito de sigilo de imagens dos participantes ou qualquer outro dano causado.

Informamos que as aulas ocorrerão no mesmo turno frequentado pelos alunos na escola. O conteúdo ministrado ocorrerá durante as aulas de Educação Física com a presença do (a) professor (a) titular da turma no interior da própria escola, não acarretando custo algum para o participante.

O encaminhamento do conteúdo será feito de acordo com as capacidades físicas e cognitivas dos praticantes e as capacidades físicas ofertadas pela escola, destacando que a realização das aulas se constituirá em um ensino introdutório do conhecimento tratado, no caso o Judô. Logo a realização das aulas não abrangerão técnicas de luta, ficando a critério e desejo dos pais e da criança a aprendizagem dessa modalidade em algum centro específico.

Os conteúdos desenvolvidos em aula serão basicamente sobre o desenvolvimento histórico do Judô no Japão e sua chegada ao Brasil, movimentos básicos tais como rolamento (cambalhota), engatinhar, pular, correr, alongamentos e etc. e atividade em duplas e/ou trios. As atividades propostas serão desenvolvidas de forma lúdica com o intuito de participação e cooperação de todos, assim os (as) participantes vivenciarão com prazer as atividades propostas e se satisfarão ao realizar outras práticas corporais.

A participação de seu filho (a) nesse estudo é voluntária e se ele (a) decidir que não deva participar ou mesmo queira desistir em qualquer momento, tem a absoluta liberdade de fazê-lo sem a necessidade de justificar a desistência, sem acarretar prejuízos de qualquer ordem a ele (a) ou sem aviso prévio.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, a identidade de seu filho (a) será mantida no mais rigoroso sigilo, sendo omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a).

Os benefícios gerados a ele (a) pela participação na pesquisa pode ser o conhecimento de uma modalidade esportiva que visa o desenvolvimento integral do ser humano e a

vivência de uma prática corporal que poderá permitir ter um autoconhecimento corporal ou intelectual maior. E também poderá estar contribuindo indiretamente para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção do conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador Marco Antonio Lima Rizzo pelo telefone (47) 9961-6551 ou (44) 9947-8737, pelo orientador (44) 3041-5034 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da UEM pelo telefone (44) 3011-4444.

Atenciosamente

Marco Antonio Lima Rizzo / **RA 44458**
Pesquisador

Local/Data

Dr. João Luiz Gasparin / **Mat. 96065-5**
Orientador da Pesquisa

Local/Data

CONSINTO NA PARTICIPAÇÃO DO MEU (MINHA) FILHO (A) NESTE ESTUDO E DECLARO TER RECEBIDO UMA CÓPIA DESTE TERMO DE CONSENTIMENTO.

Nome e Assinatura dos pais ou responsáveis

Local

ANEXO B – CARTA AO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

Parecer N° 653/2009

Eu, Marco Antonio Lima Rizzo, acadêmico do curso do Mestrado em Educação, estou em um processo de realização da dissertação, sob orientação do professor Dr. João Luis Gasparin, cujo trabalho é intitulado: As Objetivações e Apropriações do conteúdo Judô nas Aulas de Educação Física Escolar.

Para concluir este trabalho necessito que verifiquem as respostas dos questionamentos no PARECER N° 653/2009.

1. Quanto ao primeiro questionamento:

Explicitar no TCLE o destino final das gravações após o uso (segue em anexo).

2. Quando ao segundo questionamento:

Providenciar a autorização da Direção da escola onde será realizada a coleta de dados, em papel timbrado ou com a aposição de carimbo da referida autoridade administrativa (segue em anexo).

Título: As Objetivações e Apropriações do conteúdo Judô nas Aulas de Educação Física Escolar

Objetivo Geral:

- Investigar as mediações pedagógicas no processo de aprendizagem do conteúdo judô nas aulas de educação física escolar.

Objetivo Específico:

- Verificar as apropriações do conteúdo judô pelos alunos nas Educação Física Escolar.

Desde de já agradecemos